

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**GUSTAVO DEBASTIANI**

**“MEU CARO SALIM”:  
A MEDIAÇÃO CULTURAL DE SALIM MIGUEL NO CONTATO COM INTELLECTUAIS  
DE LÍNGUA PORTUGUESA NA ÁFRICA (DÉCADA DE 1950)**

**CHAPECÓ  
2024**

**GUSTAVO DEBASTIANI**

**“MEU CARO SALIM”:**

**A MEDIAÇÃO CULTURAL DE SALIM MIGUEL NO CONTATO COM INTELLECTUAIS  
DE LÍNGUA PORTUGUESA NA ÁFRICA (DÉCADA DE 1950)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Machado

**CHAPECÓ**

**2024**

## **Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Debastiani, Gustavo

"Meu caro Salim": A mediação cultural de Salim Miguel no contato com intelectuais de língua portuguesa na África (década de 1950) / Gustavo Debastiani. -- 2024.

96 f.

Orientador: Doutor Ricardo Machado

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em História, Chapecó, SC, 2024.

1. Salim Miguel. 2. História intelectual. 3. Intelectual Mediador. 4. Colonialismo. 5. Salazarismo. I. Machado, Ricardo, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

**GUSTAVO DEBASTIANI**

**“MEU CARO SALIM”:**

**A MEDIAÇÃO CULTURAL DE SALIM MIGUEL NO CONTATO COM INTELLECTUAIS  
DE LÍNGUA PORTUGUESA NA ÁFRICA (DÉCADA DE 1950)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciado em História.

Este trabalho de conclusão foi defendido e aprovado pela banca em: 08/07/2024.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. Dr. Ricardo Machado  
Orientador



---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Renilda Vicenzi  
Avaliadora



---

Prof. Me. Natan Schmitz Kremer  
Avaliador



---

Prof. Me. Paulo Acácio Soares  
Avaliador

## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Ricardo Machado, que não só apresentou-me o tema como insistiu para que eu utilizasse notas de rodapé.

Aos meus colegas de turma, que junto comigo passaram todos os sufocos e alegrias da graduação e, por isso, tornaram a experiência mais leve. Não vou nomeá-los todos, mas eles sabem quem são.

Ao Luã e ao Jeferson, que desde meus sete ou oito anos caminham comigo por caminhos diferentes. Aos meus irmãos, Joel e Kátia, que infelizmente não puderam vivenciar a universidade pública e de qualidade; lutarei para que meus sobrinhos consigam. À Hellen, que sabe por quê.

E à minha mãe. Uma vez que só os agradecimentos a ela poderiam ser maiores que essas noventa e tantas páginas, agradeço-a simplesmente por tudo, tudo, tudo e um pouco mais. Tenho certeza que para dona Zélia isso basta.

## RESUMO

Este trabalho pretende discutir o contato entre Salim Miguel, um dos líderes do movimento modernista formado em Santa Catarina sob o nome de Círculo de Arte Moderna de Florianópolis (CAM), mais tarde conhecido como Grupo Sul, e escritores de língua portuguesa residentes nas colônias ultramarinas de Portugal, sobretudo Moçambique e Angola, realizado na década de 1950. Seguindo uma série de grupos de jovens intelectuais que proliferavam no Brasil desde o fim do Estado Novo na busca pela renovação das letras nacionais, o CAM surge em Florianópolis em 1947 e, no ano seguinte, lança a revista *Sul*, veículo oficial do grupo que possibilitou a ruptura com a intelectualidade local e aproximação com intelectuais do Brasil e do mundo interessados em discutir os problemas do seu tempo. Nesse sentido, Salim Miguel passa a se corresponder com escritores em solo africano em 1952 e, como consequência, estabelece um proveitoso intercâmbio cultural e intelectual com seus interlocutores na África, que, naquele período, sofriam ao mesmo tempo com o imperialismo colonialista e com a ditadura de António de Oliveira Salazar. Utilizando o conceito de intelectual mediador, ator que, entre outros, difunde, comunica, seleciona e/ou recepciona bens culturais, sempre com objetivos políticos e sociais definidos, analiso as práticas de mediação cultural realizadas por Salim Miguel no contato com esses intelectuais, além de seus desdobramentos, a partir das correspondências que os escritores em Moçambique e Angola trocavam com Salim Miguel e, também, das produções oriundas do continente africano que foram reproduzidas nas páginas da *Sul*.

**Palavras-chave:** Grupo Sul; Salim Miguel; História Intelectual; Intelectual Mediador; Salazarismo; Colonialismo;

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Publicações assinadas de Salim Miguel na revista <i>Sul</i> .....	31
Quadro 2 - Publicações de intelectuais africanos na revista <i>Sul</i> .....	78

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABDE	Associação Brasileira de Escritores
ACL	Academia Catarinense de Letras
CAM	Círculo de Arte Moderna de Florianópolis
IDCH	Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas
MPLA	Movimento Popular de Libertação de Angola
PCA	Partido Comunista Angolano
PCB	Partido Comunista do Brasil
PIDE	Polícia Internacional e de Defesa do Estado
PLUAA	Partido de Luta Unida dos Africanos de Angola
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	9
<b>Capítulo 1: Grupo Sul e Salim Miguel</b> .....	15
Os problemas e as possibilidades da modernidade em Florianópolis.....	15
A revista <i>Sul</i> e o contato com outros grupos de “novos” .....	23
Salim Miguel e o contato com intelectuais na África .....	29
<b>Capítulo 2: “Meu caro Salim”: o contato entre Salim Miguel e escritores de língua portuguesa no continente africano</b> .....	40
<i>As Cartas D’África</i> .....	40
Salim Miguel e Augusto dos Santos Abranches: o “camarada muito, muito amigo” .....	51
Salim Miguel e Viriato da Cruz: a arte como “instrumento de libertação do homem” .....	64
<b>Capítulo 3: Salim Miguel, um intelectual mediador</b> .....	74
Contribuições .....	74
Novas pontes .....	82
Aproximações e resistências .....	85
<b>Considerações finais</b> .....	92
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	94

## Introdução

*“Minha lira é humana  
É o povo, do povo e para o povo  
E eu não sei fazer versos rimados, torneados e belos,  
De frases escolhidas.  
Porque minha alma é simples e ingênua,  
Qual o povo”*<sup>1</sup>

Salim Miguel

O término quase que simultâneo da Segunda Guerra Mundial e do Estado Novo inaugura uma nova fase na literatura brasileira. Inspirados pelo fim da censura, pelo avanço da sociedade cosmopolita, pelo desenvolvimento de novas técnicas artísticas e de impressão e preocupados em renovar as letras nacionais, uma série de grupos de “novos” surge em todos os cantos do país, sobretudo nas regiões fora do eixo Rio-São Paulo como Paraná, Rio Grande do Sul e a maior parte dos estados do nordeste. Em Santa Catarina, o desejo de romper com o “passadismo” presente nas artes do estado foi levado a cabo pelo Grupo Sul, inicialmente chamado de Círculo de Arte Moderna (CAM), que congregou, na Florianópolis do final da década de 1940, intelectuais catarinenses interessados em difundir ali os ideais modernistas em ebulição no restante do país.

Segundo Salim Miguel, um dos fundadores e liderança central do movimento, o Grupo Sul se propunha a “renovar e sacudir o ambiente provinciano e de águas paradas” de Florianópolis,<sup>2</sup> compreendido por eles como um “estagnado e modorrento ambiente cultural e artístico”, fora de consonância com as discussões estéticas e intelectuais de seu tempo.<sup>3</sup> Nesse sentido, com o objetivo de produzir e propagandar em terras catarinenses o desconhecido modernismo, Salim Miguel, Eglê Malheiros, Ody Fraga e Silva, Antônio Paladino e Aníbal Nunes Pires dão início às atividades do CAM de Florianópolis em 1947.<sup>4</sup> Nos anos seguintes, inúmeros intelectuais somaram-se ao CAM e participaram de suas empreitadas nos mais diversos ramos culturais, com destaque para as áreas do teatro, que, num primeiro momento, financiou as outras atividades do grupo; do cinema, com a criação de um clube de cinema e a posterior produção do primeiro longa-metragem catarinense; e da literatura, a partir das publicações de cadernos e livros e, também, tal quais os outros grupos de “novos” espalhados

<sup>1</sup> MIGUEL, Salim. Profissão de fé. **Folha da Juventude**. Florianópolis, n. 1, nov. 1946, n.p.

<sup>2</sup> MIGUEL, Salim. O movimento do Grupo Sul. In: SOARES, Iaponan. **Salim Miguel: Literatura e coerência**. Florianópolis: Lunardelli, 1991. p. 104.

<sup>3</sup> Ibidem, p. 106.

<sup>4</sup> SABINO, Lina Leal. **Grupo Sul: O Modernismo em Santa Catarina**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

pelo Brasil, da produção de uma revista própria. A revista *Sul*, principal meio de divulgação das produções e ideais do grupo, fez o CAM, inclusive, ser conhecido no Brasil e no mundo simplesmente como Grupo Sul.

É importante destacar que, buscando lograr espaço para a arte moderna no ambiente cultural de Florianópolis, os integrantes do Grupo Sul adotaram, desde o início, um discurso que entrava em conflito com a elite intelectual local da época, marcada na historiografia como Geração da Academia.<sup>5</sup> Foi a partir desse embate que os modernistas catarinenses, gradualmente, se projetaram e ocuparam os espaços até então dominados pela Academia. É necessário, porém, problematizar a narrativa criada pelo Grupo Sul de que nada existia intelectualmente em Florianópolis e de que a cidade permanecia “ilhada” aos acontecimentos culturais do país, dado que esse discurso negou as produções da Geração da Academia para, justamente, conquistar legitimidade.<sup>6</sup> No entanto, também compreendo ser necessário estudar o movimento tendo em vista que ele carrega, em sua própria gênese e enquanto prática moderna, a necessidade de ruptura com as artes instituídas.

Dessa forma, analisarei o Grupo Sul a partir dos estudos que abordam o modernismo brasileiro como disperso, descontínuo e sendo um movimento que promoveu uma série de transformações estéticas nas artes brasileiras, possível pela modernização dos centros urbanos e do surgimento de uma cultura cosmopolita desde o fim do século XIX.<sup>7</sup> Assim, a modernização urbana de Florianópolis, intensificada na segunda metade da década de 1920, permitiu o surgimento gradual de uma consciência da modernidade; essa consciência, por sua vez, possibilitou o desabrochar de um movimento autointitulado modernista que se propunha romper com as correntes estético-literárias existentes e desenvolveu uma arte que, nem superior nem inferior à anterior, modificou, inegavelmente, o panorama cultural da cidade.

O Grupo Sul, portanto, produzia um tipo de arte que tentava acolher os novos anseios, sentimentos, técnicas, relações sociais e de trabalho que regiam a Florianópolis de meados da década de 1940. Nas palavras do próprio Salim Miguel, presentes em uma coluna escrita por ele e publicada na *Folha da Juventude* (órgão de curta duração que circulou por Florianópolis entre 1946 e 1947), a arte moderna era reflexo do “momento histórico” e das “grandes transformações” que eles estavam atravessando,<sup>8</sup> transformações essas não mais possíveis de

---

<sup>5</sup> MATOS, Felipe. **Armazém da província:** Vida literária e sociabilidades intelectuais em Florianópolis na Primeira República. 2014. Tese (Doutorado) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. p. 35.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 35-37.

<sup>7</sup> AMARAL, Aracy; BARROS, Regina Teixeira de. **Moderno onde? Moderno quando?** São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2021.

<sup>8</sup> MIGUEL, Salim. Página da Arte Moderna. **Folha da Juventude.** Florianópolis, n. 4, p. 4, jun. 1947.

serem representadas, assim como suas implicações na vida ordinária da população, sentimental ou esteticamente, nas produções da Geração da Academia.

Nesse sentido, as obras, ações e contribuições do Grupo Sul em geral e de Salim Miguel em particular, balizadas pelo discurso de ruptura, apresentam duas inovadoras características com relação às produções e ao ambiente cultural de Florianópolis conduzidos pela Academia: a primeira, a presença técnica ou estética dos aspectos da modernidade em suas produções; a segunda, o intercâmbio cultural realizado com outras partes do Brasil e do mundo para, ao mesmo tempo, difundir e conhecer as outras artes de “novos”. Um dos grandes méritos do Grupo Sul e resultado entre o cruzamento desses dois aspectos (a estética modernista e o contato com outros grupos de “novos”), o objeto desta pesquisa é as relações criadas e cultivadas durante a década de 1950 entre Salim Miguel, ator fundamental do movimento, e intelectuais de língua portuguesa no continente africano, especialmente das então colônias ultramarinas Angola e Moçambique.

Assunto pouco explorado pela historiografia até o momento,<sup>9</sup> o contato entre Salim e os intelectuais residentes na África, realizado por meio de correspondências, torna-se pertinente por conta do contexto no qual se desenrola: de um lado, um país recém-saído do período autoritário de Getúlio Vargas e, de outro, países que sofriam, ao mesmo tempo, com o colonialismo imperialista e a ditadura de António de Oliveira Salazar. Enquanto o Brasil vivia um momento de euforia democrática e novas possibilidades gráficas, o regime português exercia um rígido controle sobre as produções culturais em suas colônias africanas e, por isso, o intercâmbio com outras partes do mundo se tornava uma forma de burlar a censura colonial.

O livro *Cartas D'África e alguma poesia*, publicado por Salim Miguel em 2005, é a principal fonte desta pesquisa.<sup>10</sup> Ele reúne uma série de correspondências trocadas entre Salim e Viriato da Cruz, António Jacinto, José Graça, Mário Lopes Guerra, Américo de Carvalho e Garibaldino de Andrade, residentes em Angola; Augusto dos Santos Abranches, Orlando Mendes, Manuel Filipe de Moura Coutinho, Domingos de Azevedo e Domingos Ribeiro Silveira, residentes em Moçambique; e Felipe Rios, da Ilha de São Tomé. Como sempre, porém, as fontes são parciais e/ou incompletas: as cartas reunidas no livro foram selecionadas pelo próprio Salim, e isso já indica certos gostos, preocupações e motivos para a seleção. Além disso, o livro apresenta apenas as cartas enviadas pelos intelectuais na África e recebidas por Salim, não o contrário (embora, em algumas ocasiões, seja possível presumir o

<sup>9</sup> A relação entre Salim Miguel e escritores africanos de língua portuguesa é abordada, entre outros, por Sílvia Marcus de Souza Correa (2016), Marcelo Bittencourt (2003), Gilson Brandão de Oliveira Junior (2019), Juliana Santil (2006) e Natan Schmitz Kremer e Alexandre Vaz (2018).

<sup>10</sup> MIGUEL, Salim. *Cartas D'África e alguma poesia*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

que Salim escrevia em suas cartas pela resposta dos africanos). Também, não obtive acesso às cartas que resistiram ao tempo e que permanecem com a família de Salim Miguel, como as consultadas por Regina Dalcastagnè e discutidas em seu artigo *O rumor da vida: sobre escrita, afetos e revolução*.<sup>11</sup>

Outra fonte importante são as edições da revista *Sul*. Todos os 30 números, publicados entre 1948 e 1957, estão disponíveis *online* no site da Hemeroteca Digital Catarinense e permitem a análise das produções artísticas de autores africanos que foram publicados na revista.<sup>12</sup> Além disso, a análise dos textos de Salim Miguel publicados na *Sul* possibilita, na ausência das cartas que enviava para os intelectuais africanos, traçar alguns de seus gostos, posições políticas e concepções artísticas, o que ampliou meu horizonte quando da análise das cartas. Ainda, após a morte de Salim Miguel, os livros que o catarinense adquiriu ou recebeu ao longo da vida foram doados por sua família para o Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas (IDCH) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), em Florianópolis; aqueles que foram enviados para Salim por seus correspondentes na África, seu conteúdo e suas dedicatórias, foram consultados em visita ao IDCH em julho de 2023 e possibilitam, junto das correspondências presentes no *Cartas d'África* e dos trabalhos nas páginas da *Sul*, não só a compreensão do contexto e do caráter de suas produções, mas também da importância do contato entre os dois lados do Atlântico.

Todos esses dados serão analisados a partir das noções de mediação cultural e de intelectual mediador, discutidas por Angela de Castro Gomes e Patricia dos Santos Hansen no livro *Intelectuais mediadores - práticas culturais e ação política*.<sup>13</sup> A mediação cultural pode ser caracterizada por práticas como negociação, circularidade, apropriação e transferências de bens culturais, realizadas em diferentes tempos e espaços e por diferentes atores.<sup>14</sup> Uma vez que a mediação cultural cria significados distintos para o mesmo bem cultural e sempre é realizada com objetivos sociais, políticos e culturais definidos, Gomes e Hansen propõem uma ampliação do conceito tradicional de intelectual, definindo aqueles atores que comunicam, difundem e recebem bens culturais também como intelectuais.<sup>15</sup> Nesse sentido, Salim Miguel pode ser entendido como um intelectual não apenas a partir de sua

<sup>11</sup> DALCASTAGNÈ, Regina. O rumor da vida: sobre escrita, afetos e revolução. **Eixo Roda**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 59-72, 2018.

<sup>12</sup> PIRES, Aníbal Nunes; MIGUEL, Salim. **Sul**. Florianópolis, 1948. Disponível em: <<https://www.portalcatarina.ufsc.br/documentos/?action=midias&id=160778>>

<sup>13</sup> GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos (orgs.). **Intelectuais mediadores - práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2016.

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 8-9.

<sup>15</sup> *Ibidem*.

produção cultural (o que “reduziria” sua atuação), mas também a partir de sua *mediação*, isto é, pela função que assumiu em aproximar o CAM de movimentos semelhantes em solo africano, garantindo transferências culturais importantes que influenciam na resistência cultural e, em consequência, na ação política dos intelectuais na África.

Em diversas oportunidades, também recorri à literatura para obter as respostas que preciso, seguindo as discussões propostas por Durval Muniz de Albuquerque Júnior presentes em alguns textos do livro *História: a arte de inventar o passado*.<sup>16</sup> Albuquerque Júnior comenta que, a partir do Iluminismo, a ciência histórica foi colocada ao lado da razão para esclarecer “verdadeiramente” os fatos, fazendo da literatura algo de segunda categoria, sem a “cientificidade” necessária para analisar a realidade.<sup>17</sup> Essa foi uma das justificativas, também, utilizadas pelos europeus para dominar e escravizar os povos africanos, uma vez que a crença na “razão pura” e na “ciência objetiva” dispensou os conhecimentos acumulados ao longo de gerações e transmitidos oralmente nas sociedades africanas, lendo-os como seres sem cultura e história e, portanto, inferiores, passíveis de dominação. Nesse sentido, recorrer às produções africanas do período que denunciam as violências sofridas e vivenciadas cotidianamente é não só pensar uma nova forma de fazer história, que leva em conta diferentes tipos de produções, mas também resgatar o entendimento que os intelectuais africanos tinham de si mesmos e de sua realidade, questões que influenciam sobremaneira nas ações e relações que fazem e criam quando do contato com Salim.<sup>18</sup>

No primeiro capítulo, discuto o surgimento e a atuação do Grupo Sul em Florianópolis, o contato estabelecido com outros grupos de “novos” do Brasil e o início do contato entre Salim Miguel e intelectuais na África. A contextualização sobre o surgimento e os primeiros anos de atuação do Grupo Sul é importante para compreender a inclinação de Salim Miguel a se corresponder, posteriormente, com outros países do então chamado Terceiro Mundo. Dessa forma, analiso as ações do Grupo Sul realizadas em Florianópolis e

---

<sup>16</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaio de teoria da História. Bauru: Edusc, 2007.

<sup>17</sup> “Os pensadores modernos e os conquistadores ocidentais vão considerar que os pensadores, sociedades e povos pré-modernos eram atrasados justamente por não discernirem, por não separarem as esferas da natureza, da sociedade, da cultura e da divindade. A produção do conhecimento, no ocidente, caminhou para separar radicalmente estas esferas, negando as relações ou hibridações que pudessem haver entre elas. [...]. O procedimento científico no ocidente moderno se caracterizaria por esta prática de purificação, pela rejeição de aceitar as misturas, as relações, as superposições, as mestiçagens (entre natureza e a subjetividade/sociedade)”. Ibidem, p. 22.

<sup>18</sup> “Todo fato é, ao mesmo tempo, natureza, sociedade e discurso, pois é materialidade, relação social e produção de sentido”. Ibidem, p. 27.

seu intercâmbio cultural com outros grupos de “novos” do Brasil utilizando, sobretudo, o estudo *Revista Sul entre centro e periferia*, de Natan Schmitz Kremer.<sup>19</sup>

A situação política e social dos escritores africanos será abordada no segundo capítulo a partir do *Cartas D'África*. As violências impostas pelo regime colonial português em suas colônias ultramarinas obrigavam os escritores africanos a buscar outras possibilidades de publicação, uma vez que as prensas eram controladas pela ditadura de Salazar. Dessa maneira, o envio de suas produções pelas correspondências, uma das formas encontradas para resistir ao governo colonial, cria um intenso intercâmbio cultural entre as margens do Atlântico. Sabendo que a aproximação com diferentes intelectuais na África cria, por sua vez, diferentes relações que levam em conta as trajetórias e os objetivos de cada um dos intelectuais com quem Salim se correspondia, optei por aprofundar o contato entre Salim Miguel e Augusto dos Santos Abranches, português auto exilado em Moçambique, e entre Salim Miguel e Viriato da Cruz, angolano de fundamental importância na luta pela independência de Angola. A comparação e análise das cartas e trajetórias de correspondentes distintos possibilita uma compreensão mais definida sobre as relações criadas com cada um, sobre as diferentes ações de mediação realizadas por Salim e as consequências de cada uma delas.

Por fim, os desdobramentos do intercâmbio cultural e da mediação realizada por Salim Miguel serão discutidos no terceiro e último capítulo. Salim, entre outros, recebe, seleciona e publica as produções de intelectuais africanos na *Sul*, envia a revista do CAM e outros livros solicitados para os intelectuais na África e, também, aproxima-os de outros intelectuais no continente americano. Essas ações surgiram, sobretudo, diante de sua preocupação em fazer conhecer e ouvir as novas denúncias e sonhos que fervilhavam no meio do povo engolido pela modernidade, como o próprio Salim nos conta em seu poema *Profissão de fé*, publicado no n. 1 da *Folha da Juventude* e presente na epígrafe desta introdução; preocupação que estendeu, prontamente, para outras partes do mundo que produziam uma arte preocupada em discutir os problemas próprios de sua história e território, como os intelectuais africanos que denunciavam as violências do regime colonial e utilizavam a cultura como ferramenta na luta política. Levando em conta a afinidade ideológica, a concepção de arte semelhante e a amizade que cria com os diferentes intelectuais no continente africano, Salim encontra, na África, um canto de beleza e tragédia que solicita sua difusão.

---

<sup>19</sup> KREMER, Natan Schmitz. **Revista Sul entre centro e periferia**. 2020. TCC (Graduação) - Curso de Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

## Capítulo 1: Grupo Sul e Salim Miguel

### Os problemas e as possibilidades da modernidade em Florianópolis

Segundo contam Salim Miguel e Eglê Malheiros, o que viria a ser o Círculo de Arte Moderna de Florianópolis (CAM), mais tarde conhecido no Brasil e no mundo como Grupo Sul, começou a ganhar forma a partir de reuniões de jovens em bares e cafés no centro da cidade ou no Comitê Municipal do Partido Comunista do Brasil (PCB) da capital catarinense, nos entornos da Praça XV.<sup>20</sup> Com longas conversas sobre ciência, filosofia, cinema, livros consagrados e também sobre suas próprias produções, os jovens da cidade uniam-se não necessariamente por ideologia, mas sim pelo apreço às discussões livres das amarras conservadoras e pelo descontentamento com a elite intelectual local, fechada em si mesma e isolada dos movimentos culturais que avançavam no restante do país. Esse descontentamento levou os jovens catarinenses a organizar a *Folha da Juventude* em 1946, órgão oficial da *Juventude Proletária Catarinense* que abria as portas para publicações da mocidade e que discutia temas caros aos jovens.<sup>21</sup>

Surgem, a partir daí, colunas que demonstravam o descontentamento de maneira reticente e, depois, abertamente defendem a renovação cultural da cidade, como a presente no n. 4 da *Folha da Juventude*, de julho de 1947, intitulada *Um apelo à nossa juventude*. Não assinada, a coluna instigava os jovens de Florianópolis a abandonar antigos gostos artísticos e abraçar a nascente “Arte Moderna”.<sup>22</sup> Na mesma edição, Salim Miguel informa aos leitores da *Folha da Juventude* que os próximos números do órgão contariam com uma página exclusiva à nova arte, buscando sua disseminação e popularização. Nas palavras de Salim, a *Folha*, como seu próprio nome sugere, tinha o dever de “acolher as coisas novas e boas” e, nesse sentido, era necessário fazer a mocidade de Florianópolis interessar-se pela arte moderna para, então, lutar contra “as ideias estabelecidas, contra os dogmas da Arte, contra o passadismo”.<sup>23</sup>

Assim, ao longo de 1947, Salim Miguel, Eglê Malheiros, Ody Fraga e Silva, Antônio Paladino, Aníbal Nunes Pires e Armando Carreirão formam o Círculo de Arte Moderna<sup>24</sup> e, sob direção de Aníbal Nunes Pires, coordenam a página de arte moderna da *Folha da*

<sup>20</sup> BRUCHARD, Dorothée de (org.). **Memória de editor com Salim Miguel e Eglê Malheiros**. Escritório do Livro: Florianópolis, 2002. p. 21-22.

<sup>21</sup> As edições da *Folha da Juventude* contavam com uma chamada afirmando que “todo jovem pode e deve colaborar”.

<sup>22</sup> Um apelo à nossa juventude. **Folha da Juventude**. Florianópolis, n. 4, jun. 1947, p.1-4.

<sup>23</sup> MIGUEL, Salim. Página da arte moderna. **Folha da Juventude**, Florianópolis, n. 4, jun. 1947, p. 4.

<sup>24</sup> SABINO, ref. 4, p. 9.

*Juventude* até a dissolução do órgão, em fins daquele ano. Posteriormente, nas páginas da *Sul*, a revista oficial do CAM, o grupo mantém o discurso de ruptura com a intelectualidade estabelecida, alegando que Santa Catarina se mantinha distante dos acontecimentos culturais do Brasil. Nesse sentido, era comum a analogia da ilha para se referir, ao mesmo tempo, à característica geográfica de Florianópolis e ao aspecto dito isolado, ou “ilhado”, de sua vida intelectual e cultural, principalmente para louvar os feitos realizados pelo Grupo Sul que rompiam com esse isolamento. Da mesma forma, muitas foram as vezes que aparecem referências à Semana de Arte Moderna de 1922, evento que, no senso comum e, até pouco tempo, na historiografia, plasmou-se como o ponto inicial do modernismo no país, resgatando um marco consagrado no imaginário popular para lhes dar legitimidade, ao grupo e à causa, e desmerecer as críticas vindas da Geração da Academia.

Assim, o CAM, desde sua fundação, já entendia e pregava como necessária uma ruptura com as artes produzidas na cidade. A narrativa dos modernistas, defendida primeiro na *Folha da Juventude* e depois na revista *Sul*, de acordo com Felipe Matos, não só foi vencedora a partir da década de 1950 como também soterrou a geração anterior de escritores catarinenses que criticava.<sup>25</sup> Exercendo uma posição de destaque na intelectualidade da cidade, dominando o que Matos chama de instâncias de consagração, como a legitimidade por meio da Academia Catarinense de Letras (ACL) ou do prestígio enquanto professores nas escolas de Florianópolis, a Geração da Academia viu surgir, em 1947, um movimento que, utilizando-se da polêmica e de um insistente discurso de romper com o “atraso” das artes, alterou o panorama artístico da cidade. A estratégia de polemizar para se estabelecer foi tão bem-sucedida que, em 1949, um debate público entre o CAM e Altino Flores, um dos porta-vozes da ACL, tomou por dez meses as páginas d’*O Estado*.<sup>26</sup>

O embate foi o ponto alto das disputas entre os grupos, quando as indiretas dos dois lados assumiram os alvos abertamente: enquanto os “novos” defendiam a liberdade de criação para romper com o atraso das artes da cidade, mantida pelos “retrógrados acadêmicos”,<sup>27</sup> Altino criticava a falta de beleza e de erudição nas produções dos modernistas, coisa que subvertia a verdadeira arte.<sup>28</sup> As críticas mútuas, ainda assim, não tornaram os grupos irremediavelmente antagônicos, como propõe Matos ao discutir as relações criadas e cultivadas entre modernistas e membros da ACL durante a década de 1950, como, por exemplo, a atuação de Henrique Fontes na manutenção do Museu de Arte Moderna

<sup>25</sup> MATOS, ref. 5, p. 36.

<sup>26</sup> SABINO, ref. 4, p. 116-126.

<sup>27</sup> Ibidem.

<sup>28</sup> Ibidem.

Catarinense.<sup>29</sup> Também, a coluna de Aníbal Nunes Pires, no n. 13, destacando a importante contribuição de Virgílio Várzea (membro da ACL) para as letras catarinenses, reforça a ideia de que a disputa entre o Grupo Sul e a Academia ficou restrita, sobretudo, ao embate com Altino Flores, e que a defesa de um movimento de ruptura ficava no discurso, não interferindo nas relações muitas vezes amistosas que os dois grupos mantiveram ao longo do tempo.<sup>30</sup>

De qualquer forma, a narrativa de ruptura se manteve e o Grupo Sul passou a obter, gradualmente, o apoio do governo do estado, o financiamento de publicações e atividades, a conquista de prêmios literários e a opinião pública favorável, ou seja, as instâncias de consagração até então ocupadas exclusivamente pela Academia.<sup>31</sup> Mas não só elas: a partir da rede de contatos com outros grupos de “novos” do Brasil já bem estabelecida, com quem trocavam correspondências frequentes e compartilhavam a preocupação de renovar as artes brasileiras, o Grupo Sul amplia as ofertas de opções culturais na cidade, trazendo apresentações e artistas até então pouco conhecidos no estado. Dessa forma, o grupo não se limita às instâncias existentes, mas cria outras, corroborando a narrativa de ruptura/renovação.

O estudo de Tânia Regina de Luca sobre a *Revista do Brasil* traz elementos que ajudam a explicar o movimento do CAM. Segundo a autora, os grupos de “novos” que surgiram em todo o Brasil com o fim do Estado Novo promoveram uma luta contra o “atraso” das gerações de “velhos” e da concepção de arte estabelecida.<sup>32</sup> Os “novos” da geração de 1940, afinados com uma arte influenciada pelos mais diversos aspectos da modernidade, desde novas técnicas gráficas às novas possibilidades editoriais que chegavam às suas cidades, venceram o embate cultural que propuseram contra aqueles que rotulavam como estagnados e, já na década de 1950, emplacaram como verdade incontestável seu discurso de ruptura com a apatia e decadência culturais da época. Isso aconteceu, a autora continua, porque os historiadores do período, ocupados muito mais com o campo político do que com as esferas culturais e artísticas, compraram o discurso modernista.<sup>33</sup>

---

<sup>29</sup> MATOS, ref. 5, p. 28.

<sup>30</sup> Importante destacar, também, que os membros do CAM exaltavam, por exemplo, a figura de Cruz e Sousa, poeta de Florianópolis anterior à Geração da Academia, um dos principais expoentes do simbolismo brasileiro e alvo recorrente de Altino Flores. Cruz e Sousa ganhou uma edição especial de *Sul*, o n. 3 de abril de 1948, no qual, entre outros textos, Salim Miguel destaca que o *Atualismo de Cruz e Sousa* é decorrente de sua poesia que ajudou a abrir caminho para a arte moderna ao quebrar a métrica parnasiana. O embate, portanto, se dava não com as artes “do passado”, mas com as artes “passadistas”.

<sup>31</sup> O Grupo Sul passou a ocupar certos espaços locais de destaque, mas os membros da Academia mantiveram seu prestígio público e cargos no governo do estado, como Altino Flores e Othon d’Eça.

<sup>32</sup> DE LUCA, Tânia Regina. **A revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 23-24.

Nesse sentido, buscando legitimar-se, o movimento de “novos” que surgiu em diferentes partes do Brasil, no final da década de 1940 e durante a década de 1950, apagou ou diminuiu os movimentos estético-literários existentes entre o fim do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Contrariando o discurso do Grupo Sul e retirando a “cortina de fumaça” que os modernistas catarinenses jogaram sobre as realizações da Geração da Academia, Matos destaca que foi no período entre as décadas de 1920 e 1940 que um ambiente intelectual começou a ser desenvolvido na cidade, permitindo que o trabalho e o sustento de alguns se desse a partir da escrita, além do surgimento de um ramo editorial que passou a publicar livros e periódicos em Florianópolis.<sup>34</sup> Também, salienta a existência, no mesmo momento, de outros escritores que não os da Academia e que produziam à margem dela; antes excluídos do cânone, são soterrados de igual forma nas narrativas de “cidade ilhada” e culturalmente atrasada que passam a ser difundidas pelo Grupo Sul na segunda metade do século XX.

No entanto, vale destacar que, desde 1926, com a inauguração da ponte Hercílio Luz, Florianópolis passava por novas e significativas transformações de seu perímetro urbano e tinha, conseqüentemente, as relações sociais e de trabalho alteradas pela modernização.<sup>35</sup> Essa revitalização urbana, com a incorporação de símbolos da vida moderna europeia (novos edifícios, cafés, clubes, teatros, restaurantes, rádios, bondes e ônibus, por exemplo), transforma as dinâmicas sociais existentes<sup>36</sup> e, a partir daí, possibilita o desenvolvimento de uma arte dita modernista tanto em técnica quanto em estética que era, até então, incompatível à Geração da Academia e que trazia consigo, indissociavelmente, a necessidade de ruptura. O modernismo do Grupo Sul, assim, foi fruto de um novo tempo, de graduais transformações sociais e culturais, que permitiram a emergência de uma arte alicerçada na discussão da própria modernidade. Esse processo pode ser observado, também, em outras partes do Brasil, como São Paulo e Rio de Janeiro.

São Paulo, que se notabilizou como o berço do modernismo brasileiro a partir da Semana de 1922, passou por uma série de mudanças estruturais, arquitetônicas e paisagísticas que redefiniram sua área central pouco mais de vinte anos antes do evento.<sup>37</sup> De acordo com

---

<sup>34</sup> MATOS, ref. 5, p. 37.

<sup>35</sup> CORADINI, Lisabete. **Praça XV: espaço e sociabilidade**. Florianópolis: Letras contemporâneas, 1995.

<sup>36</sup> CEREZER, Larissa. Lugares da alimentação: espaços e práticas cotidianas no centro de Florianópolis (SC) na segunda metade do século XX (1950-1960). In: CAMPOS, Emerson César de; FALCÃO, Luiz Felipe; LOHN, Reinaldo Lindolfo (org.). **Florianópolis no tempo presente**. Florianópolis: Editora da UDESC e DIOESC, 2011. p. 119-138.

<sup>37</sup> SIMÕES JÚNIOR, José Geraldo. **O setor de obras públicas e as origens do urbanismo em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Administração Pública). Fundação Getúlio Vargas, São Paulo. 1990.

Karla Aparecida Maestrini, as reformas capitaneadas pelo prefeito Antônio Prado<sup>38</sup> tomaram o centro de São Paulo no início do século XX, como a instalação de luz elétrica e de bondes elétricos e a construção de ruas de pavimento, parques e jardins.<sup>39</sup> Além disso, obras como a do Theatro Municipal, concluído em 1911, inauguraram novos espaços que permitiram às elites locais criarem redes de sociabilidade fundamentadas na vida e boemia moderna. Com o tempo, os hábitos e as relações sociais são transformados pela possibilidade de convivência da população em teatros, jardins e cafés e, nesse sentido, ocorre uma naturalização gradual de elementos e símbolos modernos.

O mesmo processo ocorreu na então capital federal, o Rio de Janeiro, no final do século XIX. As reformas urbanas realizadas por Pereira Passos demoliram as habitações coletivas do perímetro central da cidade e abriram espaço para a construção de amplas avenidas, jardins arborizados e edifícios inspirados nas capitais europeias.<sup>40</sup> Além disso, entre o fim do século XIX e o início do século XX, a cidade passou por um processo de higienização que, baseada no racismo científico da época, visava, entre outros, erradicar doenças que infestavam a cidade, eliminando “focos” de criminalidade e contaminação.<sup>41</sup> Nesse sentido, as políticas de embelezamento e higienização do Rio caracterizam a cidade como um verdadeiro caldeirão da vida moderna, uma vez que atingiram não só as classes abastadas ou os intelectuais que frequentavam os novos espaços da elite, mas também a população empobrecida, empurrada para a periferia e sofrendo com as práticas higienistas, mas que ainda assim acessava o centro da cidade e tinha uma sociabilidade que girava em torno, principalmente, do carnaval;<sup>42</sup> ao passo que se modernizava com construções e hábitos europeus e com novas possibilidades artísticas, tinha as dinâmicas sociais alteradas pela nova organização do trabalho assalariado e suas implicações, como a necessidade de deslocamento e as novas escalas de trabalho.<sup>43</sup>

---

<sup>38</sup> A influência da família Prado, no Império e na República, e sua participação nos antecedentes e no decorrer da Semana de Arte Moderna de 1922, são analisadas em CHAIMOVICH, Felipe. A família Prado e os antecedentes das artes plásticas na Semana de 22. In: AMARAL, Aracy; BARROS, Regina Teixeira de. **Moderno onde? Moderno quando?** São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2021. p. 31-40.

<sup>39</sup> MAESTRINI, Karla Aparecida. **Em busca da cidade moderna:** As ações de saúde, de higiene e as intervenções urbanas em São Paulo durante a gestão de Antônio da Silva Prado. 2015. Dissertação (Mestrado em História Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, p. 187, 2015.

<sup>40</sup> CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril:** cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 15-56.

<sup>41</sup> Ibidem.

<sup>42</sup> CARDOSO, Rafael. **Modernidade em preto e branco:** arte e imagem, raça e identidade no Brasil, 1890-1945. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. p. 116-117.

<sup>43</sup> Ibidem, p. 181-195.

As construções e inovações tecnológicas incorporadas à vida da população, como salienta Tânia Regina de Luca, “inauguravam uma outra sensibilidade, alteravam valores, comportamentos, papéis e relações sociais”<sup>44</sup> e “impunham outra dinâmica à vida, encurtavam distâncias, transformavam os modos de percepção, esfumaçavam as fronteiras entre o real e o fictício”.<sup>45</sup> A atuação dos intelectuais, definidos pelas historiadoras Angela de Castro Gomes e Patrícia Santos Hansen como “homens da produção de conhecimentos e comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social”,<sup>46</sup> é impactada de igual forma, uma vez que, segundo Mônica Pimenta Velloso, ao intelectual moderno “só resta uma saída: aventurar-se no desconhecido, entregar-se inteiramente à arte, na perspectiva de experimentar as sensações, interrogações e perplexidades do ritmo moderno”<sup>47</sup>, encontrando nos bares e nas noites agora caóticas e iluminadas o local de experimentação dos novos tempos. Nesse sentido, enquanto o processo de modernização se desenvolve e, em paralelo, as novas dinâmicas da vida urbana eram apropriadas pela população das cidades, surgem novos movimentos estético-literários que incorporam temas modernos e que, a partir da assimilação e consciência gradual da modernidade, vão romper com as escolas existentes por alegarem sua incapacidade de representar e discutir os valores dos novos tempos.

Em São Paulo, eventos e produções de caráter modernista foram realizadas ainda antes da Semana, como a exposição de Lasar Segall, em 1913,<sup>48</sup> e a mostra realizada por Paulo Prado que reuniu, no Theatro Municipal em 1919, pintura, escultura e músicas francesas.<sup>49</sup> No Rio de Janeiro, logo no início do século, as técnicas plásticas de artistas como Helios Seelinger e Arthur Timótheo da Costa<sup>50</sup> e as inovações gráficas estampadas em revistas como *Atheneida*, *Kosmos* e *Renascença*,<sup>51</sup> são exemplos de percepções e técnicas modernas que desabrocharam quando da modernização da cidade e da chegada dos símbolos da modernidade. Os casos do Rio de Janeiro e São Paulo, dessa forma, ajudam a compreender a intrínseca e indissociável relação entre o processo de modernização e a assimilação da modernidade que culminam, entre outros, em movimentos artísticos se autointitulam modernistas.<sup>52</sup>

---

<sup>44</sup> DE LUCA, ref. 32, p. 24.

<sup>45</sup> Ibidem, p. 25.

<sup>46</sup> GOMES; HANSEN, ref. 13, p. 10.

<sup>47</sup> VELLOSO, Mônica Pimenta. **Modernismo no Rio de Janeiro**. Petrópolis: KBR Editora Digital, 2015. p. 59.

<sup>48</sup> CARDOSO, ref. 42, p. 21.

<sup>49</sup> CHAIMOVICH, ref. 38, p. 34.

<sup>50</sup> CARDOSO, ref. 42, p. 101 e 156-157.

<sup>51</sup> Ibidem, p. 156-169.

<sup>52</sup> Ibidem, p. 145-147. Cardoso destaca que o movimento no Rio de Janeiro, embora de inovações gráficas constantes e de um ambiente boêmio característico das capitais modernas, não se autointitulava modernista,

De forma semelhante, Florianópolis passa por um processo de modernização durante as décadas de 1920 e 1930, de acordo com Larissa Cerezer, e, ao afastar do centro os sinais do “atraso”, como a população empobrecida e as prostitutas, e implementar os símbolos do “progresso”, como os bondes, a pavimentação de estradas e o saneamento, tem não só a arquitetura alterada, mas também questões comportamentais, culturais e sociais.<sup>53</sup> Sempre no entorno da Praça XV, elemento central da vida social de Florianópolis,<sup>54</sup> as novas construções modernas como os bares, as rádios, os clubes e os hotéis alteram a sensibilidade e as normas de conduta da vida florianopolitana. Portanto, as transformações urbanas que ocorriam na área central de Florianópolis possibilitaram um processo gradual de assimilação dos símbolos da vida moderna; embora vultos dessa assimilação possam ter aparecido nas produções anteriores ao Grupo Sul, da mesma forma que apareceram em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro antes de grupos declaradamente modernistas surgirem, foi só em meados da década de 1940, com o fim da censura do Estado Novo e da arte financiada por ele, que os jovens artistas e intelectuais da ilha, embebidos nas novas dinâmicas sociais e de trabalho, abraçaram os problemas dos novos tempos e lançaram o Círculo de Arte Moderna.

Se um intelectual é aquele que constrói conhecimentos e os comunica, encontrando legitimidade diante do restante da população, um grupo de intelectuais forma, segundo Gomes e Hansen, uma “sociabilidade intelectual”, “prática constitutiva de grupos de intelectuais, que definem seus objetivos (culturais e políticos) e formas associativas [...] para atuar no interior de um sociedade mais ampla”.<sup>55</sup> Para o historiador Jean-François Sirinelli, na mesma linha, um grupo ou rede de intelectuais se constitui “em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver”.<sup>56</sup> No caso do CAM, duas observações a partir dessas considerações são importantes.

A primeira é, portanto, a ligação com ideais comunistas do CAM, ainda que o grupo faça questão de enfatizar, na apresentação do primeiro número da *Sul*, o caráter “apolítico” da revista.<sup>57</sup> Uma vez que boa parte das discussões que levaram à criação do CAM eram feitas no

---

mesmo compreendendo os novos problemas e possibilidades da modernidade. Esse é um dos motivos que impediram o reconhecimento do movimento estético do Rio (entre o fim do XIX e início do XX) como modernista pela historiografia.

<sup>53</sup> CEREZER, ref. 36, p. 120.

<sup>54</sup> CORADINI, ref. 35.

<sup>55</sup> GOMES; HANSEN, ref. 13, p. 24.

<sup>56</sup> SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2003, p. 248.

<sup>57</sup> “Por questão de princípios, o SUL não cogita, terminantemente, de questões político partidárias e de religião”. PIRES, Aníbal Nunes. *Sul*, Florianópolis, n. 1, jan. 1948, p. 1.

Comitê Municipal do PCB de Florianópolis; que, de acordo com Sílvio Marcus de Souza Correa, a *Sul* “promoveu a circulação de ideias e valores humanistas, comunistas e compartilhou algumas críticas ao colonialismo tardio”;<sup>58</sup> e que, segundo Natan Schmitz Kremer, os livros *Alguma gente - histórias*, de 1953, e *Rêde*, de 1955, lançados por Salim Miguel enquanto membro do CAM, são, respectivamente, inspirados em certa medida pelo “existencialismo de Sartre” e “nas pautas do PCB”,<sup>59</sup> temas que influenciavam a estética modernista e contrariavam a elite intelectual da cidade, é importante relacionar a posição de ruptura adotada pelo Grupo Sul também como uma posição política clara, orientada majoritariamente por ideais de esquerda. O outro é que, nas “estruturas de sociabilidade”<sup>60</sup> de sua época e orientados por sua posição política, os jovens intelectuais que não se viam contemplados pelas produções da ACL colocaram-se como portadores da renovação cultural do estado no momento que os prédios altos e de arquitetura moderna de Florianópolis não mais cabiam nas métricas defendidas pela Academia (ou por Altino Flores).

Para o Grupo Sul, a modernização de Florianópolis, que alterou não só os aspectos arquitetônicos, paisagísticos e econômicos da cidade, mas também as relações sociais e os comportamentos, precisava alcançar, ainda, seu aspecto cultural. Uma vez que, para eles, a transformação era impossível enquanto os mesmos intelectuais de vinte anos atrás continuassem estabelecendo diretrizes para as produções locais, o CAM propôs-se a contemplar, em suas produções, não só as possibilidades que a modernidade trazia, mas também os problemas que ela tinha criado. Assim, sem cair em julgamentos subjetivos, é possível afirmar que duas características principais fazem do Grupo Sul um verdadeiro movimento de renovação das artes catarinenses: o primeiro, a produção de uma arte que acolhia as novas dinâmicas e as novas percepções modernas, tanto estética quanto técnica e sentimentalmente; o segundo, um contato com outras regiões do Brasil que, produzindo uma arte balizada pelo modernismo, influenciava e se deixava influenciar e, assim, participava das produções artísticas de renovação nacional.

---

<sup>58</sup> CORREA, Sílvio Marcus de Souza. *Conexão Sul: contributo africano para o modernismo sul-brasileiro*. In: PAULA, Simoni Mendes de; CORREA, Sílvio Marcus de Souza (org.). *Nossa África: ensino e pesquisa*. São Leopoldo: Oikos, 2016, p. 19.

<sup>59</sup> KREMER, Natan Schmitz. **Deslocamentos do feminino em Salim Miguel**, 2022. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política, Florianópolis, 2022. p. 13.

<sup>60</sup> “As estruturas de sociabilidade variam, naturalmente, com as épocas e os subgrupos intelectuais estudados. Assim, se os ‘salões’, na fronteira entre os dois séculos, constituíam uma casa importante no jogo de ludo dos intelectuais, com suas musas da sociabilidade, eles não figuram mais entre os elementos decisivos que hoje quadriculam e subtendem a intelectualidade”. SIRINELLI, ref. 56, p. 249.

Esse duplo movimento só foi possível pela revista *Sul*. Elo comum entre os grupos de “novos” que se formavam no país, as revistas próprias surgem da necessidade de difusão das concepções de arte da juventude, abrigando escritores que não tinham legitimidade nos veículos tradicionais e noticiando suas ações, desenvolvidas na tentativa de ocupar ainda mais terreno na cultura local e, em consequência, firmar-se nacionalmente a partir da circulação da revista e do reconhecimento de seus pares. Após a experiência inicial na *Folha da Juventude*, os jovens do CAM têm na revista *Sul*, a partir de seu lançamento em 1948, o veículo oficial que insere o grupo no grande movimento nacional de renovação das letras.

### **A revista *Sul* e o contato com outros grupos de “novos”**

Como demonstra Lina Leal Sabino em *Grupo Sul: o Modernismo em Santa Catarina*, estudo pioneiro sobre o assunto, o CAM atuou em diversas frentes desde sua formação. No teatro, por exemplo, as primeiras apresentações realizadas pelo grupo, em 1947, trouxeram para o Brasil peças nunca antes encenadas e lhes permitiram custear a publicação dos primeiros números da *Sul*.<sup>61</sup> A partir dessas apresentações surge o Teatro Experimental do CAM, buscando, entre outros, mediar a vinda de companhias de teatro de fora do estado para apresentações em Florianópolis.<sup>62</sup> Também, o Clube de Cinema de Florianópolis, em contato frequente e proveitoso com seu congênere de Porto Alegre, conseguiu realizar diversas mostras de filmes internacionais, vindos da Europa e inúmeros países da América.<sup>63</sup> O primeiro filme gravado e produzido em Santa Catarina, aliás, foi realização do Grupo Sul, chamado de *O preço da ilusão*, resultado de um ambiente que debatia cinema e do envolvimento dos jovens na experimentação das possibilidades da sétima arte.<sup>64</sup> Os dois casos evidenciam a preocupação do CAM em renovar as ofertas culturais na cidade.

No entanto, foi com a publicação frequente, ainda que não regular, da revista *Sul*, que a proposta de renovação cultural se estabelece em definitivo, a partir da participação do CAM na grande rede nacional que, desde 1945, articulava um movimento de renovação das letras brasileiras. A comunhão da “sensibilidade ideológica ou cultural” em torno do discurso de ruptura é essencial para a criação do grupo e, após, impele sua atuação para a confecção de

---

<sup>61</sup> SABINO, ref. 4, p. 37.

<sup>62</sup> Ibidem, p. 43.

<sup>63</sup> Ibidem, p. 53-56.

<sup>64</sup> Ibidem, p. 57.

uma revista, veículo de divulgação próprio “onde os laços [do grupo] se atam”<sup>65</sup> e “um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva” entre os membros.<sup>66</sup> O CAM, à época da produção e do lançamento da revista *Sul*, entre o final de 1947 e o início de 1948, era formado por Salim Miguel, Aníbal Nunes Pires, Ody Fraga, Antônio Paladino, Eglê Malheiros e Armando Carreirão. Salim, de ascendência libanesa, era contista e crítico literário; Aníbal, professor respeitado na cidade, flutuava entre contos e poesia; Ody Fraga se destacava por sua atuação no teatro, seja produção, direção ou criação de peças; Antônio Paladino, que morreu nos primeiros anos do CAM, também alternava entre contos e poesia; Eglê, filiada ao PCB desde sua juventude, foi poeta e crítica literária; e Armando Carreirão publicou alguns poucos poemas ao longo dos anos na *Sul*.

Todos eles colaboraram com ao menos uma produção no primeiro número da revista, de janeiro de 1948, que contou, também, com textos de outros colaboradores da cidade e de reproduções de jornais europeus. Ao longo de seus trinta números (o último é de dezembro de 1957), uma quantidade sem-fim de artistas, catarinenses ou não, brasileiros ou não, passaram pelas páginas da revista publicando produções das mais diversas, como poesias, contos, ilustrações e críticas culturais, além das constantes alfinetadas nos “academicistas” de Florianópolis. Essa rede de contatos que possibilitou o intenso intercâmbio cultural entre os grupos e a publicação de autores de fora do estado na *Sul* começa a ser criada tão logo a revista é publicada, uma vez que os integrantes do CAM passam a enviar, em busca de permuta e contato com outros grupos de “novos”, os números da *Sul* para outras regiões do país, como demonstram as reproduções de cartas e comentários de escritores e intelectuais de diferentes locais do Brasil no n. 6, de dezembro de 1948.<sup>67</sup>

Rapidamente, como consequência do contato buscado pelos jovens do CAM, uma tímida rede com outros escritores e intelectuais começa a ser tecida. Dessa forma, não só a *Sul* vai a Ceará ou ao Rio Grande do Sul, mas também *Clã*, de Fortaleza, e *Quixote*, de Porto Alegre, chegam a Florianópolis. Exemplos são *Sul* n. 2, de fevereiro de 1948, na qual Hamilton Ferreira agradece, entre outros, Dalton Trevisan pelo envio de exemplares da *Joaquim* enviados de Curitiba,<sup>68</sup> e *Sul* n. 3, de abril do mesmo ano, que conta com uma sessão de revistas recebidas de Porto Alegre, Curitiba e do Rio de Janeiro.<sup>69</sup> No mesmo número, o

<sup>65</sup> “O meio intelectual constitui, ao menos para seu núcleo central, um ‘pequeno mundo estreito’, onde os laços se atam, por exemplo, em torno da redação de uma revista ou do conselho editorial de uma editora”. SIRINELLI, ref. 56, p. 248.

<sup>66</sup> Ibidem, p. 249.

<sup>67</sup> O que dizem de “Sul”. *Sul*, Florianópolis, n. 6, dez. 1948, p. 2.

<sup>68</sup> *Sul*, Florianópolis, n. 2, fev. 1948, p. 11.

<sup>69</sup> *Sul*, Florianópolis, n. 3, abr. 1948, p. 12.

grupo reproduz uma carta de Reinaldo Moura, escritor gaúcho que se diz animado em saber de outras publicações no Brasil que carregam as novas ideias em curso no restante do mundo.<sup>70</sup> É de Reinaldo Moura, também, a primeira publicação de uma produção de fora de Santa Catarina: tão animado ficara com *Sul*, decide dela fazer parte enviando junto de sua carta um poema inédito para ser publicado na revista.<sup>71</sup>

Já no primeiro ano de publicação, as edições da *Sul* passam a ter um significativo número de contribuições de outras partes do país, como Pernambuco,<sup>72</sup> Rio Grande do Norte,<sup>73</sup> Minas Gerais<sup>74</sup> e Amazonas,<sup>75</sup> exemplificando que, desde seu lançamento, *Sul* circulava fora do estado e o Grupo Sul criava relações amistosas com outros grupos de “novos” do país, afirmando-se, a nível local e nacional, como a grande difusora da arte moderna em Santa Catarina. Sobre a recepção e circulação da *Sul* em outras regiões do Brasil, o estudo de Kremer nos ajuda a compreender a dinâmica criada entre o CAM e outros grupos e intelectuais pelo Brasil. Analisando a substituição gradual das reproduções de textos franceses e ingleses, que ocupavam as primeiras publicações da revista para preencher a falta de conteúdo, por produções recebidas dos diferentes grupos de “novos” com quem os membros do CAM se correspondiam, Kremer pontua que *Sul* “deixa de ser propriamente o espaço de publicação da intelectualidade florianopolitana e, investindo no ineditismo, passa a congregar em suas páginas, já nos primeiros anos, a produção dos novos do Brasil”.<sup>76</sup>

Exemplo da importância dada ao contato e intercâmbio com outros grupos de “novos” é o informe que *Sul* passa a abrigar a partir de seu n. 6, dizendo que “acolherá em suas páginas, com a maior simpatia, toda a colaboração enviada, de qualquer parte do Brasil, especialmente dos jovens”.<sup>77</sup> O movimento de solicitar e publicar produções de “novos” acontece não só pela necessidade de conteúdo para publicação, segundo Kremer, mas também pela possibilidade de legitimar as produções dos integrantes da *Sul* a partir da periferia, ou seja, das cidades fora do eixo Rio-São Paulo.<sup>78</sup> Produzindo longe dos centros, mas já com possibilidades gráficas para a publicação de revistas e livros produzidos pelos seus, os grupos de “novos” que surgiram com o fim do Estado Novo não tinham a necessidade de apelar ao

<sup>70</sup> MOURA, Reinaldo. Carta. **Sul**, Florianópolis, n. 3, abr. 1948, p. 2.

<sup>71</sup> MOURA, Reinaldo. A tarde imóvel. **Sul**, Florianópolis, n. 3, abr. 1948, p. 3.

<sup>72</sup> MAIOR, Moacir Souto. Vagabundagem. **Sul**, Florianópolis, n. 4, jun. 1948, p. 3.

<sup>73</sup> GOMES, José Bezerra. Evocação da cidade de Natal. **Sul**, Florianópolis, n. 4, jun. 1948, p. 3.

<sup>74</sup> PEIXOTO, Lina Tâmega. Nascimento prima-irmã. **Sul**, Florianópolis, n. 6, dez. 1948, p. 7.

<sup>75</sup> NONATO, Aureo. “O ególatra”. **Sul**, Florianópolis, n. 6, dez. 1948, p. 6-19.

<sup>76</sup> KREMER, ref. 19, p. 50.

<sup>77</sup> Essa chamada acompanhará a revista até seu último número, com algumas pequenas alterações que serão analisadas em momento oportuno. **Sul**, Florianópolis, n. 6, dez. 1948, p. 2.

<sup>78</sup> KREMER, ref. 19.

centro para lançar o seu movimento; tampouco precisavam do reconhecimento do centro, uma vez que se criou uma rede entre os intelectuais das cidades fora do eixo que compartilhavam entre si obras e publicações diversas, em uma “troca intelectual não mediada pelo dinheiro” e que, com a frequente publicação de revistas, livros e compilações, possibilitam sua legitimidade nas letras nacionais a partir do lugar que escrevem, a periferia.<sup>79</sup>

O discurso de ruptura com a arte estabelecida em Florianópolis, repetido à exaustão nas páginas da *Sul*, a qual circulava pelas mãos de outros escritores do Brasil que, por sua vez, também buscavam renovar as produções estético-literárias em seus respectivos espaços, acabava por ser amplificado e ganhava corpo nacionalmente a partir da legitimidade que um grupo de “novos” dava ao outro. A *Sul*, nesse sentido, a partir da veiculação de produções que abraçavam as novas dinâmicas sociais possíveis pela modernidade e do intercâmbio cultural realizado com outras partes do Brasil para, ao mesmo tempo, conhecer e difundir as artes de “novos”, faz um duplo movimento de legitimação: ao passo que coloca em evidência aqueles que produzem uma nova arte em Santa Catarina, preocupa-se, também, em ser um espaço de publicação e crítica de produções dos “novos” de regiões periféricas do país. A revista torna-se, então, um periódico de abrangência nacional, que “deixa de ser espaço de oposição à vida intelectual local e se constitui como lugar de encontro da geração dos novos que tem ramificações em todo território nacional”,<sup>80</sup> legitimando-se e legitimando-os.

No entanto, o Grupo Sul conseguiu reconhecimento não só nas periferias, mas também no Rio de Janeiro. Exemplos são uma nota do suplemento *Letras e Artes* de sete de março de 1948 (dois meses depois da publicação do primeiro número da *Sul*), dirigida pelo catarinense Jorge Lacerda, que parabeniza a iniciativa do CAM de Florianópolis, a revista e as produções que nela continham,<sup>81</sup> e a carta de Yvonne Jean reproduzida no n. 3 da *Sul*, dizendo-se satisfeita pelas produções do grupo e dando algumas dicas para as próximas edições da revista.<sup>82</sup> Um dos desdobramentos possíveis pelo reconhecimento do Grupo Sul no Rio foi a visita realizada à Florianópolis pelo escritor modernista Marques Rebelo; colaborador frequente da *Letras e Artes*, Rebelo traz em setembro de 1948, por intermédio de Lacerda, uma exposição de quadros de “arte contemporânea” à capital catarinense, e, de sua visita, além de palestras e conferências realizadas na cidade, surgem também a articulação para a

---

<sup>79</sup> Ibidem, p. 89.

<sup>80</sup> Ibidem, p. 92.

<sup>81</sup> “Sul”, uma revista dos moços de Florianópolis. **Letras e artes**: Suplemento de A Manhã. Rio de Janeiro, n. 77, mar. 1948, p. 2.

<sup>82</sup> JEAN, Yvonne. “SUL”. **Sul**, Florianópolis, n. 3, abr. 1948, p. 12.

inauguração do Museu de Arte Moderna de Florianópolis e a formação do núcleo da Associação Brasileira de Escritores (ABDE) na cidade.

Ainda que o Grupo Sul tenha se consolidado sem copiar as produções do centro, Kremer destaca que as conexões com intelectuais do Rio de Janeiro são de inegável importância, uma vez que o reconhecimento obtido pelo CAM e o intercâmbio cultural com artistas centrais serviram, evidentemente, para a manutenção e a ampliação de suas produções e realizações. Por exemplo, a venda de *Sul* na Livraria José Olympio, casa editorial de grandes nomes da literatura brasileira da época, destacadamente a Geração de 1930, permitia a circulação da revista dos jovens catarinenses em um lugar típico da intelectualidade nacional, e a relação amistosa estabelecida com Marques Rebelo, que se tornou figura frequente em Florianópolis após sua primeira visita em 1948, permitiu aos jovens do CAM ampliar ainda mais sua rede de sociabilidades a partir dos contatos de escritores de Portugal e Moçambique entregues pelo carioca ao grupo, como discutirei pormenorizadamente nas páginas seguintes.

O investimento no “ineditismo” destacado por Kremer, essa disposição do CAM em divulgar, sobretudo, produções da nova geração, é um movimento, sem dúvida, alinhado com as ideias de renovação cultural que o grupo pregava desde o início, e, a partir da abordagem de Gomes e Hansen, caracteriza-se como uma prática “de intenções e projetos políticos de intelectuais que objetivam o espraiamento das ideias e valores que defendem, pela sociedade mais ampla”,<sup>83</sup> contribuindo, assim, para a construção de identidade do movimento nacional dos “novos”. Encontrando entusiastas e apoiadores e levando por meio da *Sul*, seja ao centro, seja à periferia, suas próprias produções e as produções daqueles com quem tinha afinidade, o CAM contribuiu no processo de renovação artística nacional e sua construção de valores e objetivos comuns em uma prática de “mediação cultural”.

Segundo Gomes e Hansen, “negociação, circularidade, apropriação, transferências culturais, zonas de contato, recepção, entrelugar e outros” são todas denominações que, “de um modo ou de outro, inscrevem-se como formas específicas de mediação cultural”.<sup>84</sup> Portanto, a recepção de produções de outros grupos de “novos”, sua publicação na *Sul*, a atenção especial aos livros dos “novos” caracterizada pela crítica/comentário, as compilações que o grupo realizou ao longo dos anos, a divulgação de suas atividades e ações (organização de palestras, oficinas, exposições, publicação de livros, etc.) nas páginas da *Sul* e a circulação da revista em outras cidades do Brasil, já em 1948, e ao redor do mundo posteriormente,

---

<sup>83</sup> GOMES; HANSEN, ref. 13, p. 28.

<sup>84</sup> *Ibidem*, p. 8

tornam possível designar os intelectuais do CAM, em maior ou menor grau, como intelectuais mediadores, aqueles intelectuais que, como proposto por Gomes e Hansen, produzem, recepcionam, comunicam e difundem obras, ideias e conhecimentos de segmentos diversos, seja para seus pares, seja para o público em geral.

Evidentemente, não é o “Grupo Sul” que realiza o contato e a mediação cultural com outras regiões, mas os membros que o compõem e que compartilham seus “sentimentos, sensibilidades e valores”<sup>85</sup> comuns, embora respondam ao contato de maneiras particulares. Aníbal Nunes Pires, por exemplo, no n. 4 de *Sul*, discorre sobre a realidade da renovação cultural brasileira, nomeando diversas revistas de “novos” que surgiam no país e destacando a importância de conhecê-las;<sup>86</sup> Antônio Paladino, por sua vez, recebeu uma carta e agradecimentos de André Carneiro, escritor que teve seu livro comentado por Paladino na *Sul* n. 10,<sup>87</sup> cuja crítica chegou a reverberar, inclusive, em Portugal;<sup>88</sup> em *Sul* n. 12, uma carta de Blanca Terra Vieira endereçada a Aníbal Nunes Pires e Archibaldo Cabral Neves é reproduzida, na qual a escritora aceita o papel de representante da revista em Buenos Aires;<sup>89</sup> e Eglê discute, no n. 13, livros das escritoras portuguesas Manuela Pôrto e Judith Navarro, destacando o intercâmbio com o país europeu como “uma das principais vantagens culturais que nos trouxe a publicação de ‘Sul’”.<sup>90</sup>

Gostaria, contudo, de direcionar minha atenção a partir de agora à figura de Salim Miguel, um dos principais líderes do CAM, uma das pontas imprescindíveis da grande rede de contatos criada pelo grupo durante as décadas de 1940 e 1950 e principal vínculo entre os “novos” de Florianópolis e importantes colaboradores da *Sul* a partir de 1952: os escritores de língua portuguesa na África.

---

<sup>85</sup> Ibidem, p. 24.

<sup>86</sup> “Procurem conversar com ‘Joaquim’ em Curitiba; no Ceará visitem o ‘Clã’; em Goiás, leiam ‘Agora’; vejam o ‘Panorama’ de Belo Horizonte; ‘Orfeu’ e ‘Juventude’ do Rio de Janeiro; olhem para o ‘Nordeste’ e ‘Região’ de Pernambuco; visitem ‘Quixote’ no Rio Grande do Sul’; em São Paulo, ‘Paralelos’ e a ‘Revista de Poesia’. Procurem sintonizar tantas e tantas ideias novas que nascem aqui e ali”. PIRES, Aníbal Nunes. *Sul*, Florianópolis, n. 4, jun. 1948, p. 1.

<sup>87</sup> PALADINO, Antônio. Crônica de poesia. *Sul*, Florianópolis, n. 10, dez. 1949, p. 18 e 20.

<sup>88</sup> “O seu trabalho sobre o meu livro teve a maior repercussão. Muitos em S. Paulo a ele se referiram e cheguei a receber uma carta de Portugal, de Francisco Luís Amaro (Portugália Editora) dizendo que já me conhecia de alguns suplementos do Brasil e de um comentário da revista SUL, certamente o seu”. CARNEIRO, André. *Sul*, Florianópolis, n. 11, maio 1950, p. 2.

<sup>89</sup> VIEIRA, Blanca Terra. *Sul*, Florianópolis, n. 12, out. 1950, p. 29.

<sup>90</sup> MALHEIROS, Eglê. Escritoras de Portugal. *Sul*, Florianópolis, n. 13, abr. 1951, p. 38-39.

## Salim Miguel e o contato com intelectuais na África

Salim Miguel nasceu no Líbano em 1924 e veio com a família para o Brasil em 1927, passando a maior parte da juventude na cidade de Biguaçu, Santa Catarina. Na década de 1940, na casa dos 20 anos, mudou-se para Florianópolis e, lá, ajudou a fundar e manter o Grupo Sul e sua revista, de 1948 a 1957, além de casar-se com Eglê Malheiros, também integrante do grupo. Posteriormente, em 1964, foi preso pelo regime militar e, ao obter a liberdade, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde editou, junto de Eglê e de um casal de amigos, a revista *Ficção*, entre 1976 e 1979. Com o afrouxamento da ditadura militar voltou a Florianópolis no início dos anos 1980, dirigindo, de 1983 a 1991, a editora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Morreu em 2016, na cidade de Brasília, e, ao longo de toda a vida, publicou mais de 30 livros. Neste trabalho daremos atenção, sobretudo, à trajetória de Salim durante o período de existência do Grupo Sul, entre o final da década de 1940 e boa parte da década de 1950, uma vez que é sua atividade de mediação cultural com intelectuais na África durante o período de atuação do CAM que nos interessa.

Os exemplos de mediação cultural dos membros do Grupo Sul, como já vimos, são os mais diversos. Com relação a Salim, podemos citar, entre outros, o contato estabelecido com o grupo da *Revista Branca*, que publicou, em 1949, a *Antologia de Contos de Escritores Novos do Brasil*. Mesmo apresentando um conto de Aníbal Nunes Pires, colega do CAM, a antologia não foi poupada da crítica de Salim, que se refere a ela como “verdadeiramente decepcionante”.<sup>91</sup> Isso reforça o comprometimento de Salim com o papel de crítico literário que desempenhava, buscando legitimar-se ao discutir produções de “novos” para “novos”; as réplicas e trélicas que se seguiram, em defesa ou condenação da *Antologia*,<sup>92</sup> também só acontecem pela circulação e reconhecimento da *Sul* no centro do país e pela legitimidade que a *Branca* dava ao Grupo Sul, e vice-versa.

Para Gomes e Hansen, a crítica é uma das práticas de mediação cultural por excelência, pois aproxima “seus públicos dos bens culturais, fazendo-os conhecê-los de antemão”.<sup>93</sup> Uma vez que, desde o n. 14, Salim deixa de veicular na *Sul* suas poesias ou contos (embora publique livros de contos e romance pelas *Edições Sul*, selo editorial do grupo) e prioriza a publicação de textos de crítica literária, comentários sobre artistas de

<sup>91</sup> MIGUEL, Salim. Uma antologia... Nada antológica. *Sul*, Florianópolis, n. 10, dez. 1949, p. 11-12.

<sup>92</sup> Salim Miguel e Fausto Cunha, posteriormente, trabalham juntos na edição de *Ficção*, no Rio de Janeiro. MIGUEL, Salim. Carta resposta ao meu caro Fausto Cunha - Ainda sobre a antologia. *Sul*, Florianópolis, n. 11, maio 1950, 24-26.

<sup>93</sup> GOMES; HANSEN, ref. 13, p. 34.

diferentes áreas, exposições ou iniciativas culturais diversas,<sup>94</sup> o crítico Salim pode ser compreendido, apenas por seus textos na revista *Sul*, como um intenso mediador cultural, levando as novidades de literatura, teatro, clubes de gravura, artes visuais, cinema e outros para todos os cantos que a revista circulava e aproximando autores e leitores ao recepcionar e difundir as obras dos “novos”.

Salim iniciou publicando comentários sobre autores consagrados, notadamente Lima Barreto<sup>95</sup> e Cruz e Sousa,<sup>96</sup> na *Sul* n. 2 e n. 3 respectivamente. O contato com outros grupos de “novos” permitiu, já no segundo ano da revista, que Salim voltasse sua atenção para livros de autores da nova geração brasileira, como os de Cornélio Penna e Josué Montello discutidos em *Apontamentos às margens das últimas leituras*, em *Sul* n. 8,<sup>97</sup> além da já comentada *Antologia* da revista *Branca*. Acompanhando o movimento da revista de publicar textos de outros países do continente americano, como a poesia *A escravidão*, da uruguaia Matilde D’espaux,<sup>98</sup> a crítica de Salim passa a prezar, também, pelo conhecimento de literaturas outras que não as importadas dos centros europeus ou dos Estados Unidos, como destacado em *Um livro uruguayo*, texto publicado no n. 10 da *Sul* e no qual Salim exalta os esforços do grupo em ampliar ainda mais sua rede de contatos no continente americano e a difusão das novas tendências da literatura.<sup>99</sup>

---

<sup>94</sup> Ver Quadro 1.

<sup>95</sup> MIGUEL, Salim. Lima Barreto, um escritor quase desconhecido. **Sul**, Florianópolis, n. 2, fev. 1948, p. 10.

<sup>96</sup> MIGUEL, Salim. Atualismo de Cruz e Sousa. **Sul**, Florianópolis, n. 3, abr. 1948, p. 1, 4 e 8.

<sup>97</sup> MIGUEL, Salim. Apontamentos às margens das últimas leituras. **Sul**, Florianópolis, n. 8, abr. 1949, p. 8 e 15.

<sup>98</sup> D’ESPAUX, Matilde. A escravidão. **Sul**, Florianópolis, n. 10, dez. 1949, p. 8.

<sup>99</sup> “E assim o CAM continua sua campanha não só de divulgação cultural e artística como também de contacto e conhecimento de novos escritores dos países americanos”. MIGUEL, Salim. Um livro uruguayo. **Sul**, Florianópolis, n. 10, dez. 1949, p. 22.

Quadro 1 - Publicações assinadas de Salim Miguel na revista *Sul*

Nº	Mês/Ano	Título	Tipo de produção
1	Jan/1948	P'ra início de conversa	Crítica literária/Comentário
1	Jan/1948	Embriaguês	Capítulo de romance
2	Fev/1948	Lima Barreto, um escritor quase desconhecido	Crítica literária
2	Fev/1948	P'ra início de conversa - "Como foi perdida a paz"	Crítica literária
3	Abr/1948	Atualismo de Cruz e Sousa	Crítica literária/Comentário
3	Abr/1948	Palavras doídas	Poesia
4	Jun/1948	José Geraldo Vieira e o desprestígio do personagem	Crítica literária
5	Ago/1948	Noturno	Conto
6	Dez/1948	Revisão de valores	Comentário
7	Fev/1949	Encontro	Conto
8	Abr/1949	Apontamentos à margem das últimas leituras	Crítica literária
8	Abr/1949	Gente de França - ensaios de Alcântara Silveira	Crítica literária
9	Ago/1949	"Idade 21" e a inflação poética	Crítica literária
9	Ago/1949	O homem solitário	Conto
10	Dez/1949	Notícias das temporadas teatrais em Florianópolis	Comentário
10	Dez/1949	Uma antologia... nada antológica	Crítica literária
10	Dez/1949	Um livro uruguayo	Crítica literária/Comentário
11	Maio/1950	Era igual aos outros	Conto
11	Maio/1950	Carta resposta ao meu caro Fausto Cunha	Crítica literária
12	Out/1950	A propósito de "Dádiva" - poemas de Luís	Crítica literária

		Amaro	
12	Out/1950	Dois romances	Crítica literária
13	Abr/1951	Amor, lascínia e...	Conto
13	Abr/1951	Dois casos	Comentário
14	Ago-Set/1951	Artes plásticas - Pintor Martinho de Haro	Comentário
14	Ago-Set/1951	Jantar em família	Conto
15	Mar/1952	Problemas de cinema	Comentário
16	Jun/1952	Semana de Arte Moderna	Comentário
16	Jun/1952	Artista Edgar Koetz	Comentário
16	Jun/1952	Escritor Marques Rebelo	Comentário
16	Jun/1952	J. M., cego	Conto
17	Out/1952	Conversa com o autor Moacir Fernandes	Comentário/Entrevista
17	Out/1952	“A porta fechada” - contos de Rogério de Freitas	Crítica literária
17	Out/1952	Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira	Crítica literária
18	Dez/1952	Nota sobre Graciliano Ramos	Comentário
18	Dez/1952	Clube de Cinema de Porto Alegre	Comentário
19	Maio/1953	Lembrança de Graciliano	Comentário
20	Ago/1953	Literatura hispano-americana (apontamentos para um estudo)	Comentário
20	Ago/1953	O clube de gravura de S. Paulo e Itajahy Martins	Comentário
20	Ago/1953	V. Pudovkin	Crítica cinematográfica
21	Dez/1953	Serapião	Conto
22	Jul/1954	Três apontamentos	Crítica literária
22	Jul/1954	Caderno do Congresso	Comentário
24	Maio/1955	Mário de Andrade e a “Semana” de 22	Comentário

26	Fev/1956	Clube de gravura de Porto Alegre	Comentário
26	Fev/1956	IV exposição de motivos folclóricos do Prof. Franklin Cascaes	Comentário
27	Maio/1956	Rio, 40 graus	Crítica cinematográfica
27	Maio/1956	Edino Krieger - músico catarinense	Comentário
28	Dez/1956	Conversando com o pintor Israel Pedrosa	Entrevista (junto de Eglê)
28	Dez/1956	Arte é antes de mais nada emoção	Comentário/Entrevista
29	Jun/1957	Insatisfação - fonte do progresso	Comentário
29	Jun/1957	Duas tendências	Comentário
30	Dez/1957	Depoimento de Armindo Pereira	Crítica literária
30	Dez/1957	Um escritor português	Crítica literária
30	Dez/1957	“O preço da ilusão” - película catarinense	Comentário
30	Dez/1957	Marcier expôs em Florianópolis	Comentário
30	Dez/1957	W. Rio Apa em Florianópolis	Comentário

Fonte: Revista *Sul*, elaborado pelo autor.

A primeira produção de fora do Brasil veiculada na *Sul* é, no entanto, de Portugal, um texto de Manuel Pinto presente no n. 8.<sup>100</sup> Como destacado anteriormente, a partir da vinda de Marques Rebelo para Florianópolis, em setembro de 1948, o Grupo Sul recebe do carioca contatos de Manuel Pinto, de Portugal, e Augusto dos Santos Abranches, português auto exilado em Moçambique. Essa informação vem de, pelo menos, três depoimentos diferentes de Salim: em *Minhas memórias de escritores*, Salim comenta a passagem de Rebelo por Florianópolis em 1948 e afirma que, ao saber que o grupo “já estava mantendo contato com publicações similares de outros estados, Rebelo sugeriu que também se avançasse para além do país”.<sup>101</sup> Em uma entrevista concedida por Salim e Eglê à *Revista Crioula*, o escritor destaca que, a partir da vinda de Rebelo em 1948, trazendo consigo sua “exposição de arte

<sup>100</sup> PINTO, Manuel. Acerca do chamado Modernismo e da sua incompreensão. *Sul*, Florianópolis, n. 8, abr. 1949, p. 9.

<sup>101</sup> MIGUEL, Salim. *Minhas memórias de escritores*. Palhoça: Editora Unisul, 2008, p. 25.

contemporânea”, os mesmos contatos foram repassados pelo carioca.<sup>102</sup> Uma vez mais, no livro *Cartas D’África e alguma poesia*, Salim afirma que Rebelo perguntou se os jovens do CAM não estavam “interessados em contatar outros jovens em Portugal e África”, enviando ao grupo o “endereço do poeta português Manuel Pinto e do poeta, crítico, gravurista Augusto dos Santos Abranches, de Moçambique” assim que retornou ao Rio de Janeiro.<sup>103</sup>

Salim ainda destaca que, após escrever para os dois, “a resposta de Portugal chegou bem antes; a de Moçambique, embora demorasse, veio também”.<sup>104</sup> No entanto, tendo a duvidar; não que a resposta de Moçambique tenha chegado depois, mas sim que o contato entre Salim Miguel e Manuel Pinto e entre Salim Miguel e Augusto dos Santos Abranches tenha se dado no mesmo momento. Entre as causas de minha dúvida, e a que me chamou a atenção desde o início, é a distância entre a aparição das produções de um e outro na revista *Sul*: a primeira produção cultural vinda da África é publicada na *Sul* n. 15, de março de 1952,<sup>105</sup> e a primeira aparição de Augusto dos Santos Abranches se dá em *Sul* n. 16,<sup>106</sup> em junho do mesmo ano. Porém, todos os números da revista a partir do n. 10, de dezembro de 1949, já contavam com colaborações vindas de Portugal, sem mencionar a publicação de Manuel Pinto no n. 8, já destacada. Como Manuel Pinto foi publicado na *Sul* quase três anos antes de qualquer outro escritor residente no continente africano?

Minha resposta é, justamente, porque o contato de Manuel Pinto foi entregue ao Grupo Sul quase três anos antes, na primeira visita de Rebelo a Florianópolis em 1948; o de Abranches, não. Visita essa, por sinal, muito bem documentada pelo Grupo Sul, uma vez que, para os jovens modernistas da capital catarinense, ter em sua cidade um importante expoente do modernismo era algo a exaltar. A pergunta “Marques Rebelo virá a Florianópolis?”, seguida de um curto relato sobre a descoberta da possibilidade de sua visita em um “jornal carioca”, foi veiculada em *Sul* n. 3<sup>107</sup> e obteve resposta positiva pouco tempo depois.<sup>108</sup> O CAM, com a confirmação da visita, manifesta sua alegria pela futura vinda do renomado escritor à cidade em *Sul* n. 5, de agosto de 1948,<sup>109</sup> e, no número seguinte, de dezembro,

<sup>102</sup> MALHEIROS, Eglê; MIGUEL, Salim. Eglê Malheiros, Salim Miguel e o intercâmbio entre as duas margens do Atlântico. [Entrevista concedida a] Érica Antunes e Simone Caputo Gomes. **Revista Crioula**, São Paulo, n. 4, n. p., nov. 2008.

<sup>103</sup> MIGUEL, ref. 10, p. 8.

<sup>104</sup> Ibidem.

<sup>105</sup> JACINTO, António. Convite aos outros. **Sul**, Florianópolis, n. 15, mar. 1952, p. 27.

<sup>106</sup> ABRANCHES, Augusto dos Santos. Uma carta para longe. **Sul**, Florianópolis, n. 16, jun. 1952, p. 25.

<sup>107</sup> Marques Rebelo virá a Florianópolis?. **Sul**, Florianópolis, n. 3, abr. 1948, p. 11.

<sup>108</sup> O CAM recebeu uma carta de Flávio de Aquino, jornalista que trabalhava no Rio de Janeiro e que confirmava a vinda do escritor carioca intermediada por Jorge Lacerda e pelo Secretário de Justiça, Educação e Saúde de Santa Catarina, Armando Simone Pereira. MIGUEL, ref. 10, p. 7.

<sup>109</sup> Marques Rebelo em Florianópolis. **Sul**, Florianópolis, n. 5, ago. 1948, p. 10.

Archibaldo Neves faz um extenso relato sobre a exposição e as conferências de Marques Rebelo realizadas no Grupo Escolar Dias Velho.<sup>110</sup> Archibaldo, entre outros apontamentos, comenta a fundação do Museu de Arte Moderna de Florianópolis e a criação da seção estadual da ABDE, possíveis pela articulação e influência de Marques Rebelo.

Além disso, como fizeram questão de destacar, a proximidade que os integrantes do CAM mantiveram com Rebelo foi grande, seja pelo seu interesse comum na arte moderna, seja pela similaridade do discurso entre o Grupo Sul e o carioca; antes mesmo de vir a Florianópolis, Rebelo envia, do Rio, uma carta que, reproduzida também em *Sul* n. 6, elogia o trabalho do CAM e solicita o “apoio dos companheiros de SUL [para a realização da exposição], tão interessados como eu na divulgação das belas coisas e no elevamento do nosso bem triste nível cultural”.<sup>111</sup> Seja a exposição, as palestras, o contato amistoso ou o mesmo entendimento da necessidade de renovação cultural, a visita de Rebelo em setembro de 1948 repercutiu muito entre o Grupo Sul e, portanto, nas páginas de sua revista.

Outra visita de Rebelo à cidade anos depois, porém, não recebeu a mesma cobertura extensiva, embora tenha sido discutida brevemente nas páginas da *Sul*: no n. 16, de junho de 1952,<sup>112</sup> Salim Miguel comenta, na coluna *Escritor MARQUES REBELO*, a passagem do carioca por Florianópolis em abril daquele ano para reinaugurar o Museu de Arte Moderna, instituição que ajudou a fundar anos antes, mas que fora fechada por falta de manutenção e investimentos.<sup>113</sup> O mais interessante é que, no mesmo número, algumas poucas páginas adiante, um texto intitulado *Intercâmbio*, não assinado, informa que

Neste mesmo número de ‘SUL’ também damos o ótimo poema ‘Uma carta para longe’, de Augusto dos Santos Abranches, poeta de Moçambique, África Ocidental Portuguesa e com o qual entramos em contacto através de nosso comum amigo Marques Rebêlo. Além de remeter seus poemas, Augusto também irá nos pôr em contacto com outros artistas seus conterrâneos, sendo que em nosso próximo número já daremos vasta colaboração de lá remetida.<sup>114</sup>

Isso, portanto, me faz pensar que a primeira visita de Rebelo a Florianópolis, em setembro de 1948, possibilitou aproximação a escritores portugueses, mas não a Augusto dos Santos Abranches. Manuel Pinto, o português que Rebelo pôs em contato com o Grupo Sul, tem uma carta reproduzida na coluna “*Sul*” no exterior, n. 9, de agosto de 1949, que presume

<sup>110</sup> Interessante, também, é a oportunidade que os afrontosos jovens do grupo perderam ao não fazer nenhuma galhofa pelo fato de que o local que recebeu a primeira exposição de Arte Contemporânea do estado se chamava “Dias Velho”. NEVES, Archibaldo Cabral. Marques Rebelo e a Exposição de Pintura Contemporânea. *Sul*, Florianópolis, n. 6, dez. 1948, p. 8.

<sup>111</sup> *Sul*, Florianópolis, n. 6, dez. 1948, p. 2.

<sup>112</sup> MIGUEL, Salim. Escritor MARQUES REBELO. *Sul*, Florianópolis, n. 16, jun. 1952, p. 39-40.

<sup>113</sup> Salim comenta sobre o “caso do museu” e a falta de apoio do poder público para suas atividades em: MIGUEL, Salim. Dois casos... *Sul*, Florianópolis, n. 13, p. 42-44.

<sup>114</sup> Intercâmbio. *Sul*, Florianópolis, n. 16, jun. 1952, p. 47.

corretamente ter recebido uma edição de *Sul* “por indicação de Marques Rebelo”.<sup>115</sup> A mesma coluna apresenta comentários de jornais de Buenos Aires e Zurique, ambos destacando a atuação do Grupo Sul em Florianópolis. Ora, se Salim entrou em contato com Abranches no mesmo momento que com Manuel Pinto, o que explica a publicação de Pinto em abril de 1949 e a ausência de Abranches até 1952? Além disso, se *Sul* reproduz, menos de um ano depois da primeira visita de Rebelo a Florianópolis, diversas passagens exaltando o CAM vindas de Portugal, Argentina e Suíça, porque não o faria, também, com passagens em jornais e revistas de Moçambique? Ou mesmo uma carta de Abranches, como foi feito com inúmeros intelectuais de outras cidades e países?

Acho ainda que Rebelo, em 1948, nem tinha o contato de Abranches; o mais provável é que ele o tenha obtido em uma das viagens que fez à Europa no início da década de 1950,<sup>116</sup> por intermédio de outro escritor português.<sup>117</sup> Assim, ao voltar a Florianópolis, o escritor carioca passou o contato de Abranches para Salim Miguel em abril de 1952 e não em setembro de 1948, o que justifica o início da contribuição frequente de intelectuais africanos em *Sul* e a preocupação de apresentar o início do contato com a África em *Intercâmbio* apenas em 1952. A ditadura do Estado Novo de Salazar, em Portugal, que se estendia também para as colônias ultramarinas do país, tampouco é motivo para a demora de três anos para a resposta de Abranches; o tempo médio que uma carta levava para sair do Brasil e chegar a Moçambique ou Angola, ou destes para o Brasil, era de mais ou menos um mês<sup>118</sup> e, portanto, é pouco provável que Salim tenha enviado uma carta para Abranches em 1948 ou 1949 e ele tenha respondido somente em 1952.

Além disso, o tempo médio de um mês entre envio e recebimento coincide com o desenrolar da aproximação entre Salim e Abranches: a passagem de Rebelo na capital catarinense em abril de 1952 permite que Salim envie uma primeira carta para Abranches, que recebe e responde entusiasmado um mês depois, em maio (na carta, Abranches garante a Salim que o colocará em contato com outros escritores em Moçambique e Angola, como

<sup>115</sup> A carta foi escrita em março de 1949, e a primeira contribuição de Manuel Pinto se deu, como já vimos, em *Sul* n. 8, abril do mesmo ano. As datas fecham. “Sul” no exterior. **Sul**, Florianópolis, n. 9, ago. 1949, p. 3.

<sup>116</sup> FRAZÃO, Dilva. **Marques Rebelo**. 2021. Disponível em: <[<sup>117</sup> Em carta de 27 de agosto de 1955, Abranches, ao chegar ao Brasil, escreve: “Ainda não escrevi ao Marques Rebelo \(a minha passagem pelo Rio, de barco, foi apenas de quatro horas\) a dizer-lhe que gostaria de o conhecer pessoalmente”. Por isso, Rebelo provavelmente obteve seu contato com outro português. MIGUEL, ref. 10, p. 101.](https://andt.org.br/academicos/marques-rebelo-2/#:~:text=Em%201944%2C%20Marques%20Rabelo%20publica,em%201951%2C%201952%20e%201954.>”. Acesso em: 07/03/2024.</a></p>
</div>
<div data-bbox=)

<sup>118</sup> Diversas passagens das cartas entre Salim e os intelectuais no continente africano dão a entender que o tempo médio entre uma carta ser enviada e recebida era de duas semanas a um mês. Viriato da Cruz, por exemplo, indica em 24/03/1953 que recebeu a carta de Salim do dia 02 daquele mês, e Augusto dos Santos Abranches informa em 26/07/1952 que recebeu a carta de Salim enviada em 02/07/1952.

informado na coluna *Intercâmbio*);<sup>119</sup> depois, o n. 16 de *Sul* já conta com a primeira produção de Abranches, que, possivelmente, chega junto da carta enviada por ele em maio e recebida por Salim em junho, mesmo mês da publicação do n. 16. Soma-se isso à coluna *Escritor MARQUES REBELO*, que discute a recente visita de Rebelo a Florianópolis, e *Intercâmbio*, na qual é divulgado o início do contato com Abranches em Moçambique, “através de nosso comum amigo Marques Rebêlo”, e tudo indica que a resposta de Moçambique em 1948 “demorasse” porque, na verdade, não tinha sido solicitada.

Evidentemente, não acredito que Salim Miguel mentiu deliberadamente. Uma vez que os livros *Cartas D’África e alguma poesia e Minhas memórias de escritores* são do início do século XX (2005 e 2008, respectivamente), assim como a entrevista à *Revista Crioula* (2008), por volta de cinquenta anos depois do contato entre Salim Miguel, Augusto dos Santos Abranches e outros escritores de língua portuguesa na África, o mais provável é que a memória de Salim o tenha traído, ou que as montanhas de papéis que ele e Eglê colecionavam tornaram impossível a tarefa de delimitar com precisão a data do início do contato.

No entanto, é importante destacar cartas de São Vicente de Cabo Verde anteriores a 1952 e reproduzidas na *Sul* n. 11, de maio de 1950. As cartas são do Rádio Clube Mindêlo, que solicita discos de música para contemplar seus ouvintes brasileiros,<sup>120</sup> e de Nuno Miranda, pedindo mais números da revista para circulação em sua cidade;<sup>121</sup> essas, somadas as produções de António Jacinto, de Angola, e Orlando Mendes,<sup>122</sup> de Moçambique, no n. 15 de março de 1952, indicam a existência de um tímido contato entre os jovens do Grupo Sul e escritores africanos antes da nova visita de Rebelo e da aproximação com Abranches.

Uma vez que Nuno Miranda destaca em sua carta que *Sul* chegou até ele através da “gentileza [que o CAM tem] de me facultar”, quem indicou seu contato aos “diretores de ‘Sul’”, para quem Nuno Miranda destina sua carta de agradecimento? Nuno Miranda é, além disso, citado na poesia *Madrugada*, de Orlando Mendes, veiculada no n. 15; ela pode ter sido enviada por Nuno ao Grupo Sul dois anos depois da sua carta inicial, sem evidências de que o contato se manteve durante esse tempo? Parece pouco provável. Mais ainda, como Correa comenta ao discutir “a África na *Revista Sul*”, duas produções de intelectuais africanos já tinham sido veiculadas pelo Grupo Sul na página literária que os jovens mantinham n’O

<sup>119</sup> MIGUEL, ref. 10, p. 57.

<sup>120</sup> A música e a poesia do Sul do Brasil através da rádio portuguesa - Um apelo aos brasileiros. *Sul*, Florianópolis, n. 11, maio 1950, p. 24.

<sup>121</sup> MIRANDA, Nuno. Correspondência para os diretores de “Sul”. *Sul*, Florianópolis, n. 11, maio 1950, p. 3.

<sup>122</sup> MENDES, Orlando. *Madrugada*. *Sul*, Florianópolis, n. 15, mar. 1952, p. 28.

*Estado*, em 1949 e 1950;<sup>123</sup> quem teria mediado a chegada das produções às mãos do CAM? E a poesia de António Jacinto, *Um convite aos outros*, no n. 15? Jacinto foi o contato que Abranches indicou a Salim em Angola, em maio de 1952; sendo assim, como uma poesia sua foi publicada na *Sul* dois meses antes? Ainda: a revista *Itinerário*, de Moçambique, aparece na coluna de *Recebemos e Agradecemos* em *Sul* n. 14, de agosto/setembro de 1951. Quem a enviou para o CAM?

Estamos diante de uma rede de contatos extremamente complexa e de difícil rastreamento, embora seja correto afirmar que, pelo menos em meados da década de 1940, um intenso intercâmbio entre Portugal e suas colônias no ultramar já acontecia. Penso que o provável primeiro elo entre *Sul* e os intelectuais africanos com quem o CAM teve contato ou de quem obteve contribuição (da Rádio Clube Mindêlo, de Nuno Miranda, as produções publicadas n’*O Estado* ou as veiculadas na *Sul* antes da primeira carta de Abranches) seja, nesse sentido, um escritor de Portugal, ou Manuel Pinto ou outro próximo dele que também compunha o intenso intercâmbio cultural nas margens do Atlântico, ainda que não consiga nomeá-lo.

De uma forma ou de outra, timidamente em 1950 e mais ativamente a partir de 1952, fato é que a aproximação entre a revista *Sul* e o continente africano ocorreu, possibilitando uma contribuição vasta e poderosa de intelectuais africanos nas páginas de *Sul* e de sua circulação na África, apesar de, naquele momento, as colônias portuguesas no continente sofrerem, ao mesmo tempo, com o colonialismo imperialista e com a ditadura de António de Oliveira Salazar. Uma imbricada rede de contatos impossíveis de rastrear por completo e que resultou no envio de livros, jornais e revistas de um lado a outro do Atlântico entre Salim Miguel e escritores de língua portuguesa na África, sabemos, foi possível pela mediação de Marques Rebelo (em 1952). E, se iniciada entre Salim e o português auto exilado em Moçambique Augusto dos Santos Abranches, esse logo escreveu “para o Domingos Azevedo ([...] em Lourenço Marques) e para o António Jacinto (Luanda), para se porem em contacto directo” com Salim.<sup>124</sup> A partir daí, o catarinense é surpreendido com um número cada vez maior de escritores residentes nas colônias portuguesas na África sedentos em fazer circular suas produções e também por conhecer produções brasileiras.

Dessa forma, Salim estabelece relações e cultiva, pelas cartas acompanhadas de diversas produções, um intercâmbio cultural com intelectuais africanos ao longo da década de

<sup>123</sup> São as poesias *Junto ao mar*, de Tomaz Martins, da Guiné, e *Poema do mar*, de Jorge Barbosa, de Cabo Verde. CORREA, ref. 58, p. 25.

<sup>124</sup> MIGUEL, ref. 10, p. 61.

1950, contribuindo para a divulgação de seus escritos e para a continuidade da luta e resistência anticolonial da qual um grande número daqueles com quem se correspondeu fazia parte; a prática de Salim é, novamente, uma clara atitude de mediação cultural. No contexto do contato com o continente africano, a mediação de Salim caracteriza-se, entre muitos outros, pela recepção de produções de intelectuais africanos, seleção e publicação dessas produções na *Sul*, divulgação das atividades e ações culturais das colônias portuguesas nas páginas da *Sul*, envio da revista *Sul* e de outros livros solicitados para os intelectuais africanos e o envio de contatos de outros intelectuais para os intelectuais na África, possibilitando a aproximação deles com diferentes partes do Brasil e do continente americano. São essas práticas que serão analisadas a partir de agora.

## Capítulo 2: “Meu caro Salim”: o contato entre Salim Miguel e escritores de língua portuguesa no continente africano

### *As Cartas D’África*

O livro *Cartas D’África e alguma poesia* reúne uma série de correspondências trocadas entre Salim Miguel e Viriato da Cruz, António Jacinto, José Graça (depois reconhecido mundialmente como Luandino Vieira), Mário Lopes Guerra, Américo de Carvalho e Garibaldi de Andrade, de Angola; Orlando Mendes, Manuel Filipe de Moura Coutinho, Domingos de Azevedo e Domingos Ribeiro Silveira, de Moçambique; Felipe Rios, da Ilha de São Tomé; e o português auto exilado em Moçambique Augusto dos Santos Abranches.<sup>125</sup> Todos, em maior ou menor grau, participavam do ambiente cultural que estavam inseridos, produzindo suas próprias obras e se organizando em grupos para a discussão de ideias e confecção de jornais e revistas.

Contudo, a atuação desses escritores africanos e/ou residentes na África era bastante condicionada, dado que, diferente do Brasil, à época experienciando um período democrático, Portugal e suas colônias ultramarinas viviam sob a ditadura do Estado Novo. Liderado por António de Oliveira Salazar, Chefe dos Ministros desde 1932 e principal articulador da constituição que deu início ao regime em 1933, o Estado Novo baseava-se em políticas fascistas que pregavam a unidade moral, econômica, política e social, além do desdém pela luta de classes, resultando, segundo Maria Luisa de Almeida Paschkes, na difusão de valores católicos entre os trabalhadores do campo, num forte controle das massas trabalhadoras a partir de um “corporativismo associativo”, em grandes monopólios que garantiam o apoio das elites econômicas e, claro, na repressão de movimentos e ideias contrárias ao regime a partir da atuação da polícia política.<sup>126</sup>

De acordo com Paschkes, o Estado Novo nunca conseguiu uma base de apoio popular efetiva, como tiveram outros movimentos fascistas europeus. Nesse sentido, a aceitação do regime ditatorial passava, entre outros, pela mobilização do imaginário da população em torno da “grande nação portuguesa”, escolhida por Deus como portadora de uma “missão civilizadora” responsável por difundir valores católicos e europeus, ditos superiores, para o

---

<sup>125</sup> Viriato da Cruz e António Jacinto nasceram em Angola, e José Graça e Américo de Carvalho são portugueses de nascimento, mesmo tendo migrado para as colônias ultramarinas com seus pais ainda crianças. Dos outros correspondentes não consegui confirmar a nacionalidade e, portanto, o país referido trata-se do local no qual ele residia no momento do contato com Salim Miguel.

<sup>126</sup> PASCHKES, Maria Luisa de Almeida. **A ditadura salazarista**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

restante do mundo.<sup>127</sup> Leila Leite Hernandez corrobora ao comentar que as sucessivas “humilhações” sofridas por Portugal ao longo do século XIX, impostas sobretudo pela Grã-Bretanha, fazem surgir um nacionalismo que, buscando responder ao sentimento de isolamento e desprestígio internacional, repagina os mitos que levaram os portugueses a desbravar os mares no século XV.<sup>128</sup> Ao mobilizar o passado dito glorioso do antigo império de Portugal, o nacionalismo português, entre fins do século XIX e início do século XX, direciona os esforços da nascente república para a consolidação de um novo “império ultramarino” e para a renovação de sua “missão civilizadora”.

Imperialista desde o início, esse nacionalismo assume novos contornos a partir do Estado Novo, uma vez que, segundo Valentim Alexandre, as preocupações econômicas misturam-se com as políticas e tornam a união entre Portugal e suas colônias ultramarinas, na África e na Ásia, o fator de superação de todos os problemas econômicos e sociais enfrentados pelos portugueses.<sup>129</sup> Assim, a “missão civilizadora” e a sobrevivência do “império ultramarino” justificam o uso indiscriminado da violência para estabelecer o controle definitivo e centralizado de suas colônias, em especial as do continente africano.<sup>130</sup> Como destaca Hernandez, as novas leis para gerir os assuntos coloniais instituídas pelo regime, o *Ato Colonial* de 1930 e o Estatuto dos Indígenas de 1933, reforçam a legalidade do trabalho compulsório porque este, dever moral, civiliza o negro.<sup>131</sup> Dessa forma, a exploração da mão de obra e dos recursos das colônias ultramarinas, exemplificadas nas práticas do trabalho compulsório, repressão aos “vadios”, pagamento de salários irrisórios, possibilidade de enviar os africanos em migrações forçadas para trabalhar em outros países e taxaço abusiva,<sup>132</sup> garantem a sustentação econômica do império ultramarino português a partir do racismo institucionalizado e das violências cotidianas contra a população africana, justificadas pela “missão civilizadora”.

Também, a política de imigração do Estado Novo, que enviava os desempregados para as colônias, ao mesmo tempo livrava Portugal do “perigo vermelho” e embranquecia a população de seu império ultramarino. A prática, como afirma David Chanaiwa, agravou o

<sup>127</sup> Ibidem, p. 39.

<sup>128</sup> HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula - Visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2005. p. 509.

<sup>129</sup> ALEXANDRE, Valentim. A África no imaginário político português (Séculos XIX-XX). *Penélope: revista de história e ciências sociais*, n. 15, p. 39-52, 1995.

<sup>130</sup> A saber: Angola, Moçambique, Guiné Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe.

<sup>131</sup> HERNANDEZ, ref. 128, p. 513.

<sup>132</sup> DIOP, Majhemout; et al. A África tropical e a África equatorial sob domínio francês, espanhol e português. In: MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe. *História geral da África VIII: África desde 1935*. Brasília: UNESCO, 2010. p. 67-88. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000190256>>

racismo e a exploração da mão de obra africana, uma vez que os portugueses que chegavam a África, em sua grande maioria iletrados, não aceitavam as diferenças culturais por conta de seu imaginário dominado, ainda, pelo racismo difundido na Europa.<sup>133</sup> Dessa forma, há uma intensa hierarquização nas colônias, relegando os africanos ao fundo da estrutura social, normalizando situações de violência física (policial) e psicológica (separação das famílias, privação dos prazeres, proibição dos costumes), e perpetuando a noção de inferioridade africana, “pressuposto comum e inquestionável” da mentalidade portuguesa.<sup>134</sup>

O mito de “missão civilizadora” repaginado no século XIX e utilizado pelo Estado Novo para garantir a indivisibilidade do império ultramarino, portanto, permitiu, como demonstra Valentim Alexandre, a contínua exploração africana apoiada em “velhos estereótipos da teoria escravagista tradicional, agora revestidos das novas roupagens ‘científicas’ exigidas pela modernidade”.<sup>135</sup> Assim, reduziam “o outro - neste caso, o negro - ao papel de simples objecto, de simples receptáculo (no melhor dos casos) dos valores da civilização europeia”,<sup>137</sup> uma vez que entendiam como necessário não só o trabalho para elevação moral, mas também a gradual substituição dos valores tradicionais africanos pelos costumes portugueses. Isso permitiria ao “indígena”, aquele “indivíduo da raça negra ou que dela descendesse”,<sup>138</sup> elevar-se à condição de “assimilado”, o negro que incorporou em definitivo os valores de Portugal e abandonou seus antigos hábitos, tornando-se verdadeiro cidadão português.<sup>139</sup>

Curiosamente, de acordo com Jean-Michel Mabeko-Tali, são os assimilados que, oriundos principalmente da elite africana, ao ingressarem em escolas locais ou cursos de ensino superior em Portugal, entram em contato com ideais pan-africanistas e marxistas e, entre as décadas de 1940 e 1950, começam a formar pequenos grupos de resistência para pensar formas de libertação nacional no contexto angolano.<sup>140</sup> O pan-africanismo, definido

<sup>133</sup> CHANAIWA, David. A África Austral. In: MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe. **História geral da África VIII: África desde 1935**. Brasília: UNESCO, 2010. p. 294-334. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000190256>>

<sup>134</sup> HERNANDEZ, ref. 128, p. 506.

<sup>135</sup> ALEXANDRE, ref. 129, p. 44.

<sup>136</sup> Importante destacar que, para Majhemout Diop, o fascismo europeu das décadas de 1920 e 1930, embora tenha alterado as dinâmicas entre as colônias e as metrópoles, não alterou a natureza do colonialismo, uma vez que a exploração africana anterior aos regimes totalitários já era caracterizada pelo racismo, e mesmo países ditos antifascistas mantinham suas políticas de exploração colonial. DIOP, ref. 132.

<sup>137</sup> ALEXANDRE, ref. 129, p. 46.

<sup>138</sup> HERNANDEZ, ref. 128, p. 514-515.

<sup>139</sup> Ibidem.

<sup>140</sup> “No caso angolano, grande número de intelectuais que aderiram à luta anticolonial, alguns dos quais se embrenharam no mato e se tornaram guerrilheiros, saiu das camadas da burguesia ou da pequena burguesia da

por Hernandez como “um movimento político-ideológico centrado na noção de *raça*, noção que se torna primordial para unir aqueles que a despeito de suas especificidades históricas são assemelhados por sua origem humana e negra”, possibilita a aproximação e a solidariedade da luta contra a opressão colonizadora europeia.<sup>141</sup> Desse modo, as correspondências da elite intelectualizada em Angola, como António Jacinto e Viriato da Cruz, passam a encontrar os assimilados residentes em Portugal, como Lúcio Lara, Mário Pinto de Andrade e Agostinho Neto, criando uma grande rede de contatos e intercâmbio entre Portugal e suas colônias que, com o tempo, possibilitou o desenvolvimento de “uma certa experiência de luta clandestina e [de] boa parte dos fundamentos ideológicos que iriam marcar a sua acção nacionalitária”.<sup>142</sup>

Os intelectuais na África, assim, encontram no contato e no intercâmbio com outras partes do mundo uma forma de burlar a censura e resistir ao governo colonial. Segundo Gilson Brandão de Oliveira Junior, que estuda os “exílios, encontros e desencontros” entre Agostinho Neto,<sup>143</sup> Agostinho da Silva<sup>144</sup> e outros intelectuais no Atlântico Sul, essa aproximação contribuiu “para o amadurecimento dos seus projetos que, no limite, procuravam romper ou ao menos questionar a condição colonizada e/ou subalterna vivenciada”,<sup>145</sup> permitindo, voltando a Mabeko-Tali, o surgimento de “novas formas de organização política e de resistência anticolonial”.<sup>146</sup>

Se para Mahjemout Diop a luta anticolonial em fins da década de 1940 e início de 1950 organizou-se sob “novas formas de resistência africana”, como “movimentos políticos, uma ebulição religiosa e cultural, uma nova atividade sindical, um crescimento dos movimentos grevistas, bem como a aparição do jornalismo político africano”,<sup>147</sup> a “ebulição cultural” e o “jornalismo político”, especialmente, são centrais para pensar a luta anticolonial das colônias portuguesas. Ali A. Mazrui destaca que “era difícil distinguir [no pós-Segunda Guerra Mundial] entre os poetas interessados na política e os homens políticos interessados na

---

sociedade colonial”. MABEKO-TALI, Jean-Michel. **Guerrilhas e lutas sociais: O MPLA perante si próprio (1960-1977)**. Lisboa: Mercado de Letras Editores, 2019, p. 328.

<sup>141</sup> HERNANDEZ, ref. 128, p. 138.

<sup>142</sup> MABEKO-TALI, ref. 140, p. 86-87.

<sup>143</sup> Principal líder do Movimento Popular de Libertação de Angola a partir da luta armada em 1961 e primeiro presidente angolano após a independência.

<sup>144</sup> Intelectual português que fugiu do Estado Novo e auto exilou-se no Brasil.

<sup>145</sup> OLIVEIRA JUNIOR, Gilson Brandão. **Agostinho Neto e Agostinho da Silva: Exílios, encontros e desencontros entre intelectuais no Atlântico Sul**. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2017, p. 176.

<sup>146</sup> MABEKO-TALI, ref. 140, p. 87.

<sup>147</sup> “A Segunda Guerra Mundial consistiu, portanto, um acontecimento decisivo, o catalisador de uma radical transformação. A África que emergiu do conflito era bem diferente da miragem de tranquilidade que lá viram seus colonizadores. Deste ponto de vista, a década de 1935-1945 corresponde não ao apogeu do colonialismo mas ao começo da sua decadência”. DIOP, ref. 132, p. 74.

poesia”,<sup>148</sup> justamente porque os assimilados que encabeçaram o movimento anticolonial a partir de 1940, que futuramente levaria a independência, preocupavam-se não só com a organização da luta política, mas, também, com a ruptura da visão de mundo difundida pela cultura dos colonizadores, priorizando a produção cultural legitimamente africana que pensasse os problemas, angústias e anseios do próprio continente.

Assim, cria-se uma rede de “jovens autores oriundos das margens atlânticas que buscavam expressar-se por meio de uma literatura própria”,<sup>149</sup> por onde circulam produções culturais que denunciam a exploração colonial, pensam formas de libertação nacional e florescem perspectivas de um novo mundo, manejando a cultura, nas palavras de Oliveira Junior, “como expediente da ação política”.<sup>150</sup> Ainda que o Estado Novo censurasse as produções africanas e/ou aqueles que as produziam, controlando as prensas e a circulação de jornais e revistas que colocavam em risco a manutenção da unidade do império português, os grupos de intelectuais surgem, desaparecem e reestruturam-se constantemente amparados por uma grande rede de contatos dentro e fora do continente; é dessa rede de contatos entre a elite assimilada e grupos e/ou intelectuais de fora do país, africanos ou não, que Salim Miguel passou a fazer parte e a contribuir, à sua maneira, a partir de 1952.

Sua inclinação em difundir a arte de “novos” do Brasil e de outras partes do mundo faz o jovem Salim encontrar jovens africanos ávidos pelo contato/intercâmbio, além de produzirem uma literatura que, como veremos, condiz com sua concepção da função da arte, qual seja, grosso modo, a de discutir os problemas do povo e propor soluções para esses mesmos problemas; Salim torna-se, assim, um dos elos do intenso intercâmbio cultural no Atlântico, criando relações duradouras com intelectuais na África e amplificando sua luta anticolonial a partir de práticas de mediação cultural no início da década de 1950, embora sempre à mercê das interceptações da polícia política que, em mais de uma oportunidade, apreendia os pacotes enviados de Salim para os intelectuais na África e vice-versa.

Os documentos históricos que se tornam as cartas presentes no *Cartas D’África* ajudam, nesse sentido, a reconstituir o contato estabelecido e cultivado por Salim, além de suas contribuições para o ambiente cultural e político africano do período. Como discutirei, a aproximação com cada um dos intelectuais em solo africano deu-se de maneira distinta por conta de suas trajetórias diversas, dos diferentes objetivos e interesses que tinham em se

---

<sup>148</sup> MAZRUI, Ali A.; et al. O desenvolvimento da literatura moderna. In: MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe. **História geral da África VIII: África desde 1935**. Brasília: UNESCO, 2010. p. 663-696. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000190256>>

<sup>149</sup> OLIVEIRA JUNIOR, ref. 145, p. 16.

<sup>150</sup> Ibidem, p. 176.

corresponder e, também, da censura colonial, o que resulta em cartas das mais variadas formas e conteúdos que, evidentemente, carregam a linguagem e visões de mundo específicas de cada intelectual remetente. Nesse sentido, as correspondências são ora frequentes, ora esparsas; ora formais, ora descontraídas; ora longas, com grandes divagações, ora curtas, diretas ao ponto; a maioria delas, porém, apresentam um ponto em comum: a busca pelo estabelecimento de um duradouro intercâmbio cultural.

Carta sim, carta também, os intelectuais no continente africano solicitam colaborações de Salim e de outros intelectuais brasileiros, ao passo que informam o envio de produções próprias e dos seus; assim, as cartas enviadas pelos dois lados, que discutiam a censura, os problemas pessoais de cada um e a crítica mútua sobre suas produções, eram acompanhadas também por produções culturais, por livros dos mais diversos conteúdos e por revistas e jornais produzidos pelos jovens. A primeira carta de António Jacinto para Salim Miguel, de setembro de 1952, é um exemplo perfeito: nela, o futuro Secretário de Cultura do governo angolano independente informa que está não só enviando produções de autoria dele, de Ermelinda Pereira Xavier e de Orlando Távora,<sup>151</sup> como também espera que Salim lhe envie “um conto não muito longo” para que possa reproduzir no quinzenário *Farolim*, que ajuda a manter em Angola, além de “prosa, poesias e desenhos de amigos” que queria pelo mesmo motivo.<sup>152</sup>

As contribuições chegavam ora por solicitação do próprio Salim, ora pelo pedido de permissão para enviá-la. É o caso de José Graça, que, em dezembro de 1956, envia o pouco que pode para atender ao pedido de Salim por obras “que possam facilitar um conhecimento do que se vem fazendo por aí no terreno da cultura”,<sup>153</sup> e de Mário Lopes Guerra, que, em novembro de 1957, pergunta se pode “enviar colaboração para ser publicada” na revista *Sul*.<sup>154</sup> A vontade de publicar na revista do CAM era compartilhada por grande parte dos intelectuais africanos e se justifica pela boa aceitação da *Sul* no continente durante a década de 1950, evidenciadas, entre outros, pelas declarações de José Graça sobre o reconhecimento “de todos” do valor da revista e da influência que ela tem sobre o trabalho deles,<sup>155</sup> e de Viriato da Cruz, afirmando que “a *Sul* cativou-nos” pois, segundo ele, se propõe a “defender

---

<sup>151</sup> Orlando de Távora era, na realidade, o pseudônimo do próprio António Jacinto.

<sup>152</sup> MIGUEL, ref. 10, p. 17-19.

<sup>153</sup> Ibidem, p. 29.

<sup>154</sup> Mário Lopes Guerra não publica porque, logo depois de sua carta, o CAM deixa de existir e, com ele, sua revista. Ibidem, p. 37.

<sup>155</sup> “Todos unânimes em reconhecer o valor de tal publicação e é nela que nos fortalecemos para futuros trabalhos”. Ibidem, p. 31.

princípios elevados, difundir uma cultura verdadeira, interessada, humana”.<sup>156</sup> Por isso a chegada de exemplares da *Sul* era tão celebrada por Jacinto, que agradece o envio e se prontifica a ser, inclusive, o representante da *Sul* em Angola,<sup>157</sup> por José Graça, que confirma o recebimento do n. 28 já esperando o n. 29,<sup>158</sup> e por Américo de Carvalho, que oferece seus “modestos préstimos” para continuar difundindo a revista.<sup>159</sup>

Da mesma forma que a *Sul* visita o continente africano, o quinzenário *Farolim* é enviado de Angola por António Jacinto<sup>160</sup> e o mensário *Itinerário*, de Moçambique, é enviado por Augusto dos Santos Abranches, esse último em troca de exemplares da *Sul*.<sup>161</sup> Essas permutas são importantes para entender a dinâmica das colaborações e envios de jornais e revistas entre os grupos de intelectuais dos dois continentes, que, em boa medida, não eram realizadas visando retorno financeiro, da mesma forma que se deu o intercâmbio cultural com os grupos de “novos” no Brasil; embora alguns dos escritores expressem sua vontade em recolher dinheiro das assinaturas para enviar a Salim,<sup>162</sup> em outros casos a compensação acontecia a partir de permutas de obras que pudessem cobrir os custos de aquisição ou envio. A prática, sabendo das dificuldades financeiras para a manutenção dos trabalhos e publicações que enfrentavam tanto os daqui, quanto os de lá, torna a importância do intercâmbio cultural ainda mais central para os intelectuais.

Além disso, não eram apenas jornais e produções como conto ou poesia que acompanhavam as cartas, mas também os livros produzidos pelos jovens. De um lado, as obras que Salim publicava pelas *Edições Sul* eram enviadas para os intelectuais africanos. É o caso de *Rêde*, solicitado por José Graça em junho de 1957<sup>163</sup> e recebido três meses depois,<sup>164</sup> *Alguma gente*, enviados para Domingos Ribeiro Silveira<sup>165</sup> e Fernando Reis,<sup>166</sup> e *Velhice*, primeiro livro de Salim publicado pelas *Edições Sul*, lido por António Jacinto;<sup>167</sup> do lado africano, os intelectuais enviam as poucas produções que conseguem publicar, como *A cidade*

---

<sup>156</sup> Ibidem, p. 38.

<sup>157</sup> Ibidem, p. 22-23.

<sup>158</sup> Ibidem, p. 34.

<sup>159</sup> Ibidem, p. 35.

<sup>160</sup> Ibidem, p. 17-18.

<sup>161</sup> Ibidem, p. 59.

<sup>162</sup> Jacinto escreve: “Acho que devemos passar a trabalhar numa maneira mais vantajosa para V. no que diz respeito à *Sul*. Isto é, no próximo ano organizarei uma carteira de assinantes para a *Sul*. Depois V. mandar-me-ão os números necessários para satisfazer essas assinaturas. Nós faremos a distribuição e enviaremos depois o produto líquido da venda”. Ibidem, p. 22.

<sup>163</sup> Ibidem, p. 33.

<sup>164</sup> Ibidem, p. 34.

<sup>165</sup> Ibidem, p. 113.

<sup>166</sup> Ibidem, p. 137.

<sup>167</sup> Ibidem, p. 17.

*e a infância*, livro de José Graça postado para Salim em junho de 1957.<sup>168</sup> Uma vez que José Graça, por sua atividade e escrita militante, é preso em 1959 na prisão de Tarrafal, no arquipélago de Cabo Verde, de lá para cá o envio das obras publicadas torna-se, sobretudo, um ato de resistência: *A cidade e a infância* foi, num primeiro momento, apreendido pelo governo colonial no início de 1957,<sup>169</sup> pois apresentava fortes críticas à repressão policial, a fome, a precarização do trabalho e a falta de oportunidades para as populações das colônias ultramarinas; José Graça, como conta em carta, recupera alguns exemplares e envia a obra a Salim somente alguns meses depois.

A repressão exige, portanto, que os intelectuais na África enviem suas produções de caráter anticolonial para fora do país, para que possam ser publicadas e/ou circular. Isso torna a censura, parte integrante da realidade colonial, outro dos temas de inúmeras cartas e, inclusive, um interessante objeto de estudo de futuras pesquisas. As passagens que exemplificam o descontentamento com a censura do regime colonial são diversas, tanto condenando a fiscalização e apreensão de obras quanto a repressão de focos de discussão de ideias e de produção cultural. Ainda José Graça, em carta de janeiro de 1957, destaca que

O panorama cultural aqui está condicionadíssimo. Temos um bom número de jovens interessados em desenvolver uma literatura de caráter regionalista e alguns mesmo já com obra feita. Mas está guardada no fundo do baú. Não a podem publicar. Não há editores. As edições de autor ficam caríssimas, fora do alcance da gente nova, estudantes uns, pequenos empregados outros.

Pensámos fazer (e fizemos) um grupo de novos que, auxiliando-se uns aos outros, publicasse os trabalhos. Organizamos cadernos e vamos começar a publicá-los. Obras todas de jovens que pretendem cantar os temas da sua terra e do seu povo. É difícil obter autorização (como deve saber, é necessário autorização para fazer publicações) para a publicação, por exigirem a formação duma organização responsável e um depósito de garantia de 25 mil escudos. Põem todos os entraves possíveis. Em tudo vêem manifestações de carácter político. [...] Os jornais, controlados, não publicam nada que tenha 'regionalismo'. De maneira que nos encontramos num beco quase sem saída.<sup>170</sup>

Nesse sentido, não só existia a censura efetiva, aquela que apreendia ou destruíra livros de caráter nacionalista ou anticolonial, mas também a falta de incentivo e o sufocamento da produção cultural exemplificado pelo controle das prensas e o estabelecimento de altos valores das edições, práticas que impediam a maioria absoluta dos intelectuais, os quais tinham a escrita como uma segunda profissão não remunerada (assim como Salim), de publicar suas produções. Nas palavras de José Graça, a ditadura salazarista colocava “todos os entraves possíveis” ao restringir a publicação pelos altos recursos que ela demanda ou, então, ao impedir de publicar aqueles que conseguiam tais recursos, deixando-os “num beco quase

<sup>168</sup> Ibidem, p. 32.

<sup>169</sup> Ibidem.

<sup>170</sup> Ibidem, p. 30.

que sem saída”; *quase* sem saída porque, justamente, não só continuavam reunindo-se e produzindo como, também, enviavam as publicações para fora das colônias. Outra esfera da censura era a própria polícia política, tão sufocantemente presente no cotidiano dos intelectuais das colônias africanas que qualquer demora maior nas respostas das cartas que eles trocavam entre si era passível de suspeitas de prisões, como Abranches comenta ao dizer-se preocupado com António Jacinto, “pois já lhe escrevi duas cartas a que não tive resposta, não sabendo, portanto, se ele se encontra preso pela polícia política se não”.<sup>171</sup>

Os comentários com relação à censura são às vezes explícitos, como no exemplo de Abranches acima, às vezes contidos, como os de Manuel Filipe de Moura Coutinho, que em maio de 1958 informa a morte do *Itinerário*, tantas vezes recebido por Salim e que abrigou, vez ou outra, produções de brasileiros em suas páginas, por “falta de dinheiro, colaboração, e... aquilo porque muitas e muitas iniciativas de caráter cultural e esclarecedor falecem por estas terras”.<sup>172</sup> Isso me faz pensar que a censura era mais efetiva nas prensas do que na restrição de circulação e/ou fiscalização das cartas e dos pacotes nos correios, pelo menos até a chegada da Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) às colônias em 1957 e a organização de uma censura mais institucionalizada.<sup>173</sup> Ora, se a polícia política impedia a publicação das produções dos intelectuais africanos que denunciavam as violências do regime colonial, o que explica o recebimento e a circulação de *Sul* pelas colônias ultramarinas portuguesas? *Sul* essa que continha produções dos mesmos intelectuais africanos censurados, além de produções de outros intelectuais à esquerda, como Eglê Malheiros e seu *Revolução*, que, Correa comenta, “deve ter agradado um bocado aqueles ‘novos’ que viviam sob a opressão do domínio colonial”.<sup>174</sup> Eglê, inclusive, chegou a criticar o governo de Salazar nas páginas da *Sul*.<sup>175</sup>

Algumas das remessas enviadas por Salim com edições da *Sul* foram apreendidas pelo governo colonial, como Manuel Filipe de Moura Coutinho conta na mesma carta que comunica o “falecimento” do *Itinerário*.<sup>176</sup> No entanto, a frequência das colaborações de um

---

<sup>171</sup> Ibidem, p. 68.

<sup>172</sup> Ibidem, p. 109.

<sup>173</sup> MABEKO-TALI, ref. 140, p. 86.

<sup>174</sup> CORREA, ref. 58, p. 24.

<sup>175</sup> Eglê escreve: “Uma das principais vantagens culturais que nos trouxe a publicação de ‘Sul’ foi o intercâmbio com os escritores novos de Portugal. Foi-nos revelada uma geração de coragem e valor, por meio da ficção principalmente, todos os graves problemas dos homens e do mundo, com uma sinceridade que provoca admiração de quem quer que saiba, por ouvir dizer ou pela própria experiência, o que é um governo como o de Salazar”. MALHEIROS, Eglê. Escritoras de Portugal. *Sul*, Florianópolis, n. 13, abr. 1951, p. 38-39.

<sup>176</sup> “E V. compreenderá se se recordar que a última carta que me escreveu era portadora dum aviso comunicando-lhe que um volume de revistas que me havia remetido tinha sido apreendido pelas autoridades de Lourenço Marques”. MIGUEL, ref. 10, p. 108.

lado a outro, do envio das mais diversas obras e das referências, explícitas ou indiretas, à censura nas cartas, indicam que a polícia política falhava em controlar todas as correspondências que chegavam e saíam, bem como em fiscalizar os jornais e revistas que circulavam pelas mãos dos jovens. É claro que isso não diminui a importância das práticas dos intelectuais africanos frente à censura, mas indica um dos caminhos trilhados pelo movimento de luta anticolonial para manter e fortalecer a resistência: a solicitação contínua de contribuições, livros diversos e edições da revista do Grupo Sul, bem como sua difusão em outras cidades africanas e reuniões para discutir as produções nela veiculadas.

Portanto, quando Viriato da Cruz indica que os livros que solicita “deverão ser vestidos com capas de outros livros vulgares. E, finalmente, os embrulhos, que deverão ser pouco volumosos, convém sejam feitos de papel forte”,<sup>177</sup> ou quando Jacinto comenta que sobre “cuidados na remessa [Salim] já sabe”,<sup>178</sup> é porque a fiscalização existe, mas pode ser burlada. É dessa forma, com diferentes artimanhas para mascarar o real cunho das obras, que Salim faz chegar ao outro lado do Atlântico não só a *Sul* ou colaborações para o *Itinerário* ou o *Farolim*, mas também livros de teoria marxista e/ou ficções escritas a partir da ótica comunista, livros esses solicitados pelos intelectuais africanos e os quais auxiliam na organização da luta anticolonial e no desenvolvimento de novas perspectivas para as produções culturais.

É o caso dos livros *Trente ans du parti communiste Chinois*, de Hou Kiao-Mou, e *How the tillers win back their land*, de Hsiao Chien, solicitados por Jacinto,<sup>179</sup> e de qualquer livro de Jesus Lara, romancista e político boliviano filiado ao partido comunista de seu país, solicitado por José Graça.<sup>180</sup> Notória também é a admiração que intelectuais em África nutriam por escritores comunistas brasileiros como Jorge Amado e Graciliano Ramos, mais conhecidos no cenário nacional, além da própria Eglê, militante do PCB e integrante do Grupo Sul que recebia o carinho de Jacinto, Viriato e Abranches.<sup>181</sup> Isso, portanto, impelia os africanos a solicitarem obras também desses autores, como *Mundo da paz*, de Jorge Amado, requisitado por Jacinto,<sup>182</sup> que também solicita obras inéditas de Eglê<sup>183</sup> depois de já ter

---

<sup>177</sup> Ibidem, p. 43.

<sup>178</sup> Ibidem, p. 27.

<sup>179</sup> Ibidem.

<sup>180</sup> Ibidem, p. 28.

<sup>181</sup> Viriato escreve: “Não se lê E. Malheiros em vão. Porque se sente que E. Malheiros não escreve para passar simplesmente o tempo. É alguém que compreende a grande responsabilidade da Palavra. Alguém que ama e serve a Vida. A sua esperança, sentimo-la grande”. Ibidem, p. 41.

<sup>182</sup> Ibidem, p. 18.

<sup>183</sup> Ibidem, p. 24.

recebido seu livro de poesias *Manhã*.<sup>184</sup>

Em linhas gerais, as cartas publicadas no *Cartas D'África* indicam que o contato de Salim deu-se de maneira mais intensa com intelectuais residentes em Angola, principalmente António Jacinto, Viriato da Cruz e José Graça, com correspondências que giravam, sobretudo, em torno da luta de libertação, da solicitação de contribuições e denúncia da censura. Já com intelectuais em Moçambique, o contato mais duradouro se deu com Augusto dos Santos Abranches, sempre com longas críticas sobre produções artísticas e, também, várias passagens que indicam um afeto ímpar entre os dois. Abranches, no entanto, viajou para Portugal no início de 1955 e desembarcou no Brasil em agosto do mesmo ano, o que limita sua atuação na produção cultural das colônias africanas nas cartas de meados de 1952 e 1955. Outro intelectual em Moçambique com quem Salim trocou correspondências mais frequentes foi Manuel Filipe de Moura Coutinho, escritor que assumiu como representante da *Sul* na colônia portuguesa após a viagem de Abranches ao Brasil; na seleção de Salim, as cartas de Orlando Mendes, Domingos Ribeiro Silveira e Domingos de Azevedo são poucas, curtas e esparsas.

Seja solicitando contribuições para seus jornais e revistas, louvando as produções veiculadas na revista *Sul*, discutindo sobre a censura ou sobre as dificuldades da vida nas colônias ultramarinas, as cartas entre Salim Miguel e intelectuais de língua portuguesa na África são uma forma de resistência contra o regime colonial. A prática é possível, de um lado, pelos intelectuais dispostos a enfrentar os instrumentos de censura e dominação colonial e, de outro, pela mediação cultural desenvolvida por Salim Miguel. Para melhor análise dessa mediação e seu desenrolar, e sabendo também que sua relação era melhor/mais proveitosa com uns do que com outros, optei por aprofundar as correspondências entre Salim Miguel, Augusto dos Santos Abranches e Viriato da Cruz: o primeiro exemplifica a atuação de agitação cultural condicionada pela censura nas colônias ultramarinas portuguesas; o segundo, a busca por um nacionalismo africano na e pela produção cultural, fundamental para arregimentar e organizar a luta anticolonial.

---

<sup>184</sup> Ibidem, p. 21.

**Salim Miguel e Augusto dos Santos Abranches: o “camarada muito, muito amigo”**

*Dum lado toda a paz / que a liberdade encerra;  
do outro o sonho que jaz / sob as chamas da guerra.  
E nós no meio, vivos, / bandeira da esperança  
destruindo os perigos / para a humana herança!*

Augusto dos Santos Abranches

Segundo Haroche-Bouzinac, “as zonas de sombra e de luz [nas correspondências] não são as mesmas, em função de cada destinatário”.<sup>185</sup> Nesse sentido, o contato entre Salim e os intelectuais no continente africano difere, resultando em relações específicas que levam em conta a trajetória, os ideais e as paixões do intelectual com quem Salim se corresponde. A aproximação realizada entre o catarinense e Augusto dos Santos Abranches caracteriza-se, nesse sentido, por uma amálgama entre sua experiência literária em Portugal, sua vasta produção crítica e artística, seu senso de humor e, claro, a censura colonial. Além disso, é o contato mais longo e produtivo se comparado com os outros intelectuais residentes na África; longo porque as cartas entre os dois vão de maio de 1952 a junho de 1961 (ao menos no *Cartas D’África*), e produtivo pois ele, Abranches, possui muitas contribuições reproduzidas na *Sul*.

A primeira carta de Abranches data de cinco de maio de 1952, em resposta ao contato de Salim que, como já vimos, é possível através de Marques Rebelo. Se as cartas de José Graça, por exemplo, sempre mantiveram um tom cordial e uma estrutura padrão, as de Abranches, por sua vez, rapidamente deixam de lado as saudações de “Exmo. Senhor”<sup>186</sup> e “Meu prezado camarada”<sup>187</sup> para um simples “Meu caro Salim Miguel”, o “diabo de uma figa”<sup>188</sup> com quem Abranches, durante quase dez anos, passou a compartilhar planos ambiciosos, projetos de escrita, concepções de arte e dificuldades da vida num convívio “que tanto estimo”.<sup>189</sup> Assim, algumas das cartas de Abranches, como bem salientou Dalcastagnè, são “longuíssimas para os padrões de hoje”,<sup>190</sup> pois a carta de amizade autoriza os dois lados, de acordo com Haroche-Bouzinac, a “deplorar” a “brevidade”,<sup>191</sup> uma das normas clássicas da

<sup>185</sup> HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. **Escritas epistolares**. Tradução de Ligia Fonseca Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

<sup>186</sup> MIGUEL, ref. 10, p. 57.

<sup>187</sup> Ibidem, p. 60.

<sup>188</sup> Ibidem, p. 71.

<sup>189</sup> Ibidem, p. 81.

<sup>190</sup> DALCASTAGNÈ, ref. 11, p. 61.

<sup>191</sup> HAROCHE-BOUZINAC, ref. 185, p. 83.

escrita de cartas. Ao responder a uma carta de Salim, que provavelmente pede desculpas por sua extensão, Abranches escreve:

E não creia que era grande [a sua carta]. Oxalá que não tenha a desgraça de um dia lhe chegar às mãos algumas daquelas que costumo escrever (conte até 9 ou 10 folhas de papel) pois que só há uma coisa a fazer: caixote do lixo com ela! A não ser que sofra de insónias, pois que então é remédio infalível. Nem um dicionário de latim, uma gramática grega ou um tratado de metafísica lhe ganha.<sup>192</sup>

Além disso, as cartas de Abranches também indicam, em diversas oportunidades, uma improvisação genuína, uma escrita em blocos que ora responde perguntas das cartas de Salim, ora divaga sobre os assuntos mais variados:

Já recebi carta do Marques Rebelo. A que me escreveu e foi devolvida, só a ele cabe a culpa, pois a seguir à caixa postal pôs apenas 522, esquecendo-se do 1 que o antecede. [...]

Não, não recebi o n.º 24 de *Sul*. Deve ter ficado por L. Marq. [Lourenço Marques], com o Domingos de Azevedo, que ficou o único dono da caixa postal. Agradeço-lhe que me mande, portanto, alguns exemplares para aqui, com o número 25. Neste, vem algo meu? (pelo menos estou habituado a isso...). E já agora, por favor, junte-lhe também 1 ex. dos números 18 e 23, pois não os encontro entre a batelada de 12 caixotes com livros e revistas que consegui trazer de África. Pode ser?

Cheguei a uma quarta-feira, e comecei logo a trabalhar na segunda-feira seguinte [...].<sup>193</sup>

O término de um assunto e o início de outro sem nenhuma ligação ao anterior, aliados às rasuras e complementos manuscritos às cartas datilografadas que Dalcastagnè chama a atenção,<sup>194</sup> indicam a improvisação presente nas cartas de Abranches. A fuga da estrutura padrão e das formalidades comuns na troca epistolar, visível no contato de Salim e Abranches, é um fenômeno possível, voltando a Haroche-Bouzinac, “em toda troca entre amigos”,<sup>195</sup> pois a amizade convida um ao outro a “escrever mais extensamente”<sup>196</sup> como se em uma conversa cara a cara. Abranches indica perceber seu contato com Salim dessa forma, um verdadeiro diálogo, ao comentar que recebeu a carta do catarinense e logo colocou-se “a matraquear as teclas da minha máquina para um pouco de conversa”,<sup>197</sup> ou quando finaliza sua carta chamando “de lá essas costas para um grande abraço”.<sup>198</sup> É justamente esse entendimento de conversação, a partir da amizade criada, que possibilita a redação de maneira detalhada, espontânea, improvisada e informal típicas das cartas de Abranches.

Exemplos dessa amizade não faltam: em junho de 1952, um mês após o início do contato, Abranches afirma que a carta de Salim “é que importa. Importa tanto que, quando a

<sup>192</sup> MIGUEL, ref. 10, p. 62.

<sup>193</sup> Ibidem, p. 103.

<sup>194</sup> DALCASTAGNÈ, ref. 11, p. 61.

<sup>195</sup> HAROCHE-BOUZINAC, ref. 185, p. 87.

<sup>196</sup> Ibidem, p. 83.

<sup>197</sup> MIGUEL, ref. 10, p. 87.

<sup>198</sup> Ibidem.

recebi, quase me fez esquecer de todo o resto”;<sup>199</sup> dois anos depois, em junho de 1954, ao comentar seu plano de vir ao Brasil para fugir do “cão policial” que lhe atrapalha a vida, Abranches alimenta “a esperança de ainda lhe ir dar um grande abraço”.<sup>200</sup> Em novembro de 1952, Abranches deseja, em resposta a uma carta de Salim que informa seu casamento com Eglê Malheiros, “um grande e rijo abraço de parabéns envoltos nos meus sinceros votos de plena felicidade” ao “noivo de uma cana!”.<sup>201</sup> O fato de Salim contar em carta sobre seu casamento já é algo que indica a estima que ele nutria por Abranches, e o presente enviado pelo português “para si e para Eglê (poderia ser só para a Eglê, se não se zangasse)”, “como lembrança tardia”<sup>202</sup> do casamento, aponta o mesmo.

O bom humor sempre presente também demonstra a amizade dos dois e a liberdade para escrever: ao falar sobre a retomada de um antigo projeto, Abranches comenta sobre as “3 colunas que estou a estragar”,<sup>203</sup> e, ao enviar felicitações pelo nascimento do primeiro filho de Salim, brinca que “estou-me a lembrar dum provérbio árabe, muito conhecido em Portugal: só se é homem depois de se ter plantado uma árvore, feito uma casa e arranjado um filho. Você começou pelo fim, ou o quê?”.<sup>204</sup> Essas e outras passagens indicam que as convenções da carta foram gradualmente deixadas de lado ante a amizade dos dois, construída, como afirma Dalcastagnè, entre outros, porque Salim e Abranches “são dois homens apaixonados pela escrita e generosos em relação aos que produziam à sua volta”.<sup>205</sup>

Salim era um dos líderes do Grupo Sul e parte importante na tarefa do CAM de difundir a arte dos “novos”. Torna-se necessário, portanto, discutir rapidamente a trajetória de Abranches em Portugal e depois em Moçambique, para compreender sua atuação cultural e suas motivações para o contato com outras partes do mundo. De acordo com Dalcastagnè, citando o professor português Arnaldo Saraiva, Abranches era dono da livraria Portugália em Coimbra, Portugal, além de ser influente no movimento cultural do país, editando, inclusive, o primeiro livro de Fernando Namora, conhecido escritor português.<sup>206</sup> É por sua atuação cultural em Coimbra, publicando livros como *Poemas de Hoje*, de 1942, e *As várias faces e Tufão*, de 1943, todos pelo selo da Portugália, que Abranches precisa fugir do regime

<sup>199</sup> Ibidem, p. 62.

<sup>200</sup> Ibidem, p. 85.

<sup>201</sup> Ibidem, p. 73-74.

<sup>202</sup> Ibidem, p. 76.

<sup>203</sup> Ibidem, p. 84.

<sup>204</sup> Ibidem, p. 92.

<sup>205</sup> DALCASTAGNÈ, ref. 11, p. 63.

<sup>206</sup> Ibidem, p. 61-62.

ditatorial de Salazar.<sup>207</sup> Ao se estabelecer na cidade de Lourenço Marques (atual Maputo), colônia de Moçambique, em meados da década de 1940,<sup>208</sup> Abranches não só mantém sua intensa atividade cultural, participando de jornais com alguns textos e publicando suas obras sempre que possível, mas também cultivava uma rede de contatos com Portugal, recebendo de lá algumas produções e acompanhando, mesmo que de longe, a literatura do país. Quando Abranches solicita a Salim uma relação sobre “o que está recebendo de Portugal, para eu ver com cuidado se haverá mais alguma coisa que mereça conhecer. Valeu?”,<sup>209</sup> sua relação próxima com as produções de lá e o conhecimento prévio da literatura portuguesa ficam evidentes.

No entanto, a atuação em Moçambique tampouco era mais favorável, como Abranches faz questão de demonstrar em carta de junho de 1952, não sabendo “se as condições de vida são aí, no Brasil, melhores ou não. Piores, é que será difícil”.<sup>210</sup> Piores porque a “senhora censura”, que pode cortar ou não uma nota que ele escreveu sobre um livro não nomeado de Lila Ripoll, possivelmente enviado por Salim,<sup>211</sup> existe tanto em Portugal quanto em Moçambique. Além disso, o ambiente cultural moçambicano perdia cada vez mais jornais para o clero local, como *Átrio*,<sup>212</sup> *Guardian* e *Diário de Moçambique*,<sup>213</sup> tornando, dessa forma, seu conteúdo pobre e sem valor e mingando as já poucas produções existentes. Além disso, Abranches quase nunca encontrava “umas horas para o trabalho verdadeiro, o de escrever”,<sup>214</sup> pois, como outros intelectuais do período, precisava conciliar a escrita, que pouco recompensava financeiramente, com o trabalho regular necessário para sobreviver.

É pelo descontentamento com a “vida de cão”<sup>215</sup> que Abranches vinga-se da empresa em que trabalha ao utilizar seu papel timbrado para escrever a carta de dez de junho de 1952, nas “horas que julgo livres depois de ter trabalhado extraordinariamente”.<sup>216</sup> Aliás,

---

<sup>207</sup> “É importante lembrar que intelectuais europeus (anti-hegemônicos) também foram acuados pelos mesmos regimes que praticaram o colonialismo nos trópicos. Muitos deles exilaram-se, seja por motivo de perseguição política ou por resistência cultural, e produziram ideias originais e versões alternativas relativas aos mesmos eventos”. OLIVEIRA JUNIOR, ref. 145, p. 10.

<sup>208</sup> Embora tenha ido primeiro para Lourenço Marques, fez o contato com Salim Miguel, a partir de maio de 1952, na cidade de Nampula. DALCASTAGNÈ, ref. 11, p. 62.

<sup>209</sup> MIGUEL, ref. 10, p. 59-60.

<sup>210</sup> Ibidem, p. 62.

<sup>211</sup> Ibidem, p. 70.

<sup>212</sup> Ibidem, p. 59.

<sup>213</sup> Ibidem, p. 65.

<sup>214</sup> Ibidem, p. 88.

<sup>215</sup> Ibidem, p. 68.

<sup>216</sup> Ibidem, p. 61.

considerava o emprego na Construtora Sacristan<sup>217</sup> como “escravidão, mais ou menos remunerado, mas trabalho forçado de qualquer modo”,<sup>218</sup> uma vez que o que o satisfazia realmente era o trabalho literário. Quando da morte do português, Marques Rebelo, com quem Abranches manteve contato, faz questão de destacar sua atuação na imprensa como sendo de “necessidade e vocação”.<sup>219</sup>

Faz sentido, portanto, a afirmação de Dalcastagnè, que aproxima as experiências de Salim e Abranches (enquanto pessoas do mundo dos livros, com vasta produção e que buscavam incessantemente a boa literatura) para justificar a amizade e o longo contato cultivado entre os dois. O compartilhamento de semelhantes experiências, anseios, objetivos culturais e políticos, o amor pela literatura e sua difusão,<sup>220</sup> inclusive, podem ser observados nas cartas de Abranches, dado que o fio condutor de boa parte delas é a discussão sobre literatura: obras de artistas conhecidos, publicações da *Sul*, envio e recebimento de contribuições e, também, dicas ou sugestões de produções estão sempre presentes. Dessa forma, sua antiga ocupação em Portugal, como editor e livreiro, e depois sua atuação em Moçambique, principalmente publicando textos em pequenos jornais, indicam um grande conhecimento sobre o mundo literário de língua portuguesa e sua “paixão pela escrita”.

É nesse sentido que Abranches discute, por exemplo, que, apesar de conhecer alguns suplementos do Brasil, como o *Letras e Artes*, e outros escritores brasileiros, como Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Cecília Meireles, não conhece as “novíssimas gerações” do país, como a “*Revista Branca* ou qualquer dessas que estão proliferando por todo o Brasil”.<sup>221</sup> Isso acontece, provavelmente, porque esses movimentos e grupos de “novos” surgem após 1945, quando Abranches já não era mais dono da Portugália e, portanto, não recebia com tanta frequência as novidades literárias brasileiras. Além disso, de acordo com Abranches, um movimento de “novos” semelhante ao brasileiro estava longe de acontecer em terras moçambicanas; é por isso que ele faz questão de receber a *Sul* e outras contribuições para as produções lá existentes, uma vez que o governo colonial impedia de publicar os poucos jovens na África dispostos a tal.

<sup>217</sup> O trabalho de Abranches é conhecido a partir do papel timbrado da empresa em que ele escreveu. DALCASTAGNÈ, ref. 11, p. 63.

<sup>218</sup> MIGUEL, ref. 10, p. 88.

<sup>219</sup> “Trabalhava no comércio e trabalhava na imprensa. No primeiro, por necessidade, na outra, por necessidade e vocação”. Ibidem, p. 145.

<sup>220</sup> A aproximação das experiências de Salim e Abranches, no entanto, precisa ser feita resguardando as devidas proporções. Ainda que a atuação do CAM estivesse até certo ponto sujeita a censura, como Salim destaca em *Notícias das temporadas teatrais em Florianópolis*, na *Sul* n. 10, a de Abranches, condicionada pelo governo colonial, era muito mais delicada. Só depois, com a Ditadura Militar, como destaca Dalcastagnè, que a atuação de Salim fica sujeita a repressão semelhante. DALCASTAGNÈ, ref. 11, p. 62.

<sup>221</sup> MIGUEL, ref. 10, p. 58.

Se não recebe as requisitadas contribuições, Abranches faz questão de cobrar Salim pela falta do envio, como em setembro de 1952 quando “desta vez não lhe mando nada, mas espero que não se esqueça que me prometeu enviar colaboração, e que ainda não o fez”,<sup>222</sup> e em outubro do mesmo ano reforça o pedido: “essa colaboração que me prometeu, quando é que chega? Escreva, seu diabo de uma figa!”.<sup>223</sup> Ou ainda, em novembro, após o casamento de Salim e Eglê: “afinal, essa prometida colaboração? Casadinhos de fresco, não se lembram de mais nada”.<sup>224</sup> Suas cartas não são apenas cobranças, no entanto, pois Salim atende os pedidos do amigo em Moçambique; alguns exemplos são a carta de fins de julho de 1952, quando Abranches informa “que recebi já os três exemplares do seu livro de contos e os dois exemplares do número 15 de *Sul*”,<sup>225</sup> ou em outubro de 1952, quando admite que recebeu “uma batelada de livros e revistas, que me deixou envergonhado, pois estou a enviar muito menos do que recebo”.<sup>226</sup>

O interessante é que esse envio de produções e contribuições é, de certa maneira, “não remunerado”, criando um intercâmbio cultural que, como discutido anteriormente, muitas vezes não se preocupa com os valores envolvidos, mas sim em fazer circular as produções. Em maio de 1952, por exemplo, Abranches informa que enviou exemplares de seu livro *Contorno de Eça*, “dos quais 1 ex. é para si, 1 para *Sul* e Círculo de Arte Moderna, e os restantes 6 ex. para distribuir por onde julgar mais conveniente”, para arcar com os custos do frete.<sup>227</sup> Em setembro de 1952 Abranches comenta:

Não lhe estranhe, por conseguinte, que lhe apareça aí livros já abertos, pois que serei obrigado a fazer isso sempre que ler algum que julgue ter algum interesse para lhe enviar. Leio, remeto-lhe, sem esperar que receba um ou outro exemplar, para que a demora da recepção para si não seja acrescentada ainda mais. Fica entendido que tudo o que lhe enviar dará o destino que julgue mais conveniente.<sup>228</sup>

Depois, em novembro de 1952:

Os rapazes fizeram sair um caderno de poesia, *Msaho*. Isto é: editaram um caderno de poesia, mas a censura proibiu a sua venda ao público, pelo que estão com os exemplares no quarto, suando espinhas com receio de que sejam aborrecidos... Perdoe-me a liberdade, mas vou dizer-lhes para enviarem para aí o que puderem, e espero que se interessem pela sua distribuição. Para vocês não deve haver perigo algum.<sup>229</sup>

---

<sup>222</sup> Ibidem, p. 70.

<sup>223</sup> Ibidem, p. 71.

<sup>224</sup> Ibidem, p. 76.

<sup>225</sup> Ibidem, p. 67.

<sup>226</sup> Ibidem, p. 73.

<sup>227</sup> Ibidem, p. 60.

<sup>228</sup> Ibidem, p. 69.

<sup>229</sup> Ibidem, p. 75.

Seus envios não tinham destino ou função específica, como ele dá a entender em passagens como “com mil diabos: julguei que já estava entendido entre nós que daria o destino que julgasse merecedor a tudo aquilo que lhe enviasse, mesmo que fosse o caixote dos papéis velhos. Para a outra vez, portanto, proceda como julgar melhor”<sup>230</sup> e “mando mais uma batelada de trabalhos. Dê-lhe o destino que julgar mais conveniente, incluindo o caixote do lixo”.<sup>231</sup> Ainda, após enviar mais unidades de seu livro *Contorno de Eça* em novembro de 1952, comenta que “se forem vendendo alguma coisa, mandam livros e revistas em troca”.<sup>232</sup> Se forem vendendo; se não? Faz parte. Essa é uma conduta diferente, por exemplo, da de Américo de Carvalho, que, em junho de 1956, escreve a Salim com a intenção de ser representante de *Sul* em Angola e, embora sem visar lucro, não quer ter prejuízo.<sup>233</sup>

Ainda que, em alguns momentos, ele e Salim tratem sobre assinaturas para a *Sul* e a venda de livros das *Edições Sul* nas colônias portuguesas,<sup>234</sup> e na primeira carta de Abranches a Salim ele se preocupe em “estudar uma modalidade de pagamento”,<sup>235</sup> tudo indica, pela repetida solicitação de colaboração e pelo esclarecimento constante das coisas que envia sem mencionar valores e/ou formas de pagamentos, que o acordo entre os dois foi a permuta de obras e produções próprias, sejam culturais ou críticas. Uma vez que enviavam muito, mas recebiam tanto quanto em troca, a atividade se pagava, como Abranches acusa em julho de 1954 ao questionar “que história é essa de chorar por ter recebido uns livros que mandei? Então os números de *Sul* não pagam isso tudo e mais que fosse?”,<sup>236</sup> ou em novembro de 1952, quando comenta sobre o envio de algumas revistas que faz “por não acreditar que [você, Salim] esteja meu devedor no nosso negócio de permuta”.<sup>237</sup>

É preciso destacar, portanto, que a “modalidade de pagamento” escolhida exigia um empenho dos dois lados, pois a balança poderia ficar desequilibrada rapidamente caso a “igualdade” entre os envios fosse abandonada. Nesse sentido, além da amizade, outro fator essencial para a manutenção do contato e intercâmbio entre Salim e Abranches é que ambos encontram, um no outro, o que Haroche-Bouzinac chama de “correspondente ideal”, aquele que não se deixa conformar com as divagações de quem escreve e permite uma busca mútua

---

<sup>230</sup> Ibidem, p. 74.

<sup>231</sup> Ibidem, p. 100.

<sup>232</sup> Ibidem, p. 74.

<sup>233</sup> Ibidem, p. 36.

<sup>234</sup> Na carta de 25 outubro de 1952 Abranches indica uma editora em Portugal para fazer a distribuição e venda das produções do CAM na África; trata-se de uma discussão sobre a difusão da *Sul*, e não de cobrança sobre as edições já enviadas. Ibidem, p. 72.

<sup>235</sup> Ibidem, p. 59.

<sup>236</sup> Ibidem, p. 88.

<sup>237</sup> Ibidem, p. 74.

pela “melhoria contínua”.<sup>238</sup> Isso acontece porque Abranches discute, ainda na primeira carta, que considera a “permuta de originais e elogios mútuos” como “uma acção de intercâmbio bastante vazia” e, por isso, solicita que Salim lhe diga “da sua opinião crítica do que lhe envio”,<sup>239</sup> pois

O que importa, essencialmente, é interessar o que lhe envie (interessar numa maneira genérica e não em pormenor, pois creio que nem tudo valer para publicação). O resto não será silêncio, antes motivo para trocarmos impressões, tanto mais que me deixa sempre insatisfeito o dizerem-me simplesmente que gostaram disto e daquilo, etc. Prefiro que me digam que não gostaram desde que indiquem quais os motivos ou deficiências, a receber um sorriso e a pancadinha nas costas! ‘Gostei muito daquilo e que tal!’ Cebolório! Que valor e interesse uma opinião destas?<sup>240</sup>

Dessa forma, o contato estabelecido pelos dois ganha um novo contorno, uma vez que não apenas o intercâmbio cultural, mas também a crítica mútua, sincera, “em que cada um progrida e aprenda” é necessária.<sup>241</sup> Se, de acordo com Haroche-Bouzinac, a troca epistolar é ora diálogo, no sentido de ser “abertura para outrem”, ora monólogo, sendo um “fechamento sobre si”,<sup>242</sup> a própria escrita da carta auxilia-os nesse movimento de ajuste e/ou refinamento das produções e concepções da arte ao exigir uma reflexão ao redigir determinada opinião. Vale destacar que essa necessidade não é exclusiva de Abranches, pois ele destaca que, ao discorrer sobre sua percepção do contato, está a ensinar a Salim “o padre-nosso, quando na sua carta patenteia claramente o mesmo ponto de vista”.<sup>243</sup> Esse é, portanto, um aspecto central da aproximação entre os dois, pois a amizade construída e as intenções com a manutenção do contato giram em torno da discussão de produções e outras atividades culturais em seus respectivos espaços, influenciando, inclusive, em suas obras.

Por exemplo, ao comentar sobre o processo de escrita de *Rêde*, Salim recebe dicas de como proceder em dezembro de 1954: “julgo que está deixando obcecar excessivamente pela necessidade de terminar o mesmo, o que o deve prejudicar. Por que (no caso de continuar ‘emperrando’) o não põe de lado por uns 6 meses e trabalha noutra coisa?”.<sup>244</sup> Em outras diversas passagens, Abranches impele Salim a compartilhar com ele seus planos e produções, como quando pergunta a Salim “se sempre vai para Porto Alegre, [ou] que se resolveu continuar por Florianópolis”<sup>245</sup> e quando solicita, em julho de 1953, o estudo que Salim fez

<sup>238</sup> HAROCHE-BOUZINAC, ref. 185, p. 121-125.

<sup>239</sup> MIGUEL, ref. 10, p. 60.

<sup>240</sup> Ibidem, p. 62.

<sup>241</sup> Ibidem.

<sup>242</sup> HAROCHE-BOUZINAC, ref. 185, p. 139.

<sup>243</sup> MIGUEL, ref. 10, p. 63.

<sup>244</sup> Ibidem, p. 95.

<sup>245</sup> Ibidem, p. 80.

sobre “literatura hispano-americana”, pois o “assunto interessa-me imenso, pelo muito pouco que tenho lido”.<sup>246</sup> O estudo, provavelmente o mesmo que saiu um mês depois em *Sul* n. 20, de agosto de 1953, com o título de *Literatura hispano-americana (Apontamentos para um estudo)*, tinha como objetivo, de acordo com Salim, “abrir perspectivas e iniciar uma divulgação, propiciando, quem sabe, um aumento de interêsse para com uma literatura que vem apresentando obras de valor e uma grande contribuição para um melhor entendimento e conhecimento do homem e dos problemas americanos”.<sup>247</sup>

Abranches, por sua vez, pede a opinião de Salim inúmeras vezes sobre os mais diversos projetos que se propõe a fazer. Em novembro de 1952 ele envia uma “pequena secção”, “forjada a correr, de ontem para hoje”, a qual Salim “poderá ver se vale o espaço que ocupará ou não”.<sup>248</sup> Já em julho de 1953, Abranches envia algumas de suas produções e pede a Salim para que “veja se dá com eles [...], e depois diga da sua justiça crítica. Valeu?”.<sup>249</sup> Ainda, em maio de 1954, após discorrer brevemente sobre uma apatia que recaiu sobre ele e o impediu de escrever por algum tempo, comenta que “sim, voltei a escrever, e a fazer projetos. O primeiro é essa *Posição*, de que lhe envio o primeiro número publicado.” Solicita, então, que Salim diga “tudo o que se lhe oferecer sobre a minha pobre ‘posição’ – podendo vergastá-la sem dó nem piedade, com o que lhe ficarei grato.”<sup>250</sup>

Outro projeto importante, que Abranches faz questão de discutir com Salim, é sua viagem para o Brasil. Ele escreve em maio de 1954:

Uma grande novidade: conto no próximo mês sair de Nampula, regressando a Lourenço Marques [...]. Ali, devo começar a trabalhar com um rapaz amigo, o Domingos Azevedo [...] nos preparativos de uma viagem que os dois deveremos fazer. O projeto é correr toda a África, passar depois para a Europa, e ir em seguida correr a América, de modo a fixarmo-nos no Brasil.<sup>251</sup>

Abranches pede que Salim lhe diga “detalhadamente” o que pensa sobre a questão. Além disso, comenta que “tenciono escrever sobre o assunto ao Marques Rebelo e ao Herberto Sales, mas antes gostaria de ter uma resposta sua”.<sup>252</sup> No mês seguinte, Abranches detalha melhor os planos que tem para fazer enquanto “corre a África”, como exposições, conferências e o registro por todos os lugares que passariam.<sup>253</sup> “Como vê, meu caro”,

<sup>246</sup> Ibidem, p. 78.

<sup>247</sup> MIGUEL, Salim. *Literatura hispano-americana (Apontamentos para um estudo)*. *Sul*, Florianópolis, n. 20, ago. 1953, p. 3-5.

<sup>248</sup> MIGUEL, ref. 10, p. 74.

<sup>249</sup> Ibidem, p. 79.

<sup>250</sup> Ibidem, p. 81-82.

<sup>251</sup> Ibidem.

<sup>252</sup> Ibidem, p. 83.

<sup>253</sup> Ibidem, p. 85.

escreve, “garganta não nos falta”, pedindo novamente a Salim sua opinião sincera sobre o assunto, “nem que seja só para me mandar dormir a sesta, a fim da febre me passar”.<sup>254</sup>

É nesse contexto, aliás, que Abranches começa a procurar um substituto para ser representante da *Sul* em Moçambique, função que desempenhava desde setembro de 1952, quando indica que Salim “pode incluir o meu nome entre os dos representantes de *Sul*. Dando muito ou pouco trabalho”.<sup>255</sup> A escolha do substituto foi difícil, e Abranches compartilhou cada etapa nas cartas, tendo um primeiro candidato na pessoa de Fernando José, em julho de 1954,<sup>256</sup> depois Ilídio Rocha, em dezembro do mesmo ano,<sup>257</sup> até informar o nome definitivo, Manuel Filipe de Moura Coutinho, em agosto de 1955 e já em solo brasileiro.<sup>258</sup>

Sem maiores detalhes e sem a euforia de sempre, no entanto, Abranches comenta em fevereiro de 1955, de Lourenço Marques, que Domingos de Azevedo desistiu da empreitada e que, por isso, ela não seria possível.<sup>259</sup> Assim, a última grande viagem que Abranches empreendeu para fugir da censura de Salazar teve apenas uma escala em Portugal, de onde envia uma carta em julho de 1955 para informar seu paradeiro,<sup>260</sup> e termina em agosto de 1955 quando ele chega ao Brasil. O contato com Salim continuou até a morte de Abranches, em 1963, na cidade de São Paulo, informada em carta pela esposa de Abranches, Dulce dos Santos.<sup>261</sup> Vale destacar que, como o presente trabalho refere-se ao contato entre Salim e intelectuais em solo africano, a aproximação entre Salim e Abranches será analisada apenas até meados de 1955, quando os condicionantes coloniais e da ditadura salazarista deixam de atrapalhar a atividade cultural do português em solo brasileiro.

Se, para Oliveira Junior, o contato entre o Brasil e Angola caracteriza-se como “uma relação paritária baseada na troca e no diálogo mútuo”,<sup>262</sup> o mesmo vale para a colônia ultramarina de Moçambique, na qual atuava o português auto-exilado Augusto dos Santos Abranches. O envio constante de jornais, revistas e produções suas e dos seus para Salim, a difusão das obras que recebia de Salim para outros intelectuais na África, a publicação de produções dos integrantes do CAM em solo africano e a realização da crítica sobre as obras dos catarinenses, tudo isso em um ambiente avesso à produção cultural, possibilitam enquadrar a atividade de Abranches como de mediação cultural. Alguns exemplos, além dos

<sup>254</sup> Ibidem.

<sup>255</sup> Ibidem, p. 69.

<sup>256</sup> Ibidem, p. 88.

<sup>257</sup> Ibidem, p. 93.

<sup>258</sup> Ibidem, p. 101.

<sup>259</sup> Ibidem, p. 98.

<sup>260</sup> Ibidem, p. 99-100.

<sup>261</sup> Ibidem, p. 131-133.

<sup>262</sup> OLIVEIRA JUNIOR, ref. 145, p. 189.

já citados, são a publicação do estudo de Salim sobre a literatura hispano-americana na “mísera revistinha” *Actualidades*<sup>263</sup> e sua atuação como representante da *Sul* em Moçambique, procurando parcerias com livrarias para a difusão da revista e todas as contribuições que conseguiu para ela.

Parte importante dessa mediação está hoje no acervo do IDCH. Livros como *Contorno de Eça*, enviado em maio de 1952,<sup>264</sup> e *As várias faces, Poemas de hoje e Tufão*, em junho de 1952,<sup>265</sup> todos de sua autoria e com dedicatórias “Para a Eglê Malheiros e Salim Miguel”, encontram-se disponíveis para consulta no IDCH e permitem compreender melhor a amizade dos dois, a confecção de livros do período e o caráter da produção de Abranches. Em *Poemas de hoje*, livro de poesias que, entre outros, denunciavam a fome e a guerra nos territórios portugueses, a dedicatória contém o poema reproduzido na epígrafe desta parte do trabalho. Essa dedicatória evidencia duas coisas: a primeira, a amizade entre os dois, uma vez que a aproximação era tanta que Salim (e Eglê, estimada por Abranches) merece uma pequena poesia só sua; e o papel de resistência cultural desempenhado por Abranches, que vê o lado brasileiro como o de “toda a paz / que a liberdade encerra”. “Nós no meio, vivos”, levantando a “bandeira da esperança”, influenciam a continuidade do “sonho que jaz / sob as chamas da guerra” e da censura coloniais na busca pelo fim da ditadura de Salazar. Também, a dedicatória de *Tufão*, “para a Eglê e para o Salim, isto tudo e a esperança”, demonstra que Abranches enxerga Salim como companheiro nessa resistência.

Não só livros de Abranches, o IDCH também abriga impressos de outros autores enviados por ele a Salim Miguel, como *Linha da Terra*, de António de Sousa, *A estrada e a Vez*, de Orlando da Costa, e *Para uma cultura moçambicana*, de Rodrigues Júnior, enviados em junho de 1952;<sup>266</sup> *Retrato de Família*, de Faure de Rosa, *Alguns Poemas Ibéricos*, *Outro Livro de Job e Bichos*, de Miguel Torga, enviados no mês seguinte;<sup>267</sup> *Engrenagem*, de Soeiro Pereira Gomes, em setembro de 1952;<sup>268</sup> *Apenas uma narrativa*, de António Pedro, e *Mar Santo*, de Branquinho da Fonseca, em outubro do mesmo ano;<sup>269</sup> e livros não nomeados de

<sup>263</sup> MIGUEL, ref. 10, p. 82.

<sup>264</sup> Ibidem, p. 60.

<sup>265</sup> “Mandei-lhe já lá vai seguramente um mês alguns exemplares de trabalhos meus (os meus primeiros livros - 2 de poemas e 1 peçazinha de teatro estão completamente esgotados”. Ibidem, p. 64.

<sup>266</sup> Ibidem, p. 64.

<sup>267</sup> Ibidem, p. 68.

<sup>268</sup> Ibidem, p. 69.

<sup>269</sup> Ibidem, p. 71.

José Cardoso Pires e Manuel da Fonseca, em julho de 1953.<sup>270</sup> Todos esses indicam a expressiva atuação de Abranches e seu engajamento no contato com o catarinense. No entanto, gostaria de direcionar a análise à atuação de Salim Miguel, mesmo sabendo que muito do que fez não seria possível sem Abranches, ou vice-versa.

Embora não tenha a relação de livros que Salim envia para Abranches, dado que só trabalho com as cartas de Abranches para Salim,<sup>271</sup> algumas passagens das cartas indicam a preocupação de Salim em fazer chegar até o português, em Moçambique, diversos tipos de produções. Exemplos são quando Abranches escreve que “recebi já tanta coisa sua, que não sei agora por que ponta começar” e a já comentada “[recebi] uma batelada de livros e revistas, que me deixou envergonhado, pois estou a enviar muito menos do que recebo”. As várias passagens que indicam o recebimento da *Sul*, além da dinâmica das permutas já discutida, exemplificam a disposição de Salim em fomentar o intercâmbio cultural entre os dois lados do Atlântico ao enviar contribuições diversas para Abranches; se o volume de envio do português para Salim era grande, e essas contribuições eram feitas em proporções similares, os envios realizados por Salim eram, também, muito frequentes.

O intercâmbio cultural tornava-se, assim, um aspecto importante da manutenção das atividades de Abranches e da ampliação dos horizontes artísticos e literários de Moçambique. Se as produções são fiscalizadas sobretudo nas prensas, como indicam os casos do estudo sobre o livro de Lila Ripoll produzido por Abranches e que deve ser publicado “no *Itinerário*, se não for cortada pela senhora censura”,<sup>272</sup> ou os livros que ele publicou em Portugal e ainda possuía quando migrou para Moçambique, enviados para Salim, o contato e o intercâmbio cultural consequente era necessário para a manutenção da resistência cultural empreendida por Abranches, recebendo e fazendo circular produções, como a *Sul*, em um ambiente condicionado pela censura. A aproximação de Abranches com intelectuais de Angola também possibilita a circulação das produções enviadas por Salim e garantem sua utilização na articulação de novas formas de resistência, como veremos adiante.

Outra esfera importante da mediação de Salim fica evidente ao olharmos para a revista *Sul*: Abranches foi figura presente em praticamente todos os números desde o início de seu contato com Salim, tendo uma ou mais produções veiculadas entre os n. 16 e n. 29, com

<sup>270</sup> “Semana passada mandei-lhe dois livros de contos - o de José Cardoso Pires e o de Manuel da Fonseca - que julgo de interesse”. Os livros se tratam, provavelmente, de *Os caminhoneiros e outras histórias* (1949) e *Aldeia nova* (sem data), respectivamente. Ibidem, p. 79.

<sup>271</sup> Ainda que, em diversas passagens, os intelectuais na África informem terem recebido os envios, como os livros do próprio Salim e de outros integrantes do CAM já discutidos em outras partes do trabalho.

<sup>272</sup> MIGUEL, ref 10, p. 70.

exceção do n. 28.<sup>273</sup> A publicação em *Sul* do que recebiam de Abranches era, provavelmente, responsabilidade de Salim, como indica a resposta de Abranches em carta de junho de 1952: “Ora, nada há a lamentar o ter chegado às suas mãos a colaboração que lhe enviei já depois de paginado o número 17 de *Sul*”.<sup>274</sup> Embora um aspecto do contato entre os dois seja o de compartilhar opiniões e visões sobre obras ou textos, Salim veicula muito do que recebe de Abranches na revista do CAM, e é justamente o que faz com as colaborações que recebia que possibilitam enquadrar sua atuação como de mediação cultural.

Sabendo que “os intelectuais estão sempre imersos nas sociabilidades que os situam, inspiram, demarcam e deslocam através do tempo/espço”,<sup>275</sup> Salim, inserido na grande rede nacional de difusão dos “novos”, movimento com “objetivos (culturais e políticos) e formas associativas”<sup>276</sup> em comum, qual seja a renovação da literatura brasileira, tem suas práticas de mediação cultural orientadas a partir desses objetivos. E, uma vez que Abranches recebia os livros enviados por Salim, criticava-os e enviava suas impressões de volta, o catarinense reproduzia esses escritos nas páginas da *Sul* para amplificar ainda mais o movimento do qual fazia parte. São os casos das produções *O conto e seus caminhos*, em *Sul* n. 18, no qual Abranches comenta o livro *Velhice e outros contos*, de Salim;<sup>277</sup> *Poesia e um pouco mais*, n. 19, sobre o livro *Poesia 21*, de Walmor Cardoso da Silva;<sup>278</sup> *Motivo e circunstância da poesia*, n. 20, crítica sobre *Manhã*, de Eglê;<sup>279</sup> e *O caminho da ficção*, n. 23, comentando outro livro de Salim, *Alguma gente*.<sup>280</sup> Novamente, a aproximação entre a atuação cultural dos dois se faz bem-vinda: assim como Salim comentava produções dos “novos” do Brasil, Abranches comentava as obras dos membros do Grupo Sul e, por isso, garantia a reprodução de seus escritos nas primeiras páginas da *Sul*.

Trata-se, portanto, de um contato extremamente produtivo, seja para Salim, seja para Abranches. Essa aproximação se dá, de um lado, pelo catarinense que buscava novas produções culturais a partir de seus objetivos “culturais e políticos” pregados nas páginas da *Sul*, como a valorização dos “novos” e a negação da arte daqueles que vão atrás de problemas europeus, “esquecendo-se dos problemas aí amontoados à espera de aproveitamento”,<sup>281</sup> e, do

<sup>273</sup> Ver Quadro 1.

<sup>274</sup> MIGUEL, ref. 10, p. 62.

<sup>275</sup> GOMES; HANSEN, ref. 13, p. 24.

<sup>276</sup> Ibidem.

<sup>277</sup> ABRANCHES, Augusto dos Santos. *O conto e seus caminhos*. **Sul**, Florianópolis, n. 18, dez. 1952, p. 15-17.

<sup>278</sup> ABRANCHES, Augusto dos Santos. *Poesia e um pouco mais*. **Sul**, Florianópolis, n. 19, maio 1953, p. 7-8.

<sup>279</sup> ABRANCHES, Augusto dos Santos. *Motivo e circunstância da poesia*. **Sul**, Florianópolis, n. 20, ago. 1953, p. 6-8.

<sup>280</sup> ABRANCHES, Augusto dos Santos. *O caminho da ficção*. **Sul**, Florianópolis, n. 23, dez. 1954, p. 15-17.

<sup>281</sup> MIGUEL, Salim. Três apontamentos. **Sul**, Florianópolis, n. 22, jul. 1954, p. 7-12.

outro, pela busca de Augusto dos Santos Abranches por um intercâmbio cultural em um ambiente condicionado pela censura. Nesse sentido, vale resgatar a definição de Gomes e Hansen, que caracterizam a mediação cultural como sendo práticas de “negociação, circularidade, apropriação, transferências culturais, zonas de contato, recepção, entrelugar e outros”.<sup>282</sup> Em seus respectivos espaços, todas essas correspondem às atividades desempenhadas por Salim e Abranches.

Valeu?

### **Salim Miguel e Viriato da Cruz: a arte como “instrumento de libertação do homem”**

*eu vejo / o livro na mão o Homem a Mão, eu vejo  
o trabalho crescendo na Paz criadora oh a Paz –  
– o modo humano da existência fecunda! Glória / à Paz*<sup>283</sup>

Viriato da Cruz

“Meu Caro Amigo”, “conheço-o através de trabalhos seus publicados na *Sul*”, escreve Viriato Clemente da Cruz a Salim Miguel no primeiro contato entre os dois, que, no *Cartas D’África*, limita-se de setembro de 1952 a março de 1953, “e já estou ansioso por conhecê-lo melhor por intermédio de *Velhice* – livro que está sendo lido, neste momento, pelo meu amigo António Jacinto”.<sup>284</sup> Sobre a revista *Sul*, Viriato conclui, na mesma carta, que “seu aspecto gráfico é pobre; mas que importa isso, se a revista se propõem (*sic*) defender princípios elevados, difundir uma cultura verdadeira, interessada, humana, à altura da hora que passa?”. Como é possível constatar nessa e em outras diversas passagens de suas cartas, Viriato é não só uma pessoa atuante no meio cultural angolano, em contato com outros intelectuais, como também está preocupado em discutir o papel da arte na mudança da sociedade e a superação da exploração colonial.

Ainda que, de acordo com Oliveira Junior, o contato entre os jovens intelectuais do Brasil e de Angola aconteceu “quando, em ambos os lados, seus referenciais culturais estavam ainda em processo de maturação”,<sup>285</sup> a tônica das cartas de Viriato a Salim é, justamente, a crença no poder de transformação social que a verdadeira arte possui. Isso indica que já existia um entendimento desenvolvido, por parte de Viriato, sobre a importância da

<sup>282</sup> GOMES; HANSEN, ref. 13, p. 8.

<sup>283</sup> CRUZ, Viriato da. Na encruzilhada. *Sul*, Florianópolis, n. 19, maio 1953, p. 24.

<sup>284</sup> MIGUEL, ref. 10, p. 38.

<sup>285</sup> OLIVEIRA JUNIOR, ref. 145, p. 186.

mobilização da cultura como agente da luta política. Essa preocupação, é importante destacar, já estava sendo pensada ainda antes de seu contato com Salim Miguel. Agostinho Neto comenta que Viriato foi um dos fundadores, em 1948, do “Descubramos Angola”, também chamado de “Vamos descobrir Angola!”, movimento responsável por organizar o resgate da cultura e da história africanas a partir de estudos e produção cultural de jovens angolanos:

Hoje, eu recebi uma carta do meu amigo Viriato da Cruz – talvez vós tenhais ouvido falar a seu respeito. Trata--se de um de nós. Ele me informa terem organizado um centro cultural [em Luanda], batizado “Descubramos Angola”. Ele igualmente comunicou que conduzirão estudos sobre a história e a arte populares africanas, escreverão crônicas e poemas, utilizarão igualmente os lucros obtidos com a venda das publicações para ajudar talentosos escritores em necessidades. Eu penso que nós poderemos proceder da mesma forma em Lisboa. Há aqui muitas pessoas que podem escrever poemas e contos, não somente sobre a vida dos estudantes mas, também, sobre os nossos países de origem.<sup>286</sup>

Nesse sentido, se o movimento anticolonial que pensava a libertação angolana foi desenvolvido, de um lado, por assimilados angolanos residentes em Portugal, como Lúcio Lara, Mário Pinto de Andrade e Agostinho Neto, por outro, o movimento articulado diretamente em solo angolano era protagonizado, entre outros, por Viriato da Cruz, quem informa Neto sobre a fundação do “Vamos descobrir Angola!”, e António Jacinto, aquele que publica sua poesia *Convite aos outros* na *Sul* n. 15 apresentando-se como “poeta do ‘Movimento’”.<sup>287</sup> A exploração colonial contra a qual lutavam subvertia, ou tentava subverter, todos os aspectos da vida da população africana ao transformar suas relações sociais e econômicas, ao organizar sua vida a partir da burocracia europeia, ao ensinar, nas poucas escolas, conteúdos caros aos europeus, e ao restringir manifestações culturais, impondo a “assimilação”. Assim, o assimilado Viriato, que frequentou os “estudos secundários até o 7º ano” e tornou-se autodidata “no resto de sua formação intelectual”,<sup>288</sup> reconhece a existência de uma população sistematicamente apagada pelo governo português e encontra na busca pela literatura africana a forma de romper e negar a cultura europeia imposta pelas instituições coloniais.

Sobre o “Movimento”, Oliveira Junior discute que “a Angola que eles buscavam descobrir, no entanto, não era própria e exclusivamente a do passado, mas outra, do futuro, livre, verdadeira, pacífica e justa”.<sup>289</sup> Por isso a necessidade de alterar o panorama cultural angolano, seja em 1948 com o “Vamos descobrir Angola!”, seja em 1953, quando Viriato

<sup>286</sup> Agostinho Neto apud MAZRUI, ref 148, p. 674.

<sup>287</sup> O “Vamos descobrir Angola!” foi antecessor do Movimento de Intelectuais de Angola (MNIA), ao qual Jacinto se refere. O MNIA surgiu em 1950 e publicou, a partir de 1951, a revista *Mensagem*.

<sup>288</sup> MABEKO-TALI, ref. 140, p. 109.

<sup>289</sup> OLIVEIRA JUNIOR, ref. 145, p. 202.

escreve para Salim sobre a cultura em Angola ser ainda “privilégio de poucos”, que “situam-se tão alto, tão distante das massas, que as produções deles, longe de reflectirem a vida do povo, são antes reflexo do seu sonhar com a Grécia e com as filosofias podres da Europa em crise”.<sup>290</sup> Era preciso, portanto, desenvolver uma arte preocupada com os problemas angolanos e que pensasse possibilidades de superação desses problemas; se a exploração da população e sua suposta inferioridade eram sustentadas pelas instituições coloniais, a arte deveria, como Viriato discorre em carta a Salim, não só “fazer-nos ver a realidade com mais nitidez, com mais minúcias e mais cores; [mas] deve também transmitir-nos o modo como esta [a realidade] se transforma no seu devir ininterrupto” e, portanto, “ser um instrumento de libertação do homem”.<sup>291</sup>

Viriato é considerado, de acordo com inúmeras fontes, um poeta ímpar; Mabeko-Tali registra-o como “um dos maiores poetas angolanos de todos os tempos”,<sup>292</sup> enquanto Jacinto refere-se a ele como “o nosso melhor poeta”.<sup>293</sup> Sua poesia possui forte caráter ideológico, recorrendo constantemente a temas como o pertencimento e a esperança, fazendo de Viriato “um dos primeiros idealizadores da ideia de *angolanidade*”,<sup>294</sup> a identidade nacional angolana que mobilizaria a luta anticolonial nas décadas seguintes.<sup>295</sup> Cabe retomar, aqui, a citação de Ali A. Mazrui sobre a dificuldade em “distinguir entre os poetas interessados na política e os homens políticos interessados na poesia”, pois Viriato se enquadra nessa definição ao afirmar que a arte pode ser um “instrumento de libertação” ao pensar a Angola do “futuro” e expressar os anseios, as dores e as paixões dos angolanos, ainda que “o lutar-se por um mundo mais digno apenas no papel” não baste.<sup>296</sup> Nesse sentido, é preciso destacar as transformações na atuação política de Viriato, que, como afirma Oliveira Junior, a partir da segunda metade da década de 1950 tem sua obra concentrada “muito mais nos tratados políticos do que na senda poética”.<sup>297</sup>

A preocupação de Viriato, portanto, se desloca, em dado momento da década de 1950, da produção poética de caráter anticolonial à organização política da luta anticolonial.

---

<sup>290</sup> MIGUEL, ref. 10, p. 42.

<sup>291</sup> Ibidem, p. 40.

<sup>292</sup> MABEKO-TALI, ref. 140, p. 107.

<sup>293</sup> MIGUEL, ref. 10, p. 18.

<sup>294</sup> OLIVEIRA JUNIOR, ref. 145, p. 224.

<sup>295</sup> Ainda que, segundo Mabeko-Tali, o pensamento e as produções da elite intelectual não conseguiram romper a bolha dos assimilados, o lado poético dos intelectuais que pensavam os movimentos de independência nas colônias portuguesas foi fundamental para o desenvolvimento do nacionalismo que, posteriormente, arregimentaria a luta armada contra a dominação colonial.

<sup>296</sup> MIGUEL, ref. 10, p. 44.

<sup>297</sup> OLIVEIRA JUNIOR, ref. 145, p. 235.

Evidentemente, os movimentos encabeçados por Viriato e que pensavam novas produções culturais em um ambiente condicionado pelo colonialismo já eram, por si só, atos políticos de resistência. No entanto, o entendimento de que a luta armada era a única forma de libertação da condição colonial o faz priorizar, em meados da década de 1950, a organização do movimento de libertação ante a produção cultural. Assim, de acordo com Mabeko-Tali, Viriato faz parte da “geração que nos anos 1950 deu novas formas de organização à subversão nacionalista no interior de Angola” pois tem papel fundamental “na construção de uma corrente nacionalista interna mais radical”.<sup>298</sup>

Viriato foi o principal articulador do efêmero Partido Comunista Angolano (PCA) em 1955 e, no ano seguinte, funda o Partido de Luta Unida dos Africanos de Angola (PLUAA), além de escrever seu *Manifesto*, documento que discute amplamente a condição colonial em Angola e que incita a população a lutar contra o colonialismo. Em 1957, mesmo ano que a PIDE chega às colônias ultramarinas, Viriato vai para Paris e mantém contato direto com Lúcio Lara, Agostinho Neto e Mário Pinto de Andrade. Sua viagem para a Europa, de acordo com Mabeko-Tali, é central para a radicalização do movimento, uma vez que Viriato se apresentava “com ideias mais articuladas e, sobretudo, mais concretas acerca do panorama político de Angola”, indicando aos outros que o caminho para a libertação era o da luta armada.<sup>299</sup> Em 1959, Viriato reescreve o *Manifesto* do PLUAA com auxílio de Lúcio Lara e Mário Pinto de Andrade, e, na II Conferência de Solidariedade dos Povos Africanos, fala num “movimento popular de libertação de Angola”.<sup>300</sup> Assim, participa também da fundação do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) em 1960 e atua como seu secretário-geral até 1963, quando, por divergências políticas entre ele e Agostinho Neto, abandona o movimento.

Uma vez que Viriato foi fundamental para o desenvolvimento da luta anticolonial em Angola a partir de sua atuação cultural e, depois, na Europa, ajudou a radicalizar o movimento e a fundar o MPLA, movimento que assumiu o poder após a independência angolana em 1975, ele tinha não só fortes e inegociáveis convicções ideológicas como era, também, figura de destaque no pensamento de libertação angolano. Se a radicalização do pensamento de Viriato deu-se em meados da década de 1950, logo após contatar Salim Miguel, cabe a pergunta: até que ponto a aproximação com Salim e sua prática de mediação cultural,

<sup>298</sup> MABEKO-TALI, ref. 140, p. 107.

<sup>299</sup> Ibidem, p. 110.

<sup>300</sup> “Foi com base no texto de análise sociopolítica da situação da Angola colonial [escrito por Viriato] em meados dos anos 1950, que o processo que levaria à criação e à estruturação de um novo movimento no exterior foi relançado”. Ibidem, p. 127-128.

enviando livros e a *Sul*, influenciou e/ou auxiliou a radicalização de Viriato da Cruz? Do mesmo modo, até que ponto a luta de Viriato e dos seus afetou a atuação de Salim em Florianópolis e seu trabalho no Grupo Sul?

O autodidata Viriato, destacado por Oliveira Junior como “portador de uma inteligência rara”, encontra em Salim Miguel um correspondente que pode suprir sua “obstinada curiosidade intelectual”<sup>301</sup> a partir do envio dos livros

*Dialética de la Naturaleza*, de Engels; *O marxismo e o problema nacional e colonial*, de Stálin; *El metodo dialetico marxista*, de Rosental (Iudin); *Dicionário Filosófico marxista*, idem; *Sobre os fundamentos de leninismo*, de Stálin; *Lenin e o leninismo*, idem; *Sobre o problema da China*, idem; *Marxismo e liberalismo*, idem; *Lenin, Stalin e a Paz*, idem; e *Luta contra o trotskismo*, idem.<sup>302</sup>

As diversas obras citadas acima, solicitadas a Salim Miguel em janeiro de 1953, o interessavam “muito, principalmente agora que estou a escrever um estudo sobre a filosofia bantu”.<sup>303</sup> Como bem comunicou a Agostinho Neto ainda em 1948, Viriato continuava conduzindo “estudos sobre a história e a arte populares africanas” e, portanto, os livros que solicitava contribuem na imprescindível tarefa de “descobrir Angola” ao resgatar experiências sociais do território, como o grupo étnico “bantu”, reafirmando sua ligação com Angola e rompendo com a educação colonial.

Os livros solicitados também influenciam a organização de novas formas de luta política baseadas na análise marxista da realidade colonial, além de novas estratégias para a tomada do poder que deveriam ser, por consequência, revolucionárias. É nesse sentido que Viriato pede que os livros sejam enviados de formas a evitar a censura colonial (remessas pouco volumosas, capas trocadas, papel forte, etc.) e recebe-os com alegria em março de 1953. Aqui, retomando a afirmativa de Mabeko-Tali sobre a chegada de Viriato a Europa com ideias mais “articuladas” e “concretas” sobre a situação angolana e sabendo que pelo menos alguns dos livros solicitados chegaram até Viriato, não é exagero afirmar que a mediação de Salim influenciou no aprofundamento do conhecimento teórico de Viriato sobre a teoria marxista e anticolonial, uma vez que o autodidata Viriato afirma passar as “noites com eles [os livros recebidos] debaixo dos olhos”.<sup>304</sup>

Outro aspecto importante da mediação de Salim é o envio da revista *Sul*. É a partir de uma matéria assinada por Eglê Malheiros em *Sul* n. 15 que Viriato fica sabendo do IV Congresso Brasileiro de Escritores, realizado em fins de setembro de 1951, na cidade de Porto

<sup>301</sup> OLIVEIRA JUNIOR, ref. 145, p. 224.

<sup>302</sup> MIGUEL, ref. 10, p. 42-43.

<sup>303</sup> Os bantos são um grupo étnico formado por vários povos que ocupam historicamente a África subsaariana. Ibidem, p. 43.

<sup>304</sup> Ibidem, p. 46.

Alegre. Eglê destaca, entre outros, as principais resoluções aprovadas pelos diversos escritores presentes, como a de lutar pela valorização da profissão, da liberdade de expressão cultural e pela paz entre as “potências”, que, à época, tencionavam uma nova guerra mundial com os conflitos na península coreana.<sup>305</sup> Viriato faz questão de parabenizar os presentes no IV Congresso pela escolha do lado correto na “luta que divide o mundo”, em clara defesa aos povos oprimidos e contra o colonialismo.<sup>306</sup> O recebimento de *Sul* “que traz a reportagem do Congresso”, que “anda de mão em mão”,<sup>307</sup> permite discussões entre os intelectuais em Angola sobre o aspecto cultural de lá inspiradas nas resoluções adotadas aqui.

Oliveira Junior afirma que a aproximação de Viriato a autores brasileiros leva-o “a pensar e a desenvolver o universalismo em sua obra”,<sup>308</sup> negando a “ideia de que a cultura não-africana deve ser rejeitada em favor da afirmação da cultura africana”.<sup>309</sup> Isso acontece porque, de acordo com Gomes e Hansen, as “transferências culturais”, exemplos de mediação cultural, rompem com as dicotomias e aproximam os dois lados (nesse caso, Salim e Viriato) criando um “terceiro elemento”, “algo que se comunica com mais de um espaço ou grupo sociocultural” ao incorporar os sentidos dos polos em contato.<sup>310</sup> Desse modo, os livros de teoria marxista ou a *Sul*, enviados por Salim para Viriato, “misturam-se” com o contexto vivenciado pelo angolano e criam uma aproximação entre a realidade brasileira e a exploração sofrida pela população africana, influenciando, em consequência, seu pensamento, sua produção cultural e sua atuação.

Uma vez que, como destacado, as práticas de mediação cultural ocorrem a partir dos “objetivos políticos que [as] orientam”,<sup>311</sup> a mediação de Salim é conduzida, nesse caso, pela aproximação de seu pensamento com o de Viriato sobre o tensionamento da cultura europeia importada e/ou imposta, criando um “terceiro elemento” comum aos dois.<sup>312</sup> A ruptura com as produções europeias, pretendida por Viriato, não se deu pelo desconhecimento ou por falta de compreensão, como demonstra a passagem de janeiro de 1953 na qual o angolano comenta sobre o escritor francês Guy de Maupassant e seu método de escrita; deu-se, na realidade, porque, segundo Viriato, a arte europeia prende aquele que lê a uma realidade fragmentada

<sup>305</sup> MALHEIROS, Eglê. Reportagem sobre o IV Congresso Brasileiro de Escritores. *Sul*, Florianópolis, n. 15, mar. 1952, p. 55-66.

<sup>306</sup> MIGUEL, ref. 10, p. 41.

<sup>307</sup> Ibidem, p. 38.

<sup>308</sup> OLIVEIRA JUNIOR, ref. 145, p. 227.

<sup>309</sup> SANTIL apud OLIVEIRA JUNIOR, ref. 145, p. 227.

<sup>310</sup> GOMES; HANSEN, ref. 13, p. 32.

<sup>311</sup> Ibidem, p. 33.

<sup>312</sup> Embora a prática de mediação não envolva selecionar os livros, pois Viriato os solicita “por ordem do interesse que lhes tenho”. MIGUEL, ref. 10, p. 42.

que não se relaciona nem com o passado nem com novas perspectivas de futuro,<sup>313</sup> e, nesse sentido, impede sua função enquanto “instrumento de libertação” ao não denunciar ou discutir as situações de violência nas colônias. Os objetivos de Salim, do mesmo modo, não se dão por desconhecimento ou incompreensão de autores europeus, mas sim, como abordado em *Um livro uruguayo*, coluna na *Sul* n. 10 já destacada, em discutir os limites das escolas literárias vindas da Europa, seja o classicismo, o romantismo, o parnasianismo, o realismo ou o naturalismo, pois essas respondem a problemas políticos e sociais europeus e nem sempre expressam a realidade sul-americana.

Assim, Viriato rompe com a cultura europeia ao mesmo passo que procura aproximar-se de autores periféricos como Salim Miguel, construindo seu entendimento acerca da questão colonial em contato com outros intelectuais:

Desconheço até que ponto os asiáticos, os americanos e os europeus amam os grandes filhos de outros povos, mas posso afirmar, todavia, que nós, africanos, – em virtude da nossa indigência cultural e, conseqüentemente, da falta, entre nós, de indivíduos esclarecidos – amamos profundamente, num misto de admiração e esperança, homens como Graciliano, como Jorge, Aragon, Alves Redol, para só citar alguns.<sup>314</sup>

Ao analisar o envio de livros de ficção escritos por autores com um olhar atento aos problemas sociais da população, como Jorge Amado e Graciliano Ramos, citados por Viriato na passagem acima, esse “terceiro elemento” criado torna-se ainda mais evidente. Viriato, em setembro de 1952, escreve que eles aguardam, “com ansiedade, o anunciado livro de Jorge Amado *Subterrâneos da Liberdade*”. “Jorge tem muitos admiradores nestas paragens”, prossegue, pois os personagens do escritor “são irmãos gêmeos - em sofrimento, ódio, amor, alegria e ansiedade de um mundo melhor - dos homens, mulheres e crianças que vejo passar ali na rua em frente”;<sup>315</sup> sobre Graciliano, logo após saber de sua morte em março de 1953, Viriato afirma que era um escritor que cantava “as causas do homem comum de todo o mundo”;<sup>316</sup> com particular interesse na escritora gaúcha Lila Ripoll, em um primeiro momento Viriato pede o contato de Lila e, depois, recebe um livro dela por intermédio de Salim, lendo-o “umas quantas vezes (para mim e para os meus amigos)”;<sup>317</sup> também, a obra

---

<sup>313</sup> “Muito embora, por exemplo, eu admire o gênio de Maupassant e o considere um mestre do conto, acho, porém, que os escritos de hoje devem (e podem) transpor o simples método de colher ‘as imagens, as atitudes e os gestos com a rapidez e precisão de um aparelho fotográfico’, como disse Maupassant pela boca daquele seu personagem romancista, salvo o erro. Porque o uso desse método, em minha modesta opinião, leva, quase sempre, a uma expressão parcelar, suspensa e estática da realidade. Podem-se criar, com ele, belos quadros e obras repletas de um poder emotivo tão grande, que nunca mais nos libertam de seu feitiço”. *Ibidem*, p. 40.

<sup>314</sup> *Ibidem*, p. 47.

<sup>315</sup> *Ibidem*, p. 38-39.

<sup>316</sup> *Ibidem*, p. 47.

<sup>317</sup> *Ibidem*, p. 42.

*Velhice*, do próprio Salim, é bastante louvada por Viriato, pois os personagens são “gente de verdade!” e, “em algumas maneiras de agir e reagir” deles, Viriato reconheceu a si mesmo.<sup>318</sup>

Dessa forma, se para Viriato a África era “noite”, alusão à dominação e censura que se abatia sobre o continente, o contato com outros escritores que são “o sol que sabemos já existir”<sup>319</sup> era necessário para o desabrochar de uma arte comprometida com a luta anticolonial e que contemplava a libertação. A mediação cultural de Salim, acredito, cria o “terceiro elemento”, um novo bem cultural que caracteriza-se pelos paralelos que Viriato traça entre os problemas vivenciados pelos brasileiros e pelos angolanos, que, em grande medida, são oriundos da mesma exploração. Portanto, a aproximação de Viriato com essas obras, teóricas ou ficcionais, permite-o aguçar seu olhar para a sociedade angolana condicionada pelo colonialismo e influencia, em definitivo, para sua análise mais “concreta” do “panorama político angolano”, destacada por Mabeko-Tali.

Uma vez que, para Gomes e Hansen, a atuação dos intelectuais mediadores é afetada pelos veículos de comunicação ou de mídia de seu tempo,<sup>320</sup> a prática da carta, comum à década de 1950, também auxilia no desenvolvimento da compreensão da condição de Viriato. De acordo com Haroche-Bouzinac, “a carta não pode evitar o ‘eu’”<sup>321</sup> e, para escrevê-la, o “epistológrafo” necessita “encontrar seu lugar na relação, pensar em si mesmo e ao mesmo tempo assumir o papel que a amizade determina”.<sup>322</sup> Nesse sentido, a prática da escrita de cartas já indica, por si só, um movimento introspectivo, um alheamento da realidade para refletir tanto sobre sua condição quanto às particularidades da relação que você procura estabelecer com outra pessoa. Assim, não só o contato com livros de teoria marxista ou ficções que denunciam problemas sociais, mas a própria prática epistolar de Viriato e sua indissociável necessidade de reflexão o influenciam na compreensão da condição colonial como causa do sofrimento de seu povo e na busca de formas de libertação.

Por fim, gostaria de destacar a citação de Oliveira Junior sobre o contato entre as duas margens do Atlântico ser uma “relação paritária baseada na troca e no diálogo mútuo: os angolanos não apenas recebiam documentos oriundos do Brasil, mas também enviavam materiais produzidos em Angola, além de pedir a colaboração dos autores catarinenses”.<sup>323</sup> Assim, a mediação cultural de Salim com o continente africano impactava também seus

---

<sup>318</sup> Ibidem, p. 40.

<sup>319</sup> Ibidem, p. 47.

<sup>320</sup> GOMES; HANSEN, ref. 13, p. 32.

<sup>321</sup> HAROCHE-BOUZINAC, ref. 185, p. 128.

<sup>322</sup> Ibidem.

<sup>323</sup> OLIVEIRA JUNIOR, ref. 145, p. 189.

trabalhos e os do CAM, dado que recebia junto das cartas de Viriato uma série de contribuições e revistas produzidas em Angola e, a partir das páginas da *Sul*, as amplifica. Viriato aparece na revista *Sul* pela primeira e única vez com a poesia *Na encruzilhada*, n. 19, de maio de 1953. “Tal encruzilhada”, segundo Oliveira Junior, faz alusão ao “momento decisivo de juntar esforços e estímulos, do passado e do presente, para que no futuro se concretize o ‘modo humano da existência fecunda’”,<sup>324</sup> pois, ao dedicar sua poesia a W. E. B. Du Bois e Agostinho Neto, Viriato encara o momento como decisivo, de definição, carregado de toda a “ancestralidade” que representa o pensamento do primeiro, um dos grandes teóricos pan-africanistas, e da potência do pensamento angolano do momento caracterizado pelo segundo.<sup>325</sup> Provavelmente, sua contribuição chegou para Salim Miguel junto da carta de fevereiro do mesmo ano, na qual ele afirma estar enviando “dois poemas de Noémia de Sousa, um de Mário António e outro meu”.<sup>326</sup>

Os integrantes do CAM, por sua vez, também passam a ser conhecidos no continente africano. Não foi apenas *Velhice* e *Rêde* de Salim ou *Manhã* de Eglê que Viriato recebeu ou teve contato; em janeiro de 1953, Viriato comenta que “quanto ao livro de António Paladino [*A ponte*, de 1952, publicado pelas *Edições Sul*], tenciono falar sobre ele no *Jornal de Benguela*”.<sup>327</sup> Além disso, parabeniza Hugo Mund Jr. pela “bela estréia, aquele conto!”,<sup>328</sup> referindo-se provavelmente a *No bar e café “expresso”*, reproduzido na *Sul* n. 18. Hugo Mund, até aquele momento, concentrava sua atividade na *Sul* com ilustrações e gravuras, com exceção de uma peça de teatro no n. 10; Salim deve ter comentado, em uma das cartas para Viriato, sobre a “estreia” do colega nesse gênero. Aníbal Nunes Pires também é citado na mesma carta, com seu conto sendo elogiado por ser “irmão siamês da poesia”. O conto provavelmente é *Flores*, veiculado também na *Sul* n. 18. As produções de Mund Jr. e Pires, nesse número de *Sul*, saíram como sendo dos “contistas novos de Santa Catarina”, nome que depois foi dado à antologia publicada pelas *Edições Sul* em 1954. Contendo as produções dos “novos” do estado, a antologia chegou às mãos de Domingos Ribeiro Silveira em setembro de 1954,<sup>329</sup> e é possível que tenha sido enviada para outros intelectuais no continente.

Ainda que, segundo Mabeko-Tali, “a presença em Angola de activistas do Partido Comunista do Brasil (então clandestino) teria facilitado a circulação de alguma literatura

---

<sup>324</sup> Ibidem, p. 234.

<sup>325</sup> Ibidem, p. 232.

<sup>326</sup> MIGUEL, ref. 10, p. 44.

<sup>327</sup> Ibidem, p. 42.

<sup>328</sup> Ibidem, p. 46.

<sup>329</sup> Ibidem, p. 113.

marxista no meio dos activistas clandestinos de Angola nos anos de 1950”,<sup>330</sup> as cartas entre Salim e Viriato demonstram que “alguma literatura marxista” também passou a circular por lá a partir da mediação de Salim. Além disso, o recebimento de produções censuradas pelo governo colonial, sua publicação na *Sul* e o envio da revista para Viriato indicam não só a possível influência de Salim na organização de um movimento de resistência em Angola, como também reforçam que a própria atuação de Salim possuía forte carácter anticolonial. Ao meu ver, essa característica, aliada a um pensamento similar sobre o papel da arte, foram os responsáveis por um contato que resultou bastante proveitoso, não apenas entre Salim e Viriato, mas também entre outros intelectuais de Angola que participavam do movimento de luta anticolonial, como António Jacinto e, já nos anos finais da *Sul*, José Graça.

---

<sup>330</sup> MABEKO-TALI, ref. 140, p. 87.

### Capítulo 3: Salim Miguel, um intelectual mediador

#### Contribuições

Como discutido no primeiro capítulo desta pesquisa, já nos primeiros anos a revista *Sul* circulava por boa parte do Brasil, em outros países do continente americano e em Portugal. Com pouco mais de cinco anos de empreitada, os jovens do CAM fazem questão de enfatizar, no n. 20, de agosto de 1953, que a circulação da revista tinha avançado ainda mais:

o brasileiro que visita Lisboa, Coimbra, o Porto, Moçambique, Goa na Índia, Macau na China, pode ler, com regosijo (*sic*), a Revista Sul. Que vá a Paris, que visite a biblioteca de Washington ou de Nova York; que se demore no México, na Guatemala, na Nicarágua e na Colômbia; que procure em Buenos Aires e em Montevideu (*sic*), encontrará Florianópolis, através das páginas de SUL.<sup>331</sup>

Nesse movimento, a *Sul* circula por diversas partes do Brasil e do mundo tornando possível um “contacto e permuta com outros, quase todos os Estados do país; contacto e permuta com outros países. Com Portugal, com Moçambique, com Angola, com a Argentina, com o Uruguay (*sic*), com a Colombia (*sic*), com o México, com os Estados Unidos, etc”.<sup>332</sup> É esse contato com intelectuais estrangeiros e a circulação da *Sul* em outros países que faz o CAM informar que não mais “acolherá em suas páginas, com a maior simpatia, tôda a colaboração enviada, de qualquer parte do Brasil, especialmente dos jovens”, mas sim que, a partir do n. 21, de dezembro de 1953, “acolherá em suas páginas, com a maior simpatia, tôda a colaboração enviada, de qualquer parte do Brasil, *e do exterior*, especialmente dos jovens [grifo meu]”,<sup>333</sup> embora já as acolhesse há bom tempo.

Esse “contacto e permuta” estampado na *Sul* e utilizado como triunfo pelos membros do grupo não se faz sozinho; ele necessita de atores que o busquem e o mantenham constantemente, uma vez que a revista demanda contribuições, assinaturas, estratégias de divulgação, etc. Assim, parte importante da continuidade de *Sul* estava baseada na manutenção da rede de contatos que o grupo possuía com outras regiões e países, seja para obter contribuição ou para fazer a revista circular e romper sua condição de “isolados” e “insulados”.<sup>334</sup> Por sua complexidade, era natural que a tarefa fosse compartilhada e, portanto, se Aníbal Nunes Pires e Archibaldo Cabral Neves são os responsáveis por contatar e

<sup>331</sup> *Sul*, Florianópolis, n. 20, ago. 1953, p. 1.

<sup>332</sup> *Sul*, Florianópolis, n. 17, out. 1952, p. 1.

<sup>333</sup> *Sul*, Florianópolis, n. 21, dez. 1953, n. p.

<sup>334</sup> “Fator que julgamos de suma importância, com a revista, não estamos isolados, insulados, mas participantes e dando nossa contribuição para um melhor conhecimento e entendimento entre os homens. Se bem que modesta, sabemos que nossa tarefa, juntamente com muitas outras iguais de tôdas as partes, é uma contribuição”. *Ibidem*.

viabilizar a representação de *Sul* em Buenos Aires, através de Blanca Terra Vieira,<sup>335</sup> é possível afirmar, ao cruzar as contribuições africanas publicadas na *Sul* com as *Cartas D'África*, que Salim Miguel apresenta-se como o principal mediador entre o Grupo Sul e os intelectuais de língua portuguesa no continente africano, além de ser o responsável pela publicação de suas produções na revista. Pelo menos parte dessas contribuições podem ser rastreadas, então, a partir de suas correspondências.

Em sua primeira carta, Abranches comenta o envio de produções de Natércia Freire, Filinto de Menezes, António Jacinto, Humberto da Silvan, A. Leston Martins, Mário António Fernandes de Oliveira, Domingos de Azevedo, Bertina Lopes, Duarte Galvão e Noémia de Sousa.<sup>336</sup> Desses, António Jacinto, Humberto da Silvan, Bertina Lopes e Noémia de Sousa são publicados nos números imediatamente seguintes à data da carta, 17 e 18. Bertina e Noémia, que publicaram novamente nos n. 19 e 20, respectivamente, são novamente citadas em julho de 1954, quando Abranches comenta que “tinha a impressão de que lhe tinha enviado colaboração de mais gente, além da Bertina, da Noémia, entre eles de Domingos de Azevedo, Ilídio Rocha, Virgílio de Lemos”.<sup>337</sup> No entanto, uma vez que nenhum desses foi publicado, o receio que Abranches tinha sobre o que enviou ter “ficado pelo caminho” possivelmente prova-se verdadeiro.<sup>338</sup> Vale a pena lembrar, também, as críticas realizadas por Abranches a inúmeros livros publicados pelas *Edições Sul* e que, enviadas para Salim, foram por ele reproduzidas na revista; em diversas passagens, essas produções são pensadas em conjunto nas cartas entre um e outro.

Outros exemplos importantes são as cartas de António Jacinto, Viriato da Cruz, José Graça e Manuel Filipe de Moura Coutinho. Jacinto informa em carta de setembro de 1952 que “junto a esta estou-lhe enviando um poema meu, dois da minha amiga Ermelinda Pereira Xavier, e em [um] conto do Orlando de Távora”.<sup>339</sup> Embora Ermelinda apareça somente no n. 21, em dezembro de 1953, Jacinto aparece com novos poemas em *Sul* n. 17, de outubro de 1952 (se enviado por ele um mês antes ou o enviado por Abranches quatro meses antes, impossível dizer),<sup>340</sup> e Távora figura em *Sul* n. 18, de dezembro de 1952, com o conto *Orpheu*, ao qual Jacinto se refere na carta.<sup>341</sup> Viriato da Cruz, por sua vez, informa em fevereiro de 1953 que está enviando “dois poemas de Noémia de Sousa, um de Mário António

<sup>335</sup> Carta de Blanca Terra Vieira reproduzida em *Sul* n. 12, já discutida.

<sup>336</sup> MIGUEL, ref. 10, p. 57-58.

<sup>337</sup> Ibidem, p. 92.

<sup>338</sup> Ibidem.

<sup>339</sup> Ibidem, p. 18.

<sup>340</sup> JACINTO, António. Dois poemas de António Jacinto. *Sul*, Florianópolis, n. 17, out. 1952, p. 26.

<sup>341</sup> TÁVORA, Orlando. *Orpheu*. *Sul*, Florianópolis, n. 18, dez. 1952, p. 61-63.

e outro meu”.<sup>342</sup> O poema dele, como discutido, trata-se de *Na encruzilhada*, publicado em *Sul* n. 19; o de Noémia, escritora “da outra-costa (Moçambique)” e que também chegou até Salim por intermédio de Abranches, provavelmente é *Dia a dia*,<sup>343</sup> publicado no n. 20, de agosto de 1953. Mário António, no entanto, só aparece na *Sul* n. 25, de agosto de 1955.

As contribuições enviadas por José Graça, em um contato realizado já no fim das atividades do CAM, não foram muito utilizadas. Ele escreve em janeiro de 1957 que “ainda não recebi resposta à m/ carta de 12/12/56, em que perguntava a V. se interessaria colaboração de jovens angolanos. Assim, tomo a liberdade de enviar um conto e três poemas para s/apreciação e no caso de pretender, publicação”;<sup>344</sup> em junho de 1957, continua: “poderei continuar a enviar colaboração daqui?”.<sup>345</sup> Em setembro, após resposta negativa de Salim, José Graça diz compreender “o que me diz quanto à publicação da colaboração na revista. Saberemos esperar”.<sup>346</sup> Interessante é que, em 1957, último ano de confecção da revista *Sul* com dois números editados, apenas uma produção vinda do continente africano foi reproduzida: o conto *O homem e a terra*, de José Graça, provavelmente o que ele se refere na carta de janeiro de 1957 e presente no n. 30;<sup>347</sup> Abranches, embora tenha produções editadas nos n. 29 e 30, já estava no Brasil.

Por fim, Manuel Filipe de Moura Coutinho, quem se tornou representante em Moçambique após a viagem de Abranches ao Brasil, também indica que está enviando contribuições para a revista *Sul* em maio de 1956: poemas de Gil Delgado, que ele considera “bastante fracos”, poemas seus que estarão num livro que publicará em breve, chamado *A paz de toda a gente*, e notícias do ambiente cultural de Lourenço Marques.<sup>348</sup> Seus poemas e as notícias enviadas foram publicadas no n. 28 de *Sul*; os primeiros informando, inclusive, que são “dois poemas de ‘A PAZ DE TODA A GENTE’”,<sup>349</sup> e as notícias, que comentavam sobre os lançamentos dos livros de Afonso Ribeiro (contendo forte crítica à prostituição presente na sociedade portuguesa) e do próprio Manuel, são vinculadas às *Notas & comentários* sem estarem assinadas,<sup>350</sup> atendendo ao pedido dele “por motivos óbvios...”.<sup>351</sup>

<sup>342</sup> MIGUEL, ref. 10, p. 44.

<sup>343</sup> SOUSA, Noémia de. *Dia a dia*. **Sul**, Florianópolis, n. 20, ago. 1953, p. 24.

<sup>344</sup> MIGUEL, ref. 10, p. 31.

<sup>345</sup> *Ibidem*, p. 32.

<sup>346</sup> *Ibidem*, p. 34.

<sup>347</sup> GRAÇA, José. *O homem e a terra*. **Sul**, Florianópolis, n. 30, dez. 1957, 119-121.

<sup>348</sup> MIGUEL, ref. 10, p. 107-108.

<sup>349</sup> COUTINHO, Manuel Filipe de Moura. Dois poemas de ‘A paz de toda a gente’. **Sul**, Florianópolis, n. 28, dez. 1956, 36-37.

<sup>350</sup> Notícias de Lourenço Marques. **Sul**, Florianópolis, n. 28, dez. 1956, p. 78.

<sup>351</sup> MIGUEL, ref. 10, p. 108.

O protagonismo de Salim na mediação com intelectuais na África, além das numerosas cartas endereçadas ao “meu caro Salim”, se reforça se retomarmos o tímido contato entre o Grupo Sul e escritores da África realizado entre 1949 e 1950 e que resultou, como já abordado, em duas publicações de autores africanos na página literária mantida pelo CAM no jornal *O Estado* e numa breve troca epistolar com jovens de São Vicente de Cabo Verde. Algum integrante específico do grupo ficou responsável por entrar em contato com Nuno Miranda ou com a Rádio Clube Mindêlo? E em mantê-lo? Provavelmente não, pois o primeiro direciona sua carta para os “Diretores de ‘Sul’” e o segundo faz um apelo geral aos “brasileiros de Santa Catarina”.

Após o n. 11, de maio de 1950, novas produções do continente africano são reproduzidas apenas em *Sul* n. 15, de março de 1952. Uma vez que a aproximação inicial aconteceu, mas perdeu-se em determinado momento de 1950<sup>352</sup> para ser retomada apenas em abril/maio de 1952, a partir do contato entre Salim Miguel e Augusto dos Santos Abranches, tudo indica que é Salim quem “assume a bronca” de renovar o contato e cultivá-lo desde então, dado que é só após a visita de Rebelo e a entrega do contato de Abranches para Salim que um número maior de produções oriundas do continente africano passa a aparecer na *Sul*. Além disso, as cartas de José Graça que num primeiro momento vinham destinadas aos “Amigos e Senhores” do Grupo Sul,<sup>353</sup> logo passam a saudar o “Amigo Sr. Salim Miguel”,<sup>354</sup> o “Amigo Salim Miguel”<sup>355</sup> e simplesmente o “Meu caro Salim”;<sup>356</sup> o que reforça a ideia de que era Salim o responsável por manter o contato.

A mediação de Salim, portanto, resultou em um maior pico de publicações vindas do continente africano entre os n. 17 e 21, de outubro de 1952 a dezembro de 1953, nos primeiros dois anos de contato. Nesse tempo, publicaram Augusto dos Santos Abranches, Bertina Lopes, Noémia de Sousa, Humberto da Silvan e João Aires, de Moçambique; António Jacinto e seu pseudônimo Orlando de Távora, Viriato da Cruz e Ermelinda Pereira Xavier, de Angola; Nuno Miranda, de Cabo Verde; e Francisco José Terneiro, de São Tomé. Outros apareceram depois, com publicações esporádicas nos n. 25, 26, 28 e 30, especificamente Mário Antônio Fernandes de Oliveira (Angola), Manuel Filipe de Moura Coutinho (Moçambique), Natércia Freire (Moçambique) e José Graça (Angola).

---

<sup>352</sup> Seja porque o Grupo Sul estava preocupado em fortalecer sua rede de contatos a nível nacional, ainda não tinham o corpo necessário para manter contato com diversas frentes, não tinham interesse em aprofundar a aproximação, etc.

<sup>353</sup> MIGUEL, ref. 10, p. 28.

<sup>354</sup> Ibidem, p. 29.

<sup>355</sup> Ibidem, p. 31.

<sup>356</sup> Ibidem, p. 33.

Se minhas contas estiverem corretas, desde o início das publicações de caráter cultural, no n. 15, totalizam-se 38 contribuições vindas do continente africano, sendo elas 27 de Moçambique (novamente: Abranches deixa a colônia de Portugal entre fevereiro e julho de 1955, portanto as publicações veiculadas do n. 24 em diante não foram contabilizadas), nove de Angola, uma de Cabo Verde e uma de São Tomé. São 20 poesias, 9 críticas literárias e/ou notícias culturais (com exceção de duas, todas de Abranches), seis desenhos/ilustrações, dois contos e uma peça de teatro. Sete são produções de mulheres.

Quadro 2 - Publicações de intelectuais africanos na revista *Sul*

Nº	Mês/Ano	Autor (a)	País (cidade)	Texto (Tipo)
11	Maio/1950	Nuno Miranda	Cabo Verde (São Vicente)	Correspondência para os diretores de “Sul” (Carta)
11	Maio/1950	Rádio Clube Mindelô	Cabo Verde (São Vicente)	A música e a poesia do Sul do Brasil através da rádio portuguesa - Um apelo aos brasileiros (carta)
15	Mar/1952	António Jacinto	Angola (Luanda)	Convite aos outros (poesia)
15	Mar/1952	Orlando Mendes	Moçambique	Madrugada (poesia)
16	Jun/1952	Augusto dos Santos Abranches	Moçambique (Lourenço Marques)	Uma carta para longe (poesia)
17	Out/1952	Bertina Lopes	Moçambique	Dois poemas de (poesia)
17	Out/1952	António Jacinto	Angola (Luanda)	Dois poemas de (poesia);
17	Out/1952	Augusto dos Santos Abranches	Moçambique (Nampula)	Dois poemas de (poesia);
18	Dez/1952	Augusto dos Santos Abranches	Moçambique (Nampula)	Desenho (Ilustração)
18	Dez/1952	Augusto dos Santos Abranches	Moçambique (Nampula)	O conto e seus caminhos (Crítica literária)

18	Dez/1952	Noémia de Sousa	Moçambique	Cais (poesia)
18	Dez/1952	Humberto da Silvan	Moçambique (Nampula)	Justiça (poesia)
18	Dez/1952	Orlando Távora (pseudônimo de Jacinto)	Angola (Luanda)	Orpheu (conto)
18	Dez/1952	João Aires	Moçambique	Desenho (Ilustração)
19	Maio/1953	Augusto dos Santos Abranches	Moçambique (Nampula)	Poesia e um pouco mais (crítica literária)
19	Maio/1953	Nuno Miranda	Cabo Verde (São Vicente)	Poema (poesia)
19	Maio/1953	Viriato da Cruz	Angola (Nova Lisboa, hoje Huambo)	Na encruzilhada (poesia)
19	Maio/1953	Francisco José Terneiro	São Tomé e Príncipe	1619 (poesia)
19	Maio/1953	Bertina Lopes	Moçambique	Desenho (ilustração)
19	Maio/1953	Augusto dos Santos Abranches	Moçambique (Nampula)	Registo (crítica literária)
20	Ago/1953	Augusto dos Santos Abranches	Moçambique (Nampula)	Motivo e circunstância da poesia (Crítica literária)
20	Ago/1953	Noémia de Souza	Moçambique	Dia a dia (poesia)
20	Ago/1953	Augusto dos Santos Abranches	Moçambique (Nampula)	Composição (Ilustração)
20	Ago/1953	Augusto dos Santos Abranches	Moçambique (Nampula)	Registo (crítica literária)
21	Dez/1953	Ermelinda Pereira Xavier	Angola	Dois poemas de (poesia)
21	Dez/1953	Augusto dos Santos Abranches	Moçambique	O inútil retorno (poesia)
21	Dez/1953	Augusto dos Santos Abranches	Moçambique	O grande momento (peça de teatro)
22	Jun/1954	Augusto dos Santos Abranches	Moçambique	Solidão (ilustração)

23	Dez/1954	Augusto dos Santos Abranches	Moçambique	O caminho da ficção (crítica literária)
24	Maio/1955	Augusto dos Santos Abranches	Portugal	Ferreira de Castro e seu último livro (crítica literária)
24	Maio/1955	Augusto dos Santos Abranches	Portugal	O rosto (ilustração)
25	Ago/1955	Augusto dos Santos Abranches	Já está no Brasil	Mulheres (ilustração)
25	Ago/1955	Noémia de Sousa	Angola (Luanda)	Porquê (poesia)
25	Ago/1955	Mário Antônio Fernandes de Oliveira	Angola (Luanda)	Tropa negra (poesia)
26	Fev/1956	Augusto dos Santos Abranches	Já está no Brasil	Notas de leitura (crítica literária)
26	Fev/1956	Manuel Filipe de Moura Coutinho	Moçambique (Lourenço Marques)	Epigrama (poesia)
26	Fev/1956	Manuel Filipe de Moura Coutinho	Moçambique (Lourenço Marques)	Canto para o Pereira Gomes (crítica literária)
26	Fev/1956	Natércia Freire	Moçambique	Poema (poesia)
27	Maio/1956	Augusto dos Santos Abranches	Já está no Brasil	Paisagem africana (linoleogravura)
28	Dez/1956	Manuel Filipe de Moura Coutinho	Moçambique (Lourenço Marques)	Dois poemas de “A paz de toda gente” (poesia)
28	Dez/1956	Mário António	Angola	Solidariedade (poesia)
28	Dez/1956	Manuel Filipe de Moura Coutinho	Moçambique (Lourenço Marques)	Notícias de Lourenço Marques
29	Jun/1957	Augusto dos Santos Abranches	Já está no Brasil	Três poemas de regresso (poesia)
30	Dez/1957	Augusto dos Santos Abranches	Já está no Brasil	Posição (Crítica literária)

30	Dez/1957	José Graça (depois Luandino Vieira)	Angola (Luanda)	O homem e a terra (conto)
----	----------	-------------------------------------	-----------------	---------------------------

Fonte: Revista *Sul*, elaborado pelo autor.

Dessa forma, as contribuições vindas do continente africano tornam-se parte importante das publicações da revista *Sul*, uma vez que, somadas, só ficam atrás em quantidade das oriundas de Portugal e tem média próxima de duas produções por número (a partir de sua primeira reprodução até o fim da revista). Além disso, junto das colaborações de outros estados brasileiros e de Portugal, Argentina e Uruguai,<sup>357</sup> as produções de Angola e Moçambique tornam-se não só aparições esporádicas, como são as de Costa Rica, Cuba ou Alemanha, mas sim parte integrante da revista do CAM, amplificando as produções dos jovens que produziam na África e, por diversos motivos, eram impedidos de publicar em seu território. A partir do n. 22, de julho de 1954, porém, o número de produções de intelectuais do continente africano veiculadas na revista cai, ainda que o contato com os principais correspondentes se mantenha.

O motivo talvez seja explicado, em partes, pelo agravamento da censura nos correios a partir de 1954. Abranches escreveu em dezembro daquele ano: “presentemente estão fazendo já censura a todas as publicações estrangeiras, nos correios”.<sup>358</sup> Assim, a justificativa pela diminuição de conteúdo de origem africana veiculado na *Sul* pode ter relação com o acentuar da censura nas postagens e/ou recebimentos, impedindo os intelectuais na África de remeter a Salim as produções de caráter anticolonial que, ao circular, denunciam as violências da ditadura de Salazar. As suspeitas de Abranches, em julho de 1954, ao enviar mais contribuições do que Salim recebeu e de elas terem “ficado pelo caminho” corroboram a hipótese maior fiscalização empregada pelo governo colonial. Ainda assim, como discutido anteriormente, a censura não era totalmente efetiva, dado que logo após indicar o fortalecimento da censura nos correios, Abranches tranquiliza Salim ao informar que recebeu tudo aquilo que o catarinense o tinha remetido,<sup>359</sup> e mesmo José Graça afirma, em diversas passagens entre 1956 e 1957, que recebeu a *Sul* e/ou enviou para Salim seu livro e outras contribuições. Vale destacar, ainda, que Salim possuía em mãos contribuições antigas dos

<sup>357</sup> A relação do CAM com outros países da América Latina é uma esfera de atuação de *Sul* que vem se tornando objeto de estudos recentes. A importância desse contato também está estampada nas páginas da revista, que não só abrigava produções vindas de diferentes países do continente como também contava com representantes em Buenos Aires e Montevideú, ampliando a circulação de *Sul* pela América Latina.

<sup>358</sup> MIGUEL, ref. 10, p. 95.

<sup>359</sup> Ibidem.

intelectuais africanos, mas, mesmo assim, optou apenas por publicar Abranches nas edições da revista de 1954, n. 22 e 23.

O contato, desde que se estabeleceu, sempre resultou em reproduções de origem africana na revista *Sul*, mesmo que num primeiro momento mais frequente e, nos últimos anos da revista, mais discreto. Nesse sentido, a partir de sua atuação (contatar, receber, selecionar, publicar e enviar *Sul*, reiniciando o processo), Salim torna possível, utilizando novamente Gomes e Hansen, uma “‘rotinização’ de significados de bens culturais”, que “tem como premissa, muitas vezes, fazer com que seus produtos sejam ‘recebidos/consumidos’ em larga escala, utilizando para isso suportes de grande circulação [...], tudo variando ao longo do tempo/espço”.<sup>360</sup> Isso permite que, de um lado, os intelectuais residentes na África dispostos a enfrentar a censura colonial passem a acessar e publicar na revista *Sul*, tornando-a parte integrante de seu cotidiano ao discutir as produções nela contidas e almejar a publicação de suas produções, e, de outro, que os integrantes do CAM, em especial Salim Miguel, a partir de seu local e dos objetivos culturais e políticos que tinha, receba e publique as produções dos “novos” também da África, conhecendo suas dificuldades e contribuindo à sua maneira.

### Novas pontes

Ao longo da década de 1950, Salim não foi o único do CAM que se correspondeu com intelectuais na África.<sup>361</sup> É o que dá a entender Abranches quando escreve, por exemplo, uma nota “sobre o livrito do Walmor [Cardoso da Silva, membro do CAM]” e confessa que “era para lhe enviar directamente, mas não tive forças para isso, pois me deixou desolado o que escrevi”,<sup>362</sup> a passagem indica que Abranches já possuía o contato de Walmor e, portanto, que uma aproximação prévia entre os dois pode ter acontecido. Além disso, José Graça, em carta

<sup>360</sup> GOMES; HANSEN, ref. 13, p. 33.

<sup>361</sup> Não posso deixar de destacar a importância que Viriato da Cruz, António Jacinto e Augusto dos Santos Abranches davam a Eglê Malheiros e sua obra. Para ficar em um exemplo, em julho de 1953, seis meses após Salim informar sobre seu casamento com Eglê, Abranches reclama que “o que ainda não recebi [além de toda a contribuição enviada] foi a prometida carta de Eglê, e creia que, com enorme interesse, a espero”. Em maio de 1954, Abranches reforça o pedido: “gostaria também que não se esquecesse de me dizer o que é feito dessa célebre carta que a Eglê ficou de me mandar, dizendo do que pensa da minha poesia”. Foi só em julho de 1954, ao ser informado da gravidez de Eglê, que Abranches aceita então que a carta não chegaria: “com que então um herdeiro? Peça por mim perdão à Eglê por ter tido ousadia em insistir na prometida carta. A demora está mais que justificada”. Nesse sentido, é importante chamar a atenção para o fato de que Eglê, mulher reconhecida por sua capacidade literária, precisava passar boa parte de seu tempo cuidando dos filhos, atividade considerada de responsabilidade feminina. Isso, como fica evidente nas cartas de Abranches, não só “obrigou” Salim a cultivar o contato em seu lugar como também a impedia de produzir tanto quanto gostaria e de, portanto, ser ainda mais reconhecida. Assim, um aspecto que não pode ser desconsiderado no protagonismo do contato de Salim é, justamente, o de que ele podia dedicar-se à atividade literária durante muito mais tempo do que sua esposa.

<sup>362</sup> MIGUEL, ref. 10, 75-76.

de janeiro de 1957, pede a Salim para “agradecer por mim a Aníbal Nunes Pires a dedicatória com que me honrou”,<sup>363</sup> provavelmente referenciando seu livro *Terra Fraca*, coletânea de poesias publicada em 1956, tal como Viriato agradece “a honrosa dedicatória que sua exma. esposa inscreveu no livro *Manhã* que teve a gentileza de me enviar”, referindo-se a Eglê.<sup>364</sup>

Igualmente, os intelectuais africanos, quando do contato com Salim, já tinham bom conhecimento sobre outros escritores e movimentos brasileiros, como indicam diversas passagens nas cartas. Abranches, por exemplo, informa que, além de Machado de Assis, conhecem do Brasil Jorge Amado, Graciliano Ramos, Raul Bopp, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Jorge de Lima, Cecília Meireles, Mário de Andrade e outros.<sup>365</sup> Isso, como já discutido, provavelmente se dá pelo fato de Abranches ter sido dono de livraria em Portugal; mas outros, como António Jacinto, indicam ser familiares a escrita de Jorge Amado e Graciliano Ramos,<sup>366</sup> além de conhecer também escritores brasileiros criticados por Eugénio Ferreira<sup>367</sup> e saber de uma livraria em Montevideu que pode lhe fornecer os livros que precisa.<sup>368</sup> Viriato, por sua vez, conhece além de Jorge Amado, Rodolfo Ghioldi, “pensador poderoso” argentino,<sup>369</sup> J. G. de Araújo Jorge, brasileiro,<sup>370</sup> e a revista *Ler*, de Portugal.<sup>371</sup>

Em vista disso, os intelectuais de língua portuguesa não estavam isolados e Salim não era único, mas um dos intelectuais na grande rede de sociabilidades que existia entre as margens do Atlântico na década de 1950. Mesmo assim, sua mediação fez com que essa rede se ampliasse ainda mais, ora possibilitando o contato com produções de escritores até então desconhecidos, especialmente pelo envio da *Sul*, ora aproximando os africanos a novos atores nas margens do Atlântico pelo envio dos contatos que possuía.

Por meio da *Sul*, por exemplo, Jacinto e Viriato concordam com as resoluções do IV Congresso Brasileiro de Escritores e tomam conhecimento de Lila Ripoll; também, é a partir de uma crítica literária chamada *Jesus Lara, romancista bolivariano*, publicada na *Sul* n. 27, em maio de 1956,<sup>372</sup> que José Graça escreve para Salim, em outubro do mesmo ano,

---

<sup>363</sup> Ibidem, p. 29-30.

<sup>364</sup> Ibidem, p. 45.

<sup>365</sup> Ibidem, p. 58.

<sup>366</sup> Ibidem, p. 25.

<sup>367</sup> Ibidem, p. 26.

<sup>368</sup> “Consta-me haver em Montevideu uma boa livraria, salvo erro, Editiones Pueblo (?), capaz de fornecer deste material [os livros sobre a China comunista]”. Ibidem, p. 27.

<sup>369</sup> Ibidem, p. 41.

<sup>370</sup> Ibidem, p. 44-45.

<sup>371</sup> Ibidem, p. 43.

<sup>372</sup> Jesus Lara, romancista bolivariano. *Sul*, Florianópolis, n. 27, maio 1956, p. 27-33.

demonstrando interesse em conhecer mais do autor e solicitando o “endereço da casa editora a fim de entrar em contacto com ela” para adquirir obras do boliviano;<sup>373</sup> por fim, quando pretende fazer a viagem pela África e desembarcar no Brasil, Abranches informa, em julho de 1954, que entrará em contato com, entre outros, Blanca Terra Vieira, Nélida Aurora Oviedo, Guido Wilmar Sassi, Herberto Sales e os demais “representantes de *Sul* pelo Brasil” em busca de contribuições.<sup>374</sup> Um dos desdobramentos dessa aproximação é a tradução feita por Abranches da poesia *Canto e aurora*, de Blanca Terra Vieira, dedicada a Nélida Aurora Oviedo e reproduzida em *Sul* n. 26, de fevereiro de 1956.<sup>375</sup>

Salim também enviava contatos para os intelectuais africanos, aproximando-os de outros intelectuais no continente americano. É o caso do contato iniciado entre José Graça e o português exilado em Buenos Aires Simões Júnior, possibilitando “uma permuta de livros” entre os dois,<sup>376</sup> da solicitação de Abranches por “uma relação dos movimentos [de “novos” do Brasil] a que me poderei dirigir”, para estabelecer relação semelhante à que tinha com o Grupo Sul,<sup>377</sup> e do pedido de Viriato para informar “em que cidade brasileira tem a revista *Para Todos* a sua redação”.<sup>378</sup>

O exemplo de Lila Ripoll deixa a mediação de Salim ainda mais clara: Viriato solicita, em 23 de setembro de 1952, “um favor. Pode enviar-me o endereço de Lilla (*sic*) Ripoll?”.<sup>379</sup> Jacinto, um dia depois, escreve para Salim informando que “há tempos escrevi a Lilla (*sic*) Ripoll por intermédio de *Sul*. Espero façam chegar esta carta com maior brevidade à destinatária”. Ele conclui dizendo que “meu colega e amigo Viriato da Cruz (o nosso melhor poeta) escreveu-lhe outro dia, a pedir o endereço de Lilla (*sic*).<sup>380</sup> Dessa forma, Jacinto solicita que, enquanto o contato de Lila não chega até eles, Salim faça chegar à escritora gaúcha a carta que recebeu. Em 25 de novembro de 1952, Abranches informa que está feliz por Lila “ter gostado da minha nota” e “por ela ir mandar o livro e outras coisas ao António Jacinto”.<sup>381</sup> Portanto, o contato solicitado por Viriato a Salim foi enviado e, dois meses depois, Lila já correspondia-se com escritores em solo africano a partir da mediação de Salim.

Esse movimento é importante porque, da mesma forma que Jesus Lara passava a ser conhecido na África, despertando o interesse de José Graça, ou que Lila Ripoll cultivava

<sup>373</sup> MIGUEL, ref. 10, p. 28.

<sup>374</sup> Ibidem, p. 91.

<sup>375</sup> VIEIRA, Blanca Terra. *Canto e aurora*. **Sul**, Florianópolis, n. 26, fev. 1956, p. 68.

<sup>376</sup> MIGUEL, ref. 10, p. 31.

<sup>377</sup> Ibidem, p. 64.

<sup>378</sup> Ibidem, p. 38.

<sup>379</sup> Ibidem.

<sup>380</sup> Ibidem, p. 18.

<sup>381</sup> Ibidem, p. 74.

admiradores em Angola e Moçambique, as produções de Viriato da Cruz, António Jacinto, Augusto dos Santos Abranches, Noémia de Sousa e de todos os outros reproduzidos na revista podem, com a circulação da *Sul*, ser reconhecidos em diferentes partes do Brasil e do mundo, amplificando sua voz e ampliando sua rede de sociabilidades. Por isso a importância da revista do CAM e da mediação de Salim no contato com os intelectuais do continente africano: com o objetivo inicial de romper o isolamento cultural em Santa Catarina abrigoando as produções dos “novos”, a revista do CAM encontra, no outro lado do Atlântico, jovens dispostos a enfrentar a censura colonial para, ao mesmo tempo, acessar produções brasileiras, publicar aquilo que não podiam e, assim, construir relações com outros países que influenciam e ampliam suas possibilidades de resistência.

### Aproximações e resistências

*Porque é que as acácias de repente / floriram flores de sangue?  
Porque é que as noites já não são calmas e doces / porque são agora carregadas de  
eletricidade / e longas, longas?  
Ah! Porque é que os negros já não gemem / noite fora, / porque é que os negros gritam  
gritam à luz do dia?*<sup>382</sup>

Noémia de Sousa

*Lançaram fogo à cubata / onde nasci / e destruíram meu campo / de mandioca  
Daí minha farda / e este barrete vermelho / e esta espingarda na mão  
e o desamor da terra / em mim criado*<sup>383</sup>

Mário Antônio Fernandes de Oliveira

Há outro ponto importante nas cartas dos intelectuais africanos que informam quais autores estão enviando: uma vez que Abranches envia produções de Natércia Freire, Filinto de Menezes, António Jacinto, Humberto da Silvan, A. Leston Martins, Mário António, Domingos de Azevedo, Bertina Lopes, Duarte Galvão e Noémia de Sousa, e apenas António Jacinto, Humberto da Silvan, Bertina Lopes e Noémia de Sousa são publicados, nem tudo que Salim recebe é reproduzido na *Sul* e, logo, aqueles que foram, não o foram por acaso. Então por quê? E por quem foram selecionadas? Diversas passagens das cartas já comentadas anteriormente dão a entender que Salim era o responsável não só pela recepção, mas também pelo crivo e publicação: em carta de junho de 1952, Abranches escreve que “nada há a

<sup>382</sup> SOUSA, Noémia de. Porquê. *Sul*, Florianópolis, n. 25, ago. 1955, p. 23.

<sup>383</sup> OLIVEIRA, Mário Antônio Fernandes de. Tropa negra. *Sul*, Florianópolis, n. 25, ago. 1955, p. 24.

lamentar o ter chegado às suas mãos a colaboração que lhe enviei já depois de paginado o número 17 de *Sul*. O vir neste ou naquele número é secundário”,<sup>384</sup> e, após pedir se podia continuar enviando colaboração, José Graça afirma compreender “o que me diz quanto à publicação da colaboração na revista. Saberemos esperar”.<sup>385</sup> Isso, aliado às publicações na *Sul* que podem ser rastreadas a partir das cartas enviadas para Salim, indicam que também era ele quem selecionava aquilo que recebia para publicação.

Mas por que ele selecionava o que selecionava? É evidente que era preciso escolher as produções por diversos motivos, como o limite de páginas da revista ou a qualidade do texto. Porém, são justamente essas necessidades que implicam um critério adicional de seleção; se são muitas as produções recebidas, qual delas escolher? A com melhor escrita?

Salim indica no livro *Memória de editor com Salim Miguel e Eglê Malheiros* que “na revista [*Sul*] não havia preocupação partidária. Havia a preocupação com os textos, com a qualidade do que se estava publicando”. No entanto, Eglê dispara que na *Sul* “ninguém publicaria um texto bem escrito fascista”, no que Salim concorda dizendo que “um texto do Plínio Salgado não se publicaria, podia estar muito bem escrito”.<sup>386</sup> Se não era a qualidade do texto em si que influenciava na escolha dos textos, e a busca de Salim pelo contato com intelectuais de fora do estado tinha objetivos culturais e, por consequência, objetivos políticos, a seleção também parece ter.

No n. 1 da *Sul*, em sua coluna *P’ra início de conversa*, Salim garante que falará de livros com “afastamento completo de partidarismo”. Linhas à frente, contudo, garante que “se a boa leitura é a maior fonte de cultura do homem, a má leitura [...] é prejudicial, muito prejudicial mesmo. Faz-nos ver com côres irreais a realidade da vida”.<sup>387</sup> Quais seriam, portanto, essas boas leituras? Para Salim, livros de Lima Barreto, aquele que retrata com propriedade a vida da população pobre do Rio de Janeiro e que possui obra com “a amarga e bela tristeza da vida”;<sup>388</sup> de Cruz e Sousa, que enfrenta o racismo em terras catarinenses e, no simbolismo, encontra maneiras de ilustrar as dores do povo negro;<sup>389</sup> e de Graciliano Ramos, que construiu uma “obra de combate” que ficará “como uma das maiores da língua”,<sup>390</sup> uma vez que ele “é um homem que não é da torre de marfim, mas atuante”.<sup>391</sup>

<sup>384</sup> MIGUEL, ref. 10, p. 62.

<sup>385</sup> Ibidem, p. 34.

<sup>386</sup> BRUCHARD, ref. 20, p. 21.

<sup>387</sup> MIGUEL, Salim. *P’ra início de conversa*. *Sul*, Florianópolis, n. 1, jan. 1948, p. 4.

<sup>388</sup> MIGUEL, Salim. Lima Barreto, um escritor quase desconhecido. *Sul*, Florianópolis, n. 2, fev. 1948, p. 10.

<sup>389</sup> MIGUEL, Salim. Atualismo de Cruz e Sousa. *Sul*, Florianópolis, n. 3, abr. 1948, p. 1, 4 e 8.

<sup>390</sup> MIGUEL, Salim. Nota sobre Graciliano Ramos. *Sul*, Florianópolis, n. 18, dez. 1952, p. 9-11.

<sup>391</sup> MIGUEL, Salim. Lembrança de Graciliano. *Sul*, Florianópolis, n. 19, maio 1953, p. 1-6.

Dessa forma, percebe-se uma importância central, na crítica de Salim, às obras que refletem a realidade do povo e que discutem os problemas por ele vivenciados. Essa é uma das heranças, segundo Salim, que os modernistas de 1922 deixaram para as gerações futuras que neles buscam inspiração. “Provocando, forçando os demais a se moverem, trazendo à rua os problemas, se não os resolvendo porém mostrando-os, debatendo-os”, os modernistas de 1922 abriram caminho para a geração de Jorge e Graciliano.<sup>392</sup> E, uma vez que não “se pode fugir à época em que se vive, do período que se atravessa” e que “não se deve louvar o novo senão pelo que êle representa de espírito vivo contra o velho e caduco”,<sup>393</sup> a boa arte para Salim Miguel reside na tentativa de apresentar, discutir e propor maneiras de superar os “problemas atinentes ao meio e às condições sociais”,<sup>394</sup> ou seja, os problemas do povo contemporâneos à sua época (a modernização, a democracia burguesa, a Guerra Fria, etc.). “Só mostrando os problemas, debatendo-os e estudando-os é que poderemos solucioná-los. Nem me venham dizer que a arte não é para isto. Então para que será? Para deleite de meia dúzia de burgueses entediados é que não será!”<sup>395</sup>

Mas não são quaisquer problemas, como Salim discute em mais de uma oportunidade. Grupo caracterizado como “todo aquele inconformado não importando a idade”, que “procura fazer obra imperfeita porém o mais possível sua”,<sup>396</sup> abertos a repensar certos modelos e a imaginar novas possibilidades em um mundo em reconstrução, os “novos”, para Salim, precisam parar de importar os problemas europeus e dos EUA, deixar de consumir “gibis, futebol e cinema americano”<sup>397</sup> e confrontar sua realidade em uma “busca constante e até às vezes desnorteadora porém sempre útil para a libertação [artística/cultural]”.<sup>398</sup> E, uma vez que “o movimento de renovação artística [...] não é, como poderão pensar os mais afoitos e de julgamento apressado, uma coisa única do Brasil”, faz sentido que Salim procure e publique obras que fujam dos tradicionais problemas de origem europeia e que falem sobre sua realidade, suas experiências e suas demandas. É para isso que serve a arte para Salim e para Viriato, por exemplo; para ajudar a enxergar as dificuldades e violências existentes e conceber maneiras de superá-las.

<sup>392</sup> MIGUEL, Salim. “Semana de Arte Moderna”. **Sul**, Florianópolis, n. 16, jun. 1952, p. 1-2 e 48.

<sup>393</sup> MIGUEL, Salim. Carta resposta ao meu caro Fausto Cunha - ainda a Antologia. **Sul**, Florianópolis, n. 11, maio 1950, p. 24-26.

<sup>394</sup> MIGUEL, Salim. “A porta fechada” - contos de Rogério de Freitas. **Sul**, Florianópolis, n. 17, out. 1952, p. 45-46.

<sup>395</sup> MIGUEL, Salim. “Rio, 40 graus”. **Sul**, Florianópolis, n. 27, maio 1956, 35-38.

<sup>396</sup> MIGUEL, Salim. Carta resposta ao meu caro Fausto Cunha - ainda a Antologia. **Sul**, Florianópolis, n. 11, maio 1950, p. 24-26.

<sup>397</sup> MIGUEL, Salim. P’ra início de conversa - Como foi perdida a paz. **Sul**, Florianópolis, n. 2, fev. 1948, p. 15.

<sup>398</sup> MIGUEL, Salim. Um livro uruguayo. **Sul**, Florianópolis, n. 10, dez. 1949, p. 22.

Nesse sentido, as produções dos escritores de língua portuguesa do continente africano eram, sem dúvida, únicas, talvez “imperfeitas”, mas “o mais possível” deles, próprias de seu local e história. Elas tratavam sobre temas relacionados às violências sofridas por seu povo, seja o passado de escravidão ou o presente colonizado, mas também temas como amor e afeto pela terra e pelos seus, necessários na construção de um novo mundo sem a exploração colonial. E, como gostaria Viriato da Cruz ao lançar o “Vamos descobrir Angola!”, as produções se caracterizam pela valorização da experiência africana, de seus sentimentos, dores e anseios, e pela negação da cultura europeia no sentido de imaginar novas perspectivas para a arte africana e novos mundos possíveis que não o do colonizador.<sup>399</sup>

*Quero cantar e cantarei*, de Jacinto, reproduzida em *Sul* n. 17, é um bom exemplo. A poesia fala que “a mão que me cerrar a boca / Não impedirá o canto que sei!”<sup>400</sup> referindo-se não só a censura/violência policial, mas também ao movimento de resistência que os faria “cantar”, mais cedo ou mais tarde, negando as imposições coloniais e buscando um governo propriamente africano. *Justiça*, de Humberto da Silvan, em *Sul* n. 18, denuncia “como gritavam aquelas bôcas, / bôcas ávidas, contorcidas e esfomeadas”, ainda que eles “tinham estampados nos olhos / a certeza da madrugada”.<sup>401</sup> A fome, denunciada na poesia, era uma das consequências das políticas coloniais e parte do cotidiano da população africana; mas, apesar dessa e de outras violências, “a certeza da madrugada” vislumbrada a partir da luta anticolonial era compartilhada por todos.

O *Poema* de Nuno Miranda presente no n. 19, e *Dia a dia*, de Noémia de Sousa, no n. 20, seguem a mesma linha: o primeiro afirma que “Se te disserem: para! / Vai, / que eu já diviso a manhã clara e prometida!”<sup>402</sup> e o segundo confirma o sentimento compartilhado de que “mais e mais se sente / a certeza radiosa de uma esperança”.<sup>403</sup> A poesia *Porquê*, também de Noémia de Sousa e reproduzida na epígrafe desta parte do trabalho, é outro exemplo fundamental do caráter da produção moçambicana do período: fala não só sobre a modernização que estava acontecendo em Moçambique, o que alterava sobremaneira a vida e as experiências dos africanos a partir de noites “longas, longas”, “carregadas de eletricidade”,

<sup>399</sup> Isso não quer dizer que toda a produção europeia fosse rejeitada, mas sim, como destaca Mazrui, que “no encontro entre as tradições poéticas autóctones e as novas formas importadas do mundo ocidental operou-se o contato cultural”. Assim, os intelectuais africanos, a partir de sua tradição oral, moldaram “as línguas e a literatura europeias em benefício da libertação e da eloquência africanas”, o que torna a poesia o gênero literário mais próximo da tradicional oralidade africana. Isso justifica, por exemplo, a prevalência de poesias sobre qualquer outro gênero literário dentro das contribuições vindas do continente africano e reproduzidas na *Sul*. MAZRUI, ref. 148, p. 663-675.

<sup>400</sup> JACINTO, António. Duas poesias de António Jacinto. *Sul*, Florianópolis, n. 17, out. 1952, p. 26.

<sup>401</sup> SILVA, Humberto da. *Justiça*. *Sul*, Florianópolis, n. 18, dez. 1952, p. 29.

<sup>402</sup> MIRANDA, Nuno. *Poema*. *Sul*, Florianópolis, n. 19, maio 1953, p. 22.

<sup>403</sup> SOUSA, Noémia de. *Dia a dia*. *Sul*, Florianópolis, n. 20, ago. 1953, p. 24.

mas também sobre a naturalização da violência empregada pelas forças coloniais contra os negros, que “gritam à luz do dia”.

A maioria das produções africanas reproduzidas na *Sul* tem, dessa forma, caráter anticolonial, buscando ao mesmo tempo valorizar a cultura africana e romper com o colonialismo. Essa característica é explicada por Ali A. Mazrui porque o socialismo era, no momento, a escolha óbvia; “uma vez que o socialismo era oposto ao capitalismo e o nacionalismo africano oposto ao imperialismo, as ideias nacionalistas na África perceberam--se na qualidade de uma fraternidade de armas com as ideias socializantes vindas de alhures”.<sup>404</sup> Se, como já discutido, boa parte dos membros do CAM tinham uma aproximação com ideais de esquerda, e que, de acordo com Correa, a *Sul* “promoveu a circulação de ideias e valores humanistas, comunistas e compartilhou algumas críticas ao colonialismo tardio”,<sup>405</sup> há, portanto, uma afinidade de concepção artística e política entre Salim Miguel e os intelectuais residentes no continente africano. Isso, ao meu ver, garante que as produções que eram reproduzidas na *Sul* fossem, justamente, aquelas com críticas ao colonialismo e, em consequência, ao capitalismo.

Salim sempre negou a pecha de comunista e nunca se filiou a partido algum, uma de suas “esquisitices” segundo Eglê,<sup>406</sup> mas já na década de 1950 a fama dele e de *Sul* por ter aproximação com ideais de esquerda era bem conhecida. Além disso, a livraria Anita Garibaldi, conhecida como “livraria do Salim”, próxima da Praça XV, era um lugar conhecido por receber simpatizantes do PCB e comercializar obras marxistas, embora ela não fosse exatamente de Salim Miguel.<sup>407</sup> Ainda, Salim foi preso em 1964 poucos dias após o golpe militar, mais uma vez por conta da alcunha de comunista. No entanto, não só suas obras, mas também suas ações de mediação realizadas no contato com os intelectuais africanos indicam uma aproximação com ideais comunistas e uma crítica ao capitalismo e aos problemas que ele trazia, seja para a população de Florianópolis ou para a população das colônias portuguesas.

Da mesma forma que Salim concorda com Eglê quando ela diz que não publicariam na revista do CAM textos de cunho fascista, teria sido ela recebida em festa, no continente africano, se circulasse com ideais fascistas? Não. Não, porque a luta diária daqueles com quem Salim se correspondia era justamente contra a opressão do sistema colonial, com bases

---

<sup>404</sup> MAZRUI, ref. 148, p. 683-684.

<sup>405</sup> CORREA, ref. 58, p. 19.

<sup>406</sup> MIGUEL, Salim. **Primeiro de Abril**: narrativas da cadeia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

<sup>407</sup> A livraria Anita Garibaldi e as relações que a envolviam são discutidas em: OPENKOWSKI, Gabriel Andrade. **Meu nome é Claudio**: a trajetória de Fernando Perreira Christino em Santa Catarina. 2024. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2024.

no racismo científico utilizado para legitimar a violência contra um povo considerado “inferior”, como fazia a ditadura fascista de Salazar com a população negra das colônias ultramarinas. É por isso que a *Sul* é tão bem aceita na África e porque os intelectuais do continente compartilhavam a vontade de publicar nela; a *Sul* preocupava-se com sua época e se compadecia de sua luta:

De Luanda, Viriato da Cruz podia ler os versos de Lilla Ripoll pelas páginas da revista *Sul*. Em cartas, o mesmo Viriato da Cruz comentava sobre a sua admiração pela poetisa porto-alegrense e comunista, assim como pelo escritor Graciliano Ramos, filiado ao PCB desde 1945, e pelo escritor francês e comunista Aragon. De Lourenço Marques, Manuel Filipe de Moura Coutinho enviara um poema em homenagem a Pereira Gomes, líder comunista do PC de Portugal, que foi publicado na revista *Sul*.<sup>408</sup>

Salim comenta que o improvável contato entre intelectuais africanos e o Grupo Sul, na tão distante Florianópolis, suscita perguntas do tipo “por que logo Florianópolis, de pequena presença africana, e não o Rio ou mais especialmente a Bahia?”.<sup>409</sup> Ele responde, no *Cartas D’África*, que foram “as tramas do destino, o momento, as circunstâncias”. Sim e não. Sim porque o destino pode ter feito Rebelo entregar o contato de Abranches a Salim, o momento o impelia na busca por novos intelectuais e as circunstâncias, embora adversas, possibilitaram o intercâmbio. E não, porque sem a mediação de Salim, mantida seja pela relação que criou, pela concepção de arte comum ou pela afinidade ideológica, de um lado, e sem a resistência dos intelectuais de língua portuguesa na África, do outro, nada seria possível.

Em Florianópolis, o Grupo Sul que tentava apreender e discutir os problemas causados pela modernização a partir da ruptura com a intelectualidade estabelecida na cidade; na África, intelectuais que sofriam com uma das faces mais cruéis do capitalismo, buscando através da cultura resistir e imaginar um mundo sem a opressão colonial. Os dois lados encontram-se e, “imersos nas sociabilidades que os situam, inspiram, demarcam e deslocam através do tempo/espaço”,<sup>410</sup> compartilham “sentimentos, sensibilidades e valores” e criam uma solidariedade comum.<sup>411</sup> Nesse sentido, além da afinidade ideológica, é impossível tratar da aproximação sem salientar a importância da amizade desenvolvida entre Salim e alguns dos intelectuais ao longo do tempo. A manutenção do contato não leva em conta apenas os objetivos culturais e políticos de Salim enquanto membro do CAM, mas também os sentimentos que ele passou a nutrir por aqueles com quem formava sua sociabilidade

<sup>408</sup> CORREA, ref. 58, p. 19-20.

<sup>409</sup> MIGUEL, ref. 10, p. 8.

<sup>410</sup> GOMES; HANSEN, ref. 13, p. 24.

<sup>411</sup> Ibidem.

intelectual, tornando a aproximação com os escritores do continente africano não só produtiva, mas também afetuosa, humana.

Isso talvez tenha a ver, também, com a própria condição que escreviam os intelectuais africanos: ao solicitarem que os livros proibidos viessem de diferentes maneiras, ou compartilhar dificuldades da vida intelectual no continente, a falta de dinheiro ou a censura, Jacinto, Viriato, José Graça, Manuel, Abranches e os outros mostram-se nas cartas e, com meias palavras ou abertamente, denunciam sua condição. Uma vez que Salim chama de “aproximações” a “maneira [que] eu chego aos livros e de que maneira eles interferem e passam a participar da minha vida”,<sup>412</sup> o pequeno vislumbre da dificuldade com a qual lidavam os escritores no continente africano, aliado à proximidade ideológica e artística, causa comoção e fortalece a relação de amizade entre eles. Sobre o contato, Jacinto afirma que “a amizade não nasce com a condição essencial do contacto diário, do vulgar conhecimento da rotina do dia a dia. Há pessoas que nunca vimos e de quem somos efectivamente e activamente amigos”,<sup>413</sup> como Salim. Portanto, a relação afetuosa criada também influencia na manutenção do contato.

Quando Abranches solicita a publicação de um livro seu pelo selo do CAM em novembro de 1952,<sup>414</sup> ele exemplifica justamente que os intelectuais no continente africano enxergavam o contato com Salim Miguel como capaz de amplificar sua luta na resistência cultural e política contra a ditadura e contra o colonialismo. Por outro lado, ao solicitar a José Graça livros e contribuições “que possam facilitar um conhecimento do que se vem fazendo por aí no terreno da cultura”,<sup>415</sup> ou quando recebe e publica produções como *Na encruzilhada*, de Viriato da Cruz, *Tropa Negra*, de Mário Antônio Fernandes de Oliveira, ou *Porquê*, de Noémia de Sousa, Salim indica que entende a arte produzida no continente africano como necessária e digna de ser ouvida, possibilitando, assim, que ela fosse vista sob nova ótica:

Falavam agora de uma África moderna, dinâmica e inventiva, e não mais a partir daquelas imagens exóticas, estáticas e enfadonhas produzidas pelas literaturas de viagem e incorporadas pelos discursos colonialistas. Em nenhum momento ninguém falou em seu nome. Ao publicar os textos dos escritores angolanos, *Sul* criou espaço e promoveu condições para a sua autorrepresentação, onde eles puderam por si próprios questionar o seu lugar de enunciação, as suas limitações representacionais, e o seu papel enquanto militantes e intelectuais.<sup>416</sup>

<sup>412</sup> MIGUEL, Salim. **Aproximações**: leituras e anotações. Porto Alegre: Editora Movimento, 2002, p. 7.

<sup>413</sup> MIGUEL, ref. 10, p. 24-25.

<sup>414</sup> Ibidem, p. 74-75.

<sup>415</sup> Ibidem, p. 29.

<sup>416</sup> OLIVEIRA JUNIOR, ref. 145, p. 190.

## Considerações finais

A inclinação de renovar as artes de Florianópolis e de difundir as produções dos “novos” do Brasil e de outras partes do mundo fez com que Salim Miguel, um dos líderes do CAM, encontrasse jovens no continente africano ávidos pelo contato/intercâmbio, esfera fundamental de sua luta por independência contra a ditadura de Salazar e o colonialismo. Salim torna-se, assim, um dos elos do intenso intercâmbio cultural no Atlântico Sul, criando relações duradouras com intelectuais nas colônias ultramarinas portuguesas e amplificando sua luta anticolonial a partir de práticas de mediação cultural. Busquei, portanto, discutir não só as práticas mediadoras de Salim em si, mas também as motivações que o levaram a cultivar um proveitoso contato e intercâmbio com intelectuais no continente africano, seja pelas relações de afeto que criou, seja pela afinidade ideológica dos dois polos do contato.

Uma vez que Salim Miguel é comumente estudado por sua produção cultural, analisá-lo a partir do conceito de intelectual mediador amplia os horizontes de pesquisa sobre sua vida e obra por dar atenção às práticas de agitação cultural que fizeram parte de toda sua trajetória, além de suas motivações. Nesse sentido, o objeto de pesquisa deste trabalho foram as práticas de mediação cultural e intelectual realizadas entre Salim Miguel e intelectuais de língua portuguesa residentes no continente africano durante a década de 1950, que resultaram, entre outros, na recepção, seleção e publicação de produções de intelectuais africanos na revista *Sul*, na divulgação das atividades e ações culturais das colônias portuguesas, no envio da revista *Sul* e de outros livros solicitados para os intelectuais africanos e o envio dos contatos de outros intelectuais para os residentes na África, possibilitando a aproximação deles com diferentes partes do Brasil e do continente americano.

Ao longo da vida, Salim Miguel publicou diversos livros sobre suas anotações, leituras e releituras, como *Estrangeiros: releituras*, *Aproximações: leituras e anotações* e *Minhas memórias de escritores*, nos quais discute, entre outros, as impressões que teve ao ler certa obra, em conhecer tal escritor e as sensações de revisitá-los ao longo do tempo. Dos livros desse caráter aos quais tive acesso, Salim destina um comentário mais demorado para escritores do continente africano apenas uma vez, em *O castelo de Frankenstein: anotações sobre livros e autores*, de 1990. O comentário, intitulado *A desconhecida cultura africana*,<sup>417</sup> é parecido com outros que vez ou outra saíram na revista *Sul*: Salim discorre sobre a falta de

---

<sup>417</sup> MIGUEL, Salim. **O castelo de Frankenstein**: anotações sobre autores e livros, vol. 2. Florianópolis: Editora da UFSC; Editora Lunardelli, 1990, p. 168-170.

conhecimento da literatura de língua portuguesa produzida em Portugal e, depois, discute a ainda mais desconhecida literatura produzida pelas antes colônias portuguesas na África.

Um dos autores africanos que precisava ser lido no Brasil, segundo Salim, é o mundialmente conhecido Luandino Vieira, com quem correspondeu-se no fim da década de 1950 quando este ainda assinava como José Graça e autor do conto *O homem e a terra*, presente na *Sul* n. 30. Um dos grandes méritos do contato estabelecido entre Salim Miguel e intelectuais do continente africano, no fim das contas, é esse: ele está estampado nas páginas da *Sul*, com uma série de produções anticoloniais de importantes atores dos processos de independência de seus países, como António Jacinto, José Graça e Viriato da Cruz e, como não nos chegam os livros desses intelectuais, a *Sul* guarda produções que, sem ela, talvez nem existissem mais e que, por si só, dão novas pesquisas bastante pertinentes; a censura, a condição colonial, a esperança na libertação nacional e outros temas podem ser abordados a partir das poesias presentes na *Sul*. Além disso, Viriato da Cruz, apagado da história oficial de Angola após a vitória do MPLA pela disputa anterior que teve com seu líder, Agostinho Neto, recentemente começou a ser resgatado e ter sua importância no processo de independência devidamente reconhecida. Augusto dos Santos Abranches, por sua vez, tem poucos trabalhos sobre sua vida e importância na renovação literária que tomou Portugal na década de 1940. Tudo isso torna o intercâmbio cultural realizado e estampado na *Sul* um ponto de partida interessante para diversas pesquisas diferentes.

Embora em nenhum momento enquanto membro do CAM tenha publicado um texto ou comentário discutindo as obras que recebia do continente africano, Salim foi peça fundamental para, durante a década de 1950 e depois, fazer conhecer e difundir as produções feitas por intelectuais daquele território. Uma vez que a censura colonial impedia a maior parte dos escritores de publicarem suas obras, a prática de mediação de Salim auxiliou na amplificação de suas vozes contra a exploração colonial e a importância da compreensão das ações e relações decorrentes desse intercâmbio, condicionadas pelas violências do regime colonial, está justamente na necessidade de discutir a intelectualidade africana, apagada a partir de sua dominação e exploração, e nossa histórica proximidade com o continente africano em tempos de crescente conservadorismo, racismo e xenofobia no Brasil.

## REFERÊNCIAS

### Fontes

MIGUEL, Salim. **Cartas D'África e alguma poesia**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

PIRES, Aníbal Nunes; MIGUEL, Salim. **Sul**, Florianópolis, 1948. Disponível em: <https://www.portalcatarina.ufsc.br/documentos/?action=midias&id=160778>

**Folha da Juventude**: Órgão oficial da J.P.C., Florianópolis, 1946. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/salim.html>

### Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História**: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da História. Bauru: Edusc, 2007.

ALEXANDRE, Valentim. A África no imaginário político português (Séculos XIX-XX). **Penélope: revista de história e ciências sociais**, n. 15, p. 39-52, 1995.

AMARAL, Aracy; BARROS, Regina Teixeira de. **Moderno onde? Moderno quando?** São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2021.

BITTENCOURT, Marcelo. As relações Angola-Brasil: referências e contatos. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia; SECCO, Carmem. **Brasil-África**: como se o mar fosse mentira. Maputo: Imprensa Universitária/Universidade Eduardo Mondlane, 2003. p. 87-116.

BRUCHARD, Dorothée de (org.). **Memória de editor com Salim Miguel e Eglê Malheiros**. Escritório do Livro: Florianópolis, 2002.

CARDOSO, Rafael. **Modernidade em preto e branco**: arte e imagem, raça e identidade no Brasil, 1890-1945. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CEREZER, Larissa. Lugares da alimentação: espaços e práticas cotidianas no centro de Florianópolis (SC) na segunda metade do século XX (1950-1960). In: CAMPOS, Emerson César de; FALCÃO, Luiz Felipe; LOHN, Reinaldo Lindolfo (orgs.). **Florianópolis no tempo presente**. Florianópolis: Editora da UDESC e DIOESC, 2011. p. 119-138.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril**: cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHANAIWA, David. A África Austral. In: MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe. **História geral da África VIII**: África desde 1935. Brasília: UNESCO, 2010. p. 294-334. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000190256>.

CORADINI, Lisabete. **Praça XV**: espaço e sociabilidade. Florianópolis: Letras contemporâneas, 1995.

CORREA, Sílvio Marcus de Souza. Conexão Sul: contributo africano para o modernismo sul-brasileiro. In: PAULA, Simoni Mendes de; CORREA, Sílvio Marcus de Souza (orgs.). **Nossa África: ensino e pesquisa**. São Leopoldo: Oikos, 2016, p. 15-30.

DALCASTAGNÈ, Regina. O rumor da vida: sobre escrita, afetos e revolução. **Eixo Roda**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 59-72, 2018.

DE LUCA, Tânia Regina. **A revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

DIOP, Majhemout; et al. A África tropical e a África equatorial sob domínio francês, espanhol e português. In: MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe. **História geral da África VIII: África desde 1935**. Brasília: UNESCO, 2010. p. 67-88. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000190256>>.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos (orgs.). **Intelectuais mediadores - práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2016.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. **Escritas epistolares**. Tradução de Ligia Fonseca Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula - Visita à história contemporânea**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2005.

KREMER, Natan Schmitz. **Deslocamentos do feminino em Salim Miguel**, 2022. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política, Florianópolis, 2022.

KREMER, Natan Schmitz. **Revista Sul entre centro e periferia**. 2020. TCC (Graduação) - Curso de Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

KREMER, Natan Schmitz; VAZ, Alexandre Fernandez. Cartas D'África e alguma poesia: literatura africana de língua portuguesa na Revista Sul (Florianópolis, 1948-1957). In: RIBEIRO, Carla Brito Sousa; RUFINO, Márcia Regina Calderipe Farias (Orgs.). **Cadernos Textos e debates**, v. 10, n. 16, p. 27-40, 2018. Disponível em: <<https://nuer.ufsc.br/files/2019/02/cadernos-texto-e-debates-n16-vers%C3%A3o-online.pdf>>.

MABEKO-TALI, Jean-Michel. **Guerrilhas e lutas sociais: O MPLA perante si próprio (1960-1977)**. Lisboa: Mercado de Letras Editores, 2019.

MAESTRINI, Karla Aparecida. **Em busca da cidade moderna: As ações de saúde, de higiene e as intervenções urbanas em São Paulo durante a gestão de Antônio da Silva Prado**. 2015. Dissertação (Mestrado em História Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

MALHEIROS, Eglê; MIGUEL, Salim. Eglê Malheiros, Salim Miguel e o intercâmbio entre as duas margens do Atlântico. [Entrevista concedida a] Érica Antunes e Simone Caputo Gomes. **Revista Crioula**, São Paulo, n. 4, n. p., nov. 2008.

MATOS, Felipe. **Armazém da província**: Vida literária e sociabilidades intelectuais em Florianópolis na Primeira República. 2014. Tese (Doutorado) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

MAZRUI, Ali A.; et al. O desenvolvimento da literatura moderna. In: MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe. **História geral da África VIII**: África desde 1935. Brasília: UNESCO, 2010. p. 663-696. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000190256>>.

MIGUEL, Salim. **Aproximações**: leituras e anotações. Porto Alegre: Editora Movimento, 2002.

MIGUEL, Salim. **Minhas memórias de escritores**. Palhoça: Editora Unisul, 2008.

MIGUEL, Salim. **O castelo de Frankenstein**: anotações sobre autores e livros, vol. 2. Florianópolis: Editora da UFSC; Lunardelli, 1990.

MIGUEL, Salim. O movimento do Grupo Sul. In: SOARES, Iaponan. **Salim Miguel**: Literatura e coerência. Florianópolis: Lunardelli, 1991.

OLIVEIRA JUNIOR, Gilson Brandão. **Agostinho Neto e Agostinho da Silva**: Exílios, encontros e desencontros entre intelectuais no Atlântico Sul. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

OPENKOWSKI, Gabriel Andrade. **Meu nome é Claudio**: a trajetória de Fernando Perreira Christino em Santa Catarina. 2024. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em História, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2024.

PASCHKES, Maria Luisa de Almeida. **A ditadura salazarista**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

SABINO, Lina Leal. **Grupo Sul**: O Modernismo em Santa Catarina. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

SANTIL, Juliana Marçano. **“Ce metis qui nous trouble”**: Les représentations du Brésil dans l’imaginaire politique angolais: l’empreinte de la colonialité sur le savoir. 2006. Thèse (Doctorat en Sciences Politiques) –École Doctorale de Science Politique de Bordeaux; Université Montesquieu -Bordeaux IV; Institut d’Études Politiques de Bordeaux; Centre d’Études d’Afrique Noire), Bordeaux, 2006.

SIMÕES JÚNIOR, José Geraldo. **O setor de obras públicas e as origens do urbanismo em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Administração Pública). Fundação Getúlio Vargas, São Paulo. 1990.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2003.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **Modernismo no Rio de Janeiro**. Petrópolis: KBR Editora Digital, 2015. p. 59.